

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

LUCAS EUGÊNIO DE OLIVEIRA

ANÁLISE CONTRASTIVA DE MARCADORES DISCURSIVOS EM UMA
ABORDAGEM MODULAR: O MD *POR ISSO QUE*

BELO HORIZONTE

2017

LUCAS EUGÊNIO DE OLIVEIRA

ANÁLISE CONTRASTIVA DE MARCADORES DISCURSIVOS EM UMA
ABORDAGEM MODULAR: O MD *POR ISSO QUE*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística do Texto e do Discurso.

Área de concentração: Análise do Texto e do Discurso

Linha de pesquisa: Análise do Discurso

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Janice Helena Silva de Resende Chaves Marinho.

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2017

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

O48a Oliveira, Lucas Eugênio de.
Análise contrastiva de marcadores discursivos em uma abordagem modular [manuscrito] : o MD *por isso que* / Lucas Eugênio de Oliveira. – 2017.
105 f., enc. : il., fots., color.

Orientadora: Janice Helena Silva de Resende Chaves Marinho.

Área de concentração: Análise do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 101-105.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Tradução e interpretação – Teses. I. Marinho, Janice Helena Chaves. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 418



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



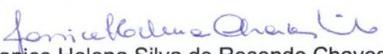
FOLHA DE APROVAÇÃO

ANÁLISE CONTRASTIVA DE MARCADORES DISCURSIVOS EM UMA ABORDAGEM MODULAR: O MD POR ISSO QUE

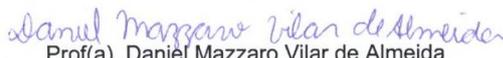
LUCAS EUGÊNIO DE OLIVEIRA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Análise do Discurso.

Aprovada em 28 de agosto de 2017, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Janice Helena Silva de Resende Chaves Marinho - Orientador
UFMG


Prof(a). Gustavo Ximenes Cunha
UFMG


Prof(a). Daniel Mazzaro Vilar de Almeida
UNIFAL-MG

Belo Horizonte, 28 de agosto de 2017.

DEDICATÓRIA

Estudando, aprendemos muito sobre muitas coisas, e acabamos por nos aprofundar em um assunto ou outro em função de nossas predileções. Dessa forma, acabamos também por (res)significar nosso mundo, o que é algo incrível! Estudar tem, assim, um quê de fascinante, que é nos oferecer novas formas de ver o mundo, de ver as pessoas, de identificar todos os discursos que nos constroem, tirando, progressivamente, o véu que nos prende à famosa caverna do mito platônico... todavia, estudar é também um ato muito solitário... trata-se de um trabalho árduo de se debruçar sobre muitos livros e sobre si mesmo no mais lancinante silêncio... Dedico, pois, esta dissertação a mim, que me enclausurei por dois anos e meio em minha pequena biblioteca, sem conviver até mesmo com as pessoas que eu mais amava, para poder me dedicar a uma vida acadêmica que, voluntária e conscientemente, eu mesmo escolhi.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, de coração, à minha orientadora, Professora Janice Marinho, que tão zelada e criteriosamente leu, releu e iluminou meus escritos nestes últimos dois anos e meio; ao Túlio, por ter sido o namorado / companheiro mais *sui generis* que eu podia ter; aos meus pais e à Jordane, por terem sido uma família tão compreensiva com as minhas inúmeras ausências sem, contudo, deixar de me amparar; à Maggie e à Margot, por serem as “filhas” mais adoráveis do mundo; a todos os meus amigos, que, mesmo sabendo que eu ficaria distante, não desistiram de mim; aos meus colegas e alunos da Aliança Francesa, que me auxiliaram em meus questionamentos sobre os conectores do português e do francês; à Federação Espírita Brasileira, que, além de suas orações, me ofereceu tão altruistamente todo o material do qual eu precisei; e a todos os professores que tive até hoje, por terem me ajudado a cultivar a minha curiosidade e meu desejo insaciável de querer aprender e descobrir cada vez mais!

*“Thought I belong to a different tribe
Walking alone, never satisfied, satisfied
Trying to fit in but it wasn't me
I said, 'Oh no, I want more
That's not what I'm looking for'
So I took the road less traveled by
And I barely made it out alive
Through the darkness somehow I survived
Tough love, I knew it from the start
Deep down in the depth
Of my rebel heart”*

Madonna

RESUMO

Este trabalho de pesquisa apresenta uma análise contrastiva francês-português de alguns marcadores discursivos da obra *L'Évangile selon le spiritisme* e sua tradução em português. Investigamos algumas passagens das duas versões dessa obra em que marcadores do francês foram traduzidos pela expressão *por isso que*, tomando como referencial teórico-metodológico o Modelo de Análise Modular do Discurso (MAM). Partimos da hipótese de que essa expressão atua na organização do discurso enquanto marcador discursivo, MD, que conecta segmentos textuais e informações estocadas na memória discursiva. Em função do corpus selecionado para esta pesquisa e estando nosso interesse centrado na descrição e explicação do funcionamento discursivo de *por isso que*, analisamos nossos dados do ponto de vista da dimensão hierárquica e da forma de organização relacional. Nossas análises apontaram que *por isso que*, de fato, funciona como um marcador discursivo ou conector, e que ele sinaliza relações textuais de justificação em relação ao segmento que o precede.

Palavras-chave: *por isso que*, justificação, tradução, Modelo de Análise Modular do Discurso, Forma de Organização Relacional.

RÉSUMÉ

Ce travail présente une analyse contrastive français-portugais de quelques connecteurs pragmatiques de l'œuvre *L'Évangile selon le spiritisme* et sa traduction en portugais. Nous examinons quelques extraits de deux versions de cet ouvrage, où des connecteurs du français ont été traduits par l'expression *por isso que*, en adoptant l'approche d'Analyse Modulaire du discours développé à Genève comme hypothèse théorique et méthodologique. Nous partons de l'hypothèse selon laquelle cette expression fonctionne dans l'organisation du discours comme un connecteur pragmatique, CP, qui relie des segments textuels et des informations stockées dans la mémoire discursive. En fonction du corpus choisi pour ce travail et étant donné notre intérêt pour la description et l'explication du fonctionnement discursif de *por isso que*, nous analysons nos données du point de vue de la dimension hiérarchique et de la forme d'organisation relationnelle. Nos analyses ont indiqué que *por isso que* fonctionne comme un connecteur (pragmatique) qui signale des relations textuelles de justification par rapport au segment qui le précède.

Mots-clé : *por isso que*, justification, traduction, Analyse Modulaire du discours, Forme d'Organisation Relationnelle.

SUMÁRIO

Introdução	11
1. Por que <i>L'Évangile selon le Spiritisme / O Evangelho segundo o Espiritismo</i> ?	14
1.1 <i>L'Évangile selon le Spiritisme / O Evangelho segundo o Espiritismo</i> e o Espiritismo no Brasil	15
1.2 <i>L'Évangile selon le spiritisme / O Evangelho segundo o espiritismo</i> : um texto sensível e sua tradução.....	23
2. Da relevância dos marcadores discursivos à metodologia e ao referencial teórico: a forma de organização relacional do Modelo de Análise Modular	30
2.1 Uma abordagem modular do discurso	35
2.2 Procedimentos de análise	40
3. Relações interativas genéricas argumentativas	42
3.1 <i>Por isso que</i> : propriedades gramaticais e discursivas	45
4. Análise do funcionamento de <i>por isso que</i> em <i>O Evangelho segundo o Espiritismo</i>	50
4.1 <i>Parce que</i> x <i>Por isso que</i>	53
4.2 <i>C'est pourquoi</i> x <i>Por isso que</i>	58
4.3 <i>Car</i> x <i>Por isso que</i>	63
4.4 <i>Puisque</i> x <i>Por isso que</i>	68
4.5 <i>C'est pourquoi</i> x <i>Por isso que</i>	72

4.6 <i>Car</i> x <i>Por isso que</i>	77
4.7 <i>C'est ainsi que</i> x <i>Por isso que</i>	83
4.8 <i>C'est pourquoi</i> x <i>Por isso que</i>	90
4.9 <i>Car</i> x <i>Por isso que</i>	95
5. Considerações finais	99
Referências	101

INTRODUÇÃO

Esta dissertação se propõe a apresentar ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (POSLIN / UFMG) uma análise contrastiva de trechos da obra *L'Évangile selon le Spiritisme* e sua tradução para o português¹ considerando, sobretudo, a marcação das relações que se estabelecem entre diferentes constituintes dos textos e informações estocadas na memória discursiva. Focalizamos os trechos em que marcadores do francês foram traduzidos no português pela expressão *por isso que*.

Nossa investigação consiste, então, no estudo de nove passagens das duas versões dessa obra, analisando-as sob o ponto de vista da Forma de Organização Relacional do discurso à luz do Modelo de Análise Modular do Discurso, proposto por Eddy Roulet e sua equipe da Universidade de Genebra, e tomado como referencial teórico-metodológico por pesquisadores brasileiros, como Pires (1997), Marinho (2002), Cunha (2012, 2014), entre outros.

A forma de organização relacional, FOR, trata das relações textuais que há entre os constituintes do texto, definidos na estrutura hierárquica, EH, isto é, permite visualizar a hierarquia entre esses constituintes assim como as relações de discurso que são estabelecidas entre eles e as informações presentes na memória discursiva, definida como “conjunto de saberes conscientemente partilhados pelos interlocutores”² (BERRENDONNER, 1983, p. 230).

O Modelo de Análise Modular do Discurso, MAM, do qual trataremos mais detidamente mais adiante, foi apresentado inicialmente como um modelo pragmático de articulação do discurso. Ele é o resultado da interseção de diversos trabalhos de várias correntes de pesquisa, incorporando estudos de pesquisadores de diferentes áreas, como a linguística, a sociologia, a filosofia e a psicologia para compor um quadro cognitivista e interacionista de análise, desenvolvendo-se, assim, em uma direção diferente da Análise do Discurso francesa (ROULET, 2001, p. 27).

Segundo o MAM, a organização relacional de um texto pode ser descrita em duas etapas. Na primeira, utiliza-se um número restrito de relações textuais genéricas que, embora encubram as nuances mais finas, são consideradas suficientes para descrever todas as formas

¹ Tradução de Guillon Ribeiro que, ao lado da de Evandro Noleto Bezerra, são as duas únicas reconhecidas e impressas pela Federação Espírita Brasileira atualmente (REFORMADOR, 2014, p. 4).

² Tradução nossa, como todas as demais feitas nesta dissertação : “(...) l'ensemble des savoirs consciemment partagés par les interlocuteurs”.

de discurso, tanto dialógico quanto monológico. Na segunda, visando-se ao tratamento de um enunciado em particular, procede-se à descrição das relações textuais específicas, com a aplicação de um princípio geral de cálculo inferencial, em função das propriedades linguísticas e contextuais desse enunciado.

Nosso objetivo com esta pesquisa é explorar alguns aspectos da tradução de Guillon Ribeiro com o olhar de analistas do Texto e do Discurso. Queremos investigar em que medida alguns aspectos linguísticos da tradução – como a escolha do marcador discursivo *por isso que* para traduzir diferentes MDs do francês – possibilitam a produção de novos efeitos de sentido ou de possíveis diferentes interpretações do texto original.

Examinamos, assim, possíveis hipóteses ligadas às informações procedurais ligadas ao uso do MD³ *por isso que* em trechos do texto traduzido em português, comparando-o com os respectivos trechos na obra original, em francês, visando, dessa forma, a analisar as relações específicas por ele sinalizadas.

Para tanto, realizamos antes um estudo buscando as propriedades gramaticais e discursivas desse marcador, as quais oferecem instruções sobre como tratar as informações por ele conectadas e sobre as implicações contextuais inferíveis dos segmentos linguísticos em que ele se encontra. Em outras palavras, tivemos a intenção de tentar compreender em que medida o marcador discursivo *por isso que* atua guiando o leitor para conclusões quanto à constituição do contexto de interpretação, ou para a produção de diferentes efeitos de sentido nos textos em que aparece.

Nosso intuito de estudar a tradução de marcadores discursivos do francês para o português foi reforçado após fazermos leituras de Portolés (2002; 2007), professor da *Universidad Autónoma de Madrid* e um grande estudioso do assunto, na medida em que leva em consideração os desafios da tradução, sobretudo de itens procedurais, de uma língua para outra.

Com este trabalho, temos a intenção de contribuir para com os estudos do campo da Análise do Discurso e da organização textual-discursiva, porque, ao estudar os MDs, buscamos reafirmar a tese de que eles, de fato, são elementos que dão “pistas” para a interpretação, ou seja, eles guiam o processo de interpretação dos interlocutores mediante a especificação de certas propriedades do contexto e dos efeitos contextuais (ALMEIDA; MARINHO, 2012, p. 194).

³ Usamos o termo marcador discursivo, MD, por ele ser um termo amplamente usado para se referir a expressões lexicais que significam uma relação entre o segmento discursivo em que se encontra e o segmento discursivo precedente (FRASER, 2005).

Também pretendemos, ainda que indiretamente, contribuir para com os Estudos da Tradução, uma vez que, demonstrando que diferentes marcadores discursivos – do francês e do português – podem sinalizar diferentes interpretações, poderemos abrir caminho para novas reflexões sobre o assunto.

1. POR QUE *L'ÉVANGILE SELON LE SPIRITISME* / O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO?

“(...) ao tradutor se pede para redizer, de ser uma orelha que fala, uma mão a serviço de uma cabeça que não é a sua.”⁴ (Jacques Perret, “Traduction et parole”, p. 14)

“(...) a tradução é inevitavelmente a consumação da interpretação que o tradutor confere à palavra que lhe foi apresentada.” (CARLUCCI, 2012, p. 84)

Diante de textos religiosos, o homem pode se deparar com proposições que são consideradas verdades eternas, imutáveis e sagradas. E não foi diferente com nossa primeira leitura de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec.

Não podemos dizer que seja desejo de todo crente ler a versão original da obra em que ele acredita, mas podemos afirmar que essa foi nossa aspiração. E ao ler *L'Évangile selon le Spiritisme*, o original em francês, e uma de suas traduções para o português, deparamo-nos, em alguns trechos, com interpretações um pouco diferentes, o que nos causou certo desconforto, pois estruturas que criamos eternas, imutáveis e sagradas haviam sido abaladas. A partir daí, passamos a buscar respostas e explicações para essa sensação de estranhamento, mas antes de passarmos a elas, julgamos necessário escrever algumas linhas sobre o livro que desencadeou nossos estudos e sobre o lugar do Espiritismo no Brasil⁵.

⁴ “(...) au traducteur on demande de redire, d’être une oreille qui parle, une main au service d’une tête qui n’est pas la sienne.”

⁵ Trata-se, aqui, de certa forma, de uma tentativa nossa de mostrar em que medida nossa pesquisa é relevante não apenas linguística mas também sociologicamente, uma vez que se propõe a estudar um texto que é tão importante para um grande número de brasileiros.

1.1 *L'Évangile selon le Spiritisme / O Evangelho segundo o Espiritismo* e o Espiritismo no Brasil

O Espiritismo é uma doutrina / religião⁶ cristã surgida na França no final da década de 1850, sob os trabalhos de Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido sob o pseudônimo de Allan Kardec (que teria sido seu nome em outra encarnação).

De acordo com os espíritas, nome que se dá aos seguidores dessa doutrina / religião, o Espiritismo seria a *terceira revelação*, ou seja, a concretização de um projeto iniciado por *Moisés*, com o Decálogo (*primeira revelação*) e aprofundado por *Jesus*, com suas leis de amor ao próximo, de caridade e de perdão (*segunda revelação*). O objetivo da *terceira revelação* seria o de esclarecer os ensinamentos de Moisés e de Jesus, dando aos homens respostas sobre o porquê de as coisas estarem / serem como estão / são.

Segundo Kardec, também chamado de “o codificador do Espiritismo”, essa nova doutrina / religião seria “o resultado de um trabalho metódico de interrogação dos Espíritos em sessões realizadas em diversos locais diferentes, utilizando as mesmas perguntas, no sentido de comparar as respostas” (RIBEIRO, 2003, p. 36). Em outras palavras, tratar-se-ia do registro de “diversos livros que teriam sido informados por Espíritos superiores como fundamento de uma nova religião, uma nova ciência e uma nova filosofia” (*idem*).

Diferentemente das demais doutrinas / religiões cristãs, o Espiritismo acredita em reencarnações e no contato com Espíritos através da mediunidade. Segundo Ribeiro (2003, p. 37),

a ideia básica que sustenta a Doutrina Espírita é a existência de espíritos e de que estes existem antes e depois da vida terrena. Assim, desaparece a concepção de morte e esta passa a ser apenas a circunstância pela qual o espírito abandona o corpo físico de sua existência na Terra, ocorrendo o que eles chamam de desencarnação.

Os espíritas acreditam ainda em repetidas existências físicas, isto é, que um mesmo espírito pode ter diversas existências tanto no planeta Terra como em outros mundos. Além disso, a afirmação de uma relação entre os homens e os Espíritos inclui o Espiritismo no quadro das religiões mediúnicas, ou seja, daquelas que partem do princípio de um *continuum*⁷ entre *mundo visível* e *mundo invisível* (CAVALCANTI, 1983).

⁶ Preferimos não entrar na questão sociológica de que se trata de uma doutrina e não de uma religião ou vice-versa. Por isso, escolhemos usar os dois termos, sempre lado a lado.

⁷ Utilizamos aqui a mesma terminologia empregada por Cavalcanti (1983) para conceituar a visão dualista de mundo presente na cosmogonia espírita.

Aos olhos de seus adeptos, o Espiritismo é uma doutrina / religião legítima por ter sido supostamente transmitido pelos Espíritos. Segundo Ribeiro (2003, p. 37), ele “foi elaborado em um momento histórico em que o pensamento filosófico e científico estava dominado pelo racionalismo, evolucionismo e pelo positivismo”, por isso são bastante explícitos em todos os livros os ideais de razão e do conhecimento racional, opostos às noções de sobrenatural e mágico.

O conjunto da obra kardequiana⁸ encontra-se reunido em cinco obras básicas, chamadas de *Codificação Espírita*. Esses livros foram compilados e publicados por Kardec entre 1857 e 1868:

- a) **O Livro dos Espíritos** (*Le Livre des Esprits*, em francês), de 1857;
- b) **O Livro dos Médiuns** (*Le Livre des Médiuns*), de 1861;
- c) **O Evangelho segundo o Espiritismo** (*L'Évangile selon le Spiritisme*), de 1864;
- d) **O Céu e o Inferno** (*Le Ciel et l'Enfer*), de 1865;
- e) **A Gênese** (*La Genèse*), de 1868.

A esses cinco livros, somam-se algumas obras complementares:

- f) **O que é o Espiritismo?** (*Qu'est-ce que le Spiritisme?*), de 1859, de Kardec;
- g) **Obras Póstumas** (*Œuvres Posthumes*), de 1890, que reúne anotações do “codificador”;
- h) **Revista Espírita** (*Revue Spirite*), um periódico francófono dedicado ao Espiritismo e publicado desde 1858. A *Revista Espírita* foi dirigida por Allan Kardec de 1858 a 1869, ano de sua morte.

Segundo Kardec, o conteúdo das obras seria oriundo de Espíritos, como São João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luís, Sócrates, Platão, Fénelon, Franklin e o *Espírito da Verdade*.

Como resultado das publicações de obras de suposta autoria dos Espíritos e sob a liderança de Allan Kardec, o movimento espírita se expandiu e se intensificou na França, chegando a outros países, principalmente ao Brasil. Os primeiros adeptos da nova doutrina /

⁸ Optamos pela utilização do neologismo “kardequiano(a)” em vez de “kardecista” porque este último é o termo empregado com fins doutrinários / religiosos.

religião no Brasil foram os membros da colônia francesa do Rio de Janeiro, difundindo-se, em seguida, pelos mais diversos setores da elite do país⁹.

No Brasil, atualmente, o Espiritismo tem um número considerável de seguidores. De acordo com o censo de 2010, último censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, somos cerca de 3,8 milhões de espíritas¹⁰. Ou seja, cerca de 2% da população brasileira. Trata-se de uma doutrina / religião com mais seguidores no Sudeste e no Sul do país. Em Minas Gerais, 2,1% da população se declaram espíritas, ou seja, 419.094 pessoas¹¹ e, mais especificamente em Belo Horizonte, esse número chega a 96.639 pessoas¹², quer dizer, 4,1% da população da capital mineira.

Na época da chegada do Espiritismo ao Brasil (segunda metade do século XIX), eram realizadas sessões mediúnicas nos lares das famílias. No entanto, com o passar do tempo, criou-se o chamado Movimento Espírita Brasileiro, composto de diversas atuações como reuniões nos lares, grupos, centros e associações profissionais como a associação médico-espírita, hospitais, asilos e orfanatos. Foi criada, então, por Augusto Elias da Silva, a Federação Espírita Brasileira, FEB, em 1884, a fim de legitimar as ações do Movimento Espírita face ao ambiente hostil, predominantemente católico, que o Espiritismo encontrou em nosso país.

Desde a criação da FEB e sob a supervisão de Augusto Elias da Silva, foi constituído todo um aparelho burocrático e institucional para dar sustentação e legitimação à nova doutrina / religião. E uma de suas principais medidas foi a determinação de que as sessões espíritas fossem realizadas nos centros, partindo do pressuposto de que este é o local legítimo para a realização de tais trabalhos. Atualmente, a FEB é a mais influente e mais importante organização representativa do Espiritismo no Brasil e em quase todos os países em que o movimento espírita está presente (ARRIBAS, 2011; LEWGOY, 2008).

A FEB, com sua editora própria, é a principal divulgadora dos livros espíritas, tanto os de Allan Kardec quanto os de outros espíritas renomados tanto no Brasil quanto internacionalmente, como Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier) ou Adolfo Bezerra de

⁹ Somente a título ilustrativo, o primeiro núcleo espírita brasileiro organizou-se na Bahia, na década de 1860, sob liderança de Luís Olímpio Teles de Menezes. O *Grupo Familiar de Espiritismo* foi fundado em 17 de dezembro de 1865, cerca de oito anos depois da primeira edição de “O Livro dos Espíritos”.

¹⁰ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2010. Tabela 1.4.1 «População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de religião - Brasil». Fonte: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf>. Acesso em 17 de nov. de 2015.

¹¹ Censo demográfico 2010: Religião – Amostra. Fonte: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=mg&tema=censodemog2010_relig>. Acesso em 21 de jun. de 2016.

¹² IBGE – Cidades. Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=310620&idtema=16&search=minas-gerais|belo-horizonte|sintese-das-informacoes>. Acesso em 21 de jun. de 2016.

Menezes Cavalcanti (Bezerra de Menezes). Ela já vendeu 45 milhões de livros, sendo 10 milhões deles apenas das obras básicas do Espiritismo¹³.

Dentre essas obras mais conhecidas, escolhemos estudar *L'Évangile selon le Spiritisme / O Evangelho segundo o Espiritismo*. Esta obra foi publicada, primeiramente na França, em abril de 1864. E logo ganhou adeptos em nosso país, tanto que, cerca de vinte anos depois, em 1º de janeiro de 1884, foi fundada a Federação Espírita Brasileira. Trata-se talvez do livro mais vendido entre as obras de Kardec e de um dos livros fundamentais da doutrina / religião espírita, por nele estarem contidas as interpretações espiritistas da moral cristã, as quais haviam sido apresentadas, *a priori*, nos quatro Evangelhos do *Novo Testamento* – em princípio, trata-se de uma releitura dos ensinamentos contidos nas máximas evangélicas.

Sob o aval da FEB, foram propostas três traduções para *L'Évangile selon le Spiritisme*: a de Joaquim Carlos Travassos (final do século XIX), a de Luís Olímpio Guillon Ribeiro (1944¹⁴), e uma mais recente, a de Evandro Noleto Bezerra (2014).

O Brasil espírita deve a Travassos a primeira tradução das principais obras de Kardec¹⁵. Antes dele, segundo Wantuil (1969, p. 405), os livros básicos da Codificação Espírita “eram estudados no próprio francês de origem, língua, aliás, que todas as pessoas cultas [daquela época] obrigatoriamente deviam saber”.

Portanto, se se almejava que o Espiritismo fosse divulgado em larga escala pelo território nacional, era preciso traduzir suas obras para que um maior número de pessoas a elas tivesse acesso. No Brasil do final do século XIX, poucas eram as pessoas que sabiam ler, ainda bem menos as que sabiam francês. Para promover o Espiritismo, era, então, necessário traduzir para o português toda a obra kardequiana. Wantuil (1969, p. 407), afirma que

todos os adeptos cultos sentiam a necessidade urgente de serem traduzidas para o vernáculo as obras fundamentais de Kardec. O povo não conhecia o francês, e a disseminação do Espiritismo encontrava, por isso mesmo, sérios embaraços. Além do mais, estavam surgindo vários grupos, onde os seus componentes mal conheciam os princípios mais elementares da Doutrina, tudo isso por falta de obras espíritas na língua nacional. Travassos examinou todo este estado de coisas e resolveu empreender a árdua tarefa de traduzir do francês as obras capitais de Allan Kardec.

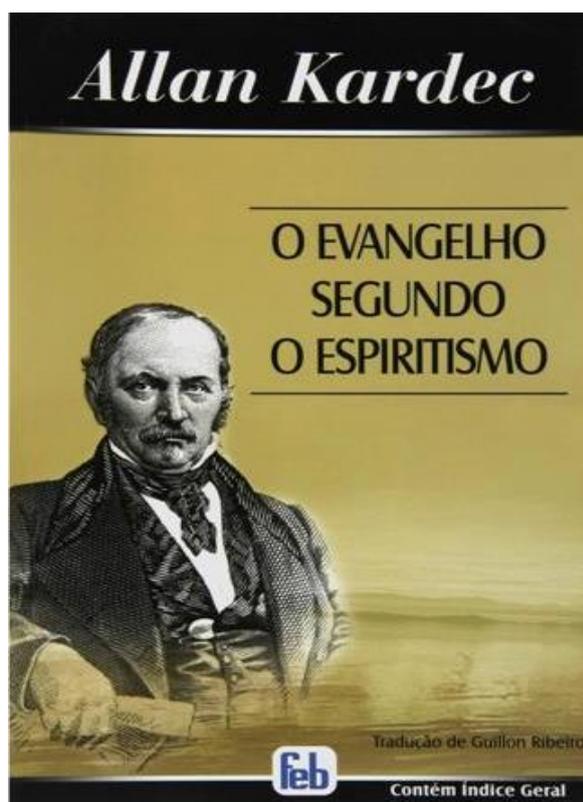
Algumas décadas mais tarde, uma nova tradução foi apresentada, a de Guillon Ribeiro.

¹³ Página inicial do site da FEB. Fonte: <<http://www.febeditora.com.br/quem-somos/>>. Acesso em 19 de maio de 2016.

¹⁴ 1944 é o ano em que a Federação Espírita Brasileira conseguiu os direitos autorais desta tradução. Sabemos, graças a muitos e-mails trocados com a FEB, que foi nas décadas de 1920 e 1930 que Guillon Ribeiro traduziu os livros da Codificação Espírita, mas a instituição não tem informações exatas sobre o ano em que sua tradução de *O Evangelho segundo o Espiritismo* foi apresentada.

¹⁵ Sua tradução, no entanto, não se encontra mais em circulação.

Essa é talvez a mais conhecida de todas as traduções devido ao longo período pelo qual foi impressa (quase oito décadas), tendo sido, inclusive, unanimemente considerada impecável pela FEB em 1923, conforme nota da editora no início de cada livro (KARDEC, 2011 [1864], p. 17). É com esta tradução, com a qual a maioria dos brasileiros teve contato – inclusive nós mesmos – por mais tempo, que escolhemos trabalhar nesta dissertação.



*Capa da versão brasileira, tradução de Guillon Ribeiro.
Esta versão é a tradução da terceira edição francesa.*

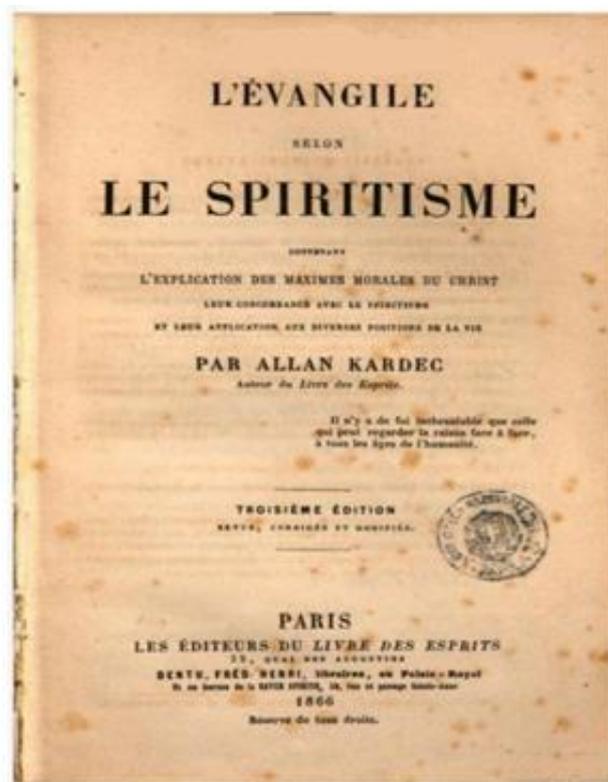
Em 2014, Bezerra propôs uma nova tradução, que, assim como qualquer nova tradução, apresenta vocabulário mais próximo do português brasileiro contemporâneo. Nós não a escolhemos, no entanto, por ela ser ainda pouco difundida no Brasil. De acordo com a FEB, ela conta com 123 mil exemplares no país, ao passo que a tradução de Guillon Ribeiro conta 4.442.300 exemplares¹⁶.

A nossa escolha pela versão de Guillon Ribeiro se justifica primeiramente porque ela foi considerada pela FEB, por muitos anos, a melhor tradução de Kardec, e também porque ela é a mais difundida no Brasil e por estar entre os livros mais vendidos na história do Espiritismo.

De acordo com a FEB, as traduções de *L'Évangile selon le Spiritisme* que se tem no

¹⁶ Estas informações foram cedidas pela Federação Espírita Brasileira em um dos e-mails que trocamos com o seu setor de Documentos Patrimoniais.

Brasil são da terceira edição francesa, ou seja, da que foi revista, corrigida e modificada por Allan Kardec, conforme indicado na página 365 da *Revue Spirite* de 1865 (KARDEC, 2011 [1864], p. 17).



Capa da terceira edição francesa de
“L'Évangile selon le Spiritisme”

Como mencionado anteriormente, pretendemos, com esta pesquisa, investigar – do ponto de vista da Análise do Texto e do Discurso – em que medida a escolha do MD *por isso que* para traduzir diferentes MDs da língua francesa pode ter possibilitado a produção de novos efeitos de sentido ou de possíveis diferentes interpretações do texto original.

Para ilustrar nossas considerações, selecionamos o mesmo excerto, em francês e em português, dos quais se podem fazer duas interpretações diferentes.

La mort n'y a rien des horreurs de la décomposition ; loin d'être un sujet d'effroi, elle est considérée comme une transformation heureuse, **parce que** là [aux mondes avancés] le doute sur l'avenir n'existe pas (KARDEC, 1866, p. 43)¹⁷.

¹⁷ Grifos e acréscimos nossos.

No texto em francês, no que diz respeito aos mundos avançados, inferimos que não haver dúvida sobre o futuro é a **causa** de a morte não ser vista como um assunto que provoque espanto. Ou seja, os habitantes desse mundo evoluído não têm medo do que acontece depois da morte (*efeito*) porque a morte, para eles, não causa horror, antes disso, ela é uma transformação (*causa*).

O trecho traduzido em português, por outro lado, nos permite chegar a uma interpretação diferente:

A morte de modo algum acarreta os horrores da decomposição; longe de causar pavor, é considerada uma transformação feliz, **por isso que** lá [nos mundos avançados] não existe a dúvida sobre o porvir (KARDEC, 2011, p. 81)¹⁸.

Neste exemplo, acontece algo diferente: justifica-se o fato de a morte ser considerada uma transformação feliz, trazendo à tona uma *inferência lógica*, expressão usada por Forget (1985), linguista e professora emérita da *Ottawa University*, expressa pela afirmação de que *nos mundos avançados, não há dúvida sobre o porvir*.

Afirma-se que, nos mundos avançados, não há dúvidas sobre o porvir, mas não se apresenta uma causa para essa afirmação, e sim uma ratificação a partir da qual o autor visaria a convencer seu interlocutor do que é apresentado no segmento que precede *por isso que*. Em outras palavras, a afirmação feita na primeira proposição é considerada como uma razão para aceitar o que é expresso no segundo membro.

Ou seja, chegamos a diferentes conclusões ao comparar os dois trechos. Enquanto seguidores da doutrina espírita, talvez até entrássemos em conflito de ideias, mas enquanto professores de francês e pesquisadores e estudiosos do Texto e do Discurso, tentamos buscar uma resposta plausível e objetiva para essa heterogeneidade de efeitos de sentido nas duas versões.

Notamos que *parce que*, um conector que sinaliza a ideia de causa para o leitor, foi traduzido por *por isso que* e não por um MD que liga segmentos textuais entre os quais se estabelece uma relação argumentativa causal, como *porque* ou *já que*, por exemplo. *Por isso que* parece-nos guiar o leitor para uma justificação, e não para uma causa. E julgamos que esse era o motivo da divergência com a qual nos deparamos quando comparamos as duas versões pela primeira vez.

¹⁸ Grifos e acréscimos nossos.

Percebemos, ao longo da leitura do texto original – comparando-o sempre com o texto traduzido –, que outros trechos em que aparecia o marcador *por isso que* também apresentavam diferenças de sentido, e em todos esses trechos, notamos que diferentes conectores nos guiavam a diferentes inferências. Em outros trechos, porém, esse mesmo conector parecia nos conduzir para as mesmas relações que poderiam ser estabelecidas no texto francês. Como isso seria possível?

Daí partimos para a hipótese de que *por isso que* funciona como um MD que pode ligar segmentos textuais entre os quais se estabelece relação argumentativa, mas que não é do tipo causal. A partir de então, passamos a nos perguntar se a relação que se estabelece entre segmentos ligados por *por isso que* seria argumentativa do tipo justificativo, ou seja, se essa expressão teria como papel apontar para uma justificação / ratificação / validação em relação ao trecho precedente ao que é iniciado por ela.

Além disso, questionamo-nos sobre que implicações essas traduções poderiam trazer para a compreensão do texto. Ora, o objetivo da tradução não é buscar “traduzir de modo que o texto traduzido produza junto ao *leitor final* os mesmos efeitos que o texto original produz junto a seu leitor”¹⁹ (SILVE, 1999, p.2)? Conjeturamos, então, que, se os conectores não sugerirem, na tradução, as informações que eles sinalizavam no texto original, o texto traduzido poderá apresentar outros efeitos e abrir-se para conclusões que não haviam sido assumidas pelo texto original.

Todo texto possibilita novas leituras, sobretudo porque uma mesma palavra e / ou um mesmo trecho podem estar na base de diferentes interpretações. No entanto, em alguns casos, podemos ter sérios problemas, por exemplo: se um texto jurídico permitisse diferentes leituras, uma pessoa poderia ser condenada ou não... Os exemplos de textos cuja tradução ou reinterpretação pode suscitar problemas são inúmeros, assunto que estudaremos em nosso próximo tópico. Os textos religiosos, do mesmo modo, podem ser interpretados de formas distintas, assim, algumas crenças e valores podem ser questionados.

Em nossa dissertação, trabalhamos com a tradução de um texto de cunho religioso, que, aos olhos de seus leitores, não deveria possibilitar uma interpretação diferente da que o texto original possibilita. Para os leitores de textos religiosos, se a **palavra original** fosse mutável, a divindade na qual eles creem também o seria. E, assim, toda a ordem social com a qual estão acostumados também poderia mudar.

¹⁹ “Traduire de façon à ce que le texte traduit produise chez le *lecteur final* les mêmes effets que le texte original produit chez son lecteur.”

1.2 *L'Évangile selon le spiritisme / O evangelho segundo o espiritismo: um texto sensível e sua tradução*

Segundo Ricœur (2011 [2004], p. 47), filósofo e pensador francês (1913-2005), nossa civilização vive, em se tratando dos grandes textos, essencialmente de traduções e retraduições, que, por sua vez, são retrabalhadas incessantemente. Esse seria o caso, por exemplo, da *Bíblia*, de Homero, de Shakespeare, de Platão, de Nietzsche, de Heidegger e de tantos outros livros e autores.

Seguindo a linha de pensamento de Ricœur, Shäffner (1997, p. 131), professora de Estudos da Tradução da *Aston University*, na Inglaterra, diz que

traduzir, enquanto um ato de comunicação, sempre foi tido como uma fonte única de conhecimento e sabedoria para a humanidade. Textos traduzidos enriqueceram a vida intelectual das comunidades-alvo. Eles, algumas vezes, introduziram novas estruturas linguísticas ou novos gêneros na língua e cultura a que chegaram, mas eles também podem ter causado irritação e confusão por parte de seus leitores. Todos esses aspectos são levados em consideração quando se fala de sensibilidade na tradução. E dependendo do que focarmos no complexo ciclo de vida de uma tradução, praticamente todo texto será chamado de texto sensível²⁰.

Mas o que seriam os textos sensíveis? O que lhes conferiria sensibilidade? Textos sensíveis são aqueles que, de alguma forma, “dirigem e governam a vida de muitas pessoas, ditando-lhes regras e preceitos a serem seguidos” (LOPES, 2009, p. 72). Isto é, são aqueles cujas reinterpretações e traduções podem gerar objeções na esfera social em que circulam, como, por exemplo, a *Bíblia*²¹ – o mais célebre de todos esses textos.

Segundo Gohn (2001, p. 149), teórico brasileiro da tradução e estudioso de textos religiosos, um texto pode ser considerado sensível por quatro motivos, dependendo do tipo de objeção(ões) que ele pode criar junto àqueles que o leem. Trata-se de textos ligados 1) ao Estado; 2) à religião; 3) ao pudor; 4) a uma pessoa em particular, como um herói, por exemplo.

O primeiro caso são, então, os textos ligados ao Estado. Não se pode, por exemplo,

²⁰ “Translation, as an act of communication, has always been a unique source of knowledge and wisdom for mankind. Translated texts have enriched the intellectual life in the target communities, they have sometimes introduced new linguistic structures or new genres into the target language and culture, but they may also caused irritation and confusion on the part of the target readers. All these aspects are concerned when one speaks of sensitivity in a translation; and depending on which phase in the complex life cycle of a translation we focus on, practically every text can be called a sensitive text.”

²¹ “[Contudo] no caso da Bíblia, estamos diante de um texto sensível que ganha vida a partir das diversas interpretações que são feitas dele e no processo de tradução.” (CARMO, 2011, p. 131) (acréscimo nosso).

querer dar novas interpretações à Constituição de um país, senão o que era uma aparente ordem se tornaria um verdadeiro caos.

O segundo são aqueles ligados à religião. Para muitas pessoas, as palavras de um texto religioso são vistas como se tivessem sido ditadas pela própria divindade (NIDA, 1997, p. 194), por isso mesmo elas não aceitam alterações que possam possibilitar mudanças de sentido ou novas interpretações.

O terceiro tipo é aquele que se relaciona ao pudor – definido por Bologne (1990, p. 8-9) como “sentimento de vergonha, de incômodo que se tem a fazer ou ser testemunha das coisas de natureza sexual” ou “incômodo que se sente perante aquilo que a dignidade de uma pessoa parece proibir” – como, por exemplo, a dificuldade e a vergonha de abordar, desde o século XVI, qualquer assunto relacionado a sexo, pois, segundo Bologne (1990, p. 293-294), esse sentimento não fazia parte do imaginário social das culturas anteriores a essa época.

O quarto caso é o dos textos ligados a determinadas pessoas em particular. Por exemplo, textos que contam a história de algum herói cuja história esteja acima do bem e do mal são considerados passíveis de objeções caso alguém lhes proponha uma nova interpretação.

Considera-se atualmente que as pesquisas envolvendo a tradução de textos sensíveis são um elemento potencialmente renovador para a Tradutologia, principalmente no que concerne ao estudo de textos sagrados / religiosos²². Segundo Gohn (2001, p. 147), “a matéria-prima para esse tipo de pesquisas vem de textos que têm, há séculos, condicionado em muitos aspectos a vida dos seres humanos”.

O sagrado, via de regra, se apresenta verbalmente aos homens por intermédio de livros, que são vistos como obras de origem divina. Além de um certo número de rituais e normas, a maioria das religiões é regida por algum texto considerado sagrado. Trata-se, segundo Lopes (2009, p. 63), de “escritos antigos que até hoje influenciam os homens, determinando normas e regras de comportamento”. Esses textos assumem, ademais, um valor não apenas **instrucional**, mas também **emocional**, haja vista o respeito e o apego que as pessoas manifestam diante deles. Do grupo dos textos sagrados, poderíamos destacar a *Bíblia Hebraica*, o *Novo Testamento*, o *Alcorão*, o *Bhagavad Gita* e, em uma adição mais recente, o *Evangelho segundo o Espiritismo*.

Tanto para Gohn (2001) quanto para Carlucci (2012), pesquisas sobre textos sagrados constituem um importante aspecto dos Estudos da Tradução, a julgar pelo impacto e a

²² “(...) o campo em que traduções de textos sagrados são produzidas lida com a realidade do sagrado, do transcendente, do desconhecido. O texto como mensagem divina remete, portanto, à condição humana de deparar-se com um ser superior, sujeitando-se a ele. Não se trata de comprovar a existência do sagrado, mas sim de perceber a sua manifestação evidente na realidade humana.” (LOPES, 2009, p. 67)

relevância de livros como a *Bíblia* na cultura ocidental e o fato de São Jerônimo – tradutor da *Vulgata* – ser considerado por muitos o “patrono da tradução”.

O comportamento do marcador discursivo *por isso que* na tradução de *L'Évangile selon le Spiritisme* chamou-nos a atenção exatamente por balizar, em alguns momentos, novas leituras em um texto que, embora não seja considerado “sagrado” por seus seguidores, seja um dos pilares da doutrina / religião espírita.

De toda forma, a obra deixada por Allan Kardec, devido a seu papel basilar e central no Espiritismo, apresenta traços que se encaixam na definição de sagrado na medida em que se refere àquilo que é inerente a uma doutrina / religião ou uma crença.

No que diz respeito aos textos sagrados, Simms (1997, p. 19), professor da *University of Liverpool* e um dos mais renomados estudiosos na área da tradução de textos sensíveis, afirma que o que faz um texto ser considerado sagrado

é a crença de que ele expressa as intenções do Autor Original, de modo que o “autor do texto” no sentido comum torna-se meramente um escriba, alguém que transcreve uma palavra mais originária pela qual ele é inspirado. Isso não é apenas uma interpretação externa do sagrado: é uma característica profunda dos textos sagrados eles se declaram sagrados, e fazendo isso, eles lançam questões de língua e tradução²³.

Os textos sagrados revelam-se, portanto, sensíveis porque são passíveis de suscitar objeções por motivos ligados à religião, ou seja, porque expressam um envolvimento afetivo por parte daqueles que o cultuam. Nesse sentido, Gohn (2001, p. 149) alega que

há de se reconhecer, assim, que alguma coisa de peculiar existe em relação a sua tradução. O que se observa com esse tipo de textos é que, diferentemente do que pode ocorrer com a maioria de outros tipos de texto, há um grande envolvimento emocional por parte dos usuários, e reações extremadas dos ouvintes / leitores podem ser esperadas e têm acontecido na história da tradução, se pensarmos, por exemplo, nos tradutores da *Bíblia* que perderam a vida por terem vertido dessa ou daquela forma o texto sagrado.

Desse modo, podemos dizer que, ao se estudarem elementos que concernem ao que é **transcendente, incognoscível** ou **divino**, passa-se a explorar um domínio que existe enquanto experiência pessoal, e que, por isso, não se limita à esfera do mundo físico. Lopes (2009)

²³ “What makes a text sacred is the belief that it expresses the intentions of the Original Author, so that the ‘author of the text’ in the commonly understood sense is merely a scribe, one who transcribes a more originary Word with which he is inspired. This is not merely an external interpretation of sacredness: it is a further characteristic of sacred texts that they declare their own sacredness internally, and in so doing themselves address questions of language and translation.”

afirma que é incontestado o fato de que o sagrado influencia muitas pessoas e de que está incorporado ao dia-a-dia da humanidade. Trata-se, assim, de um **mistério**, de uma **incógnita**, de **algo impenetrável**, que não se circunscreve a um universo palpável, mas que “declara concretamente sua existência por meio de reações e dos sentimentos vividos por homens diante dele” (LOPES, 2009, p. 63).

No que diz respeito aos problemas de língua suscitados pelos textos religiosos, podemos até mesmo citar o aparecimento da Hermenêutica, da “ciência da interpretação”. A origem do termo faz alusão a Hermes²⁴, o enviado divino que, na Grécia Antiga, se ocupava de levar as mensagens dos deuses aos homens, isto é, de trazer para linguagem humana algo desconhecido e ininteligível. Em grego, o verbo *hermeneuein* – geralmente traduzido por *interpretar* –, e o substantivo *hermeneia* – traduzido por *interpretação* – significam primordialmente transformar aquilo que vai além da compreensão humana em algo que essa inteligência consiga compreender.

De acordo com Camargo (2003, p. 25), em um estudo sobre Hermenêutica e argumentação,

a hermenêutica alcançou notável proeminência no campo religioso. O problema de interpretar corretamente a palavra de Deus era comum ao povo judeu em relação ao Antigo Testamento; aos cristãos, ao Novo Testamento; e aos protestantes, em relação à Reforma. Durante a Idade Média, a análise sistemática sobre a evidência da revelação divina deu origem à *Teologia*, e a hermenêutica assumiu o aspecto exegético da correta interpretação dos textos sagrados, dando ensejo ao seu desenvolvimento no campo filológico.

Já no que diz respeito aos problemas de tradução, o trabalho do tradutor (ou mais especificamente do tradutor-hermeneuta) é tornar compreensível aquilo que é estrangeiro. Apesar de boa parte dos leitores dos textos sagrados só ter acesso a eles por meio de traduções, ainda prevalece na mente de muitos a ideia de que o texto foi transmitido *ipsis verbis* pela divindade e de que sua redação – à qual estão acostumados – possui um caráter de “original” e “intocável” (GOHN, 2001, p. 150). Nesse sentido, podemos dizer que, entre as bases em que mais se evidencia a sensibilidade, está aquela ligada à religião, o que nos faz constatar que,

²⁴ “Hermes, na mitologia grega, era um deus de muita agilidade e sapiência. Ao nascer, desfez-se sozinho da bandagem que o envolvia e ganhou as estradas. Conforme Junito Brandão nos relata, Hermes logo furtou um rebanho de Apolo, prendendo no rabo das ovelhas um ramo que, arrastado ao chão, apagava seus rastros. Ao ser indagado por Zeus, seu pai, sobre o ocorrido, depois de alguma relutância concordou em dizer a verdade, mas não toda a verdade ou não a verdade por inteiro. E dessa forma, Hermes tornou-se o mensageiro predileto dos deuses: aquele que detém o conhecimento e que é capaz de decifrar corretamente as mensagens divinas. Conhecedor e intérprete das vontades ocultas, Hermes ganhou fama de sábio, tornando-se importante, mais tarde, para o desenvolvimento da ciência” (CAMARGO, 2003, p. 14).

em geral, as religiões são geridas por um livro. Este é o responsável por revelar a vontade da divindade aos homens e por estabelecer um relacionamento dos seres humanos com o transcendente. Dessa forma, a *Bíblia*, o *Alcorão*, o *Bhagava Gita* e o *Evangelho Segundo o Espiritismo* são sensíveis em potencial, justamente por se revestirem de uma áurea sagrada, desencadeando um valor sentimental por parte daqueles que os sacralizam (LOPES, 2009, p. 67).

Muitos teóricos e estudiosos da linguagem e da tradução, como Eugene Nida (1997, p. 189), têm notado que, no caso de textos religiosos – principalmente porque eles são ligados a uma longa tradição –, sempre haverá problemas quanto a sua tradução, e mesmo quanto a possíveis (re)interpretações, já que muitas pessoas baseiam sua fé tanto na escolha lexical desses antigos documentos quanto em seu conteúdo.

Acreditamos que a tradução de marcadores discursivos não seja exceção a essa regra, haja vista o fato de eles carregarem “em si instruções que determinam as argumentações transmitidas pelos enunciados (...) e que sua presença pode modificá-los”²⁵ (SILVE, 1999, p. 94).

Em outras palavras, comungamos da ideia de que, graças à sua informação procedural – definida como a forma de tratar a informação conceitual de outras representações, sobretudo as categorias lexicais –, os conectores exercem um importante papel na interpretação do discurso na medida em que auxiliam na orientação argumentativa de um enunciado, sinalizando, por exemplo, que operações o leitor deve efetuar, já que eles, os conectores, “nos dão indicações sobre a maneira como os locutores agem para otimizar a pertinência de seus enunciados”²⁶ (MÆSCHLER, 2002).

Quando se trata de uma tradução, deve-se, pois, procurar manter, ao menos o sentido dessa orientação argumentativa, pois apenas assim a almejada “imutabilidade” do texto sagrado poderá ser mantida. Ou seja, quando se trata de um texto de caráter religioso, espera-se que sua tradução seja a mais fiel possível ao original, em outras palavras, espera-se que o tradutor seja o mais fiel mediador entre um texto e outro. E é por isso que os leitores de *O Evangelho segundo o Espiritismo* anseiam.

Assim como tantos outros textos que compõem a cultura brasileira, *O Evangelho segundo o Espiritismo* é uma tradução na qual estão contidos valores espíritas básicos, isto é, as crenças alicerçadoras do Espiritismo compartilhadas pela maioria dos seguidores da

²⁵ “(...) les connecteurs pragmatiques renferment des instructions qui déterminent les argumentations portées par les énoncés, leur présence modifie les énoncés.”

²⁶ “(...) les connecteurs nous donnent des indications sur la manière dont les locuteurs s’y prennent pour optimiser la pertinence de leurs énoncés”.

doutrina / religião em nosso país, como o que é o Espírito, o que é a comunicação com os Espíritos, o que é reencarnação, etc.

De certa forma, podemos dizer que sua tradução é (re)fundadora de muitos desses princípios. Refundadora porque não podemos nos esquecer dos esforços de Travassos no final do século XIX; fundadora porque é a mais conhecida das traduções e que, por mais tempo, serviu aos estudos e cultos espíritas.

No que diz respeito à tradução, Carlucci (2012, p. 90) expõe que o tradutor se torna inevitavelmente responsável pela maneira como os ensinamentos de alguma doutrina / religião são recebidos e praticados pela cultura de chegada²⁷. Nesse sentido, podemos dizer que Guillon Ribeiro se tornou **inevitavelmente responsável** pela maneira como os ensinamentos da doutrina / religião espírita foram recebidos e são praticados por boa parcela dos brasileiros espíritas.

Enquanto estudiosos da área da linguagem, concordamos com o que Simms (1997, p. 19) e todos os outros teóricos da tradução supracitados afirmam: textos sagrados levantam muitas questões de língua e tradução. Prova disso foi o nosso espanto ao nos depararmos com interpretações divergentes ao ler um desses textos no original em francês e sua tradução para o português. E esse espanto é o que nos conduziu à nossa dissertação: uma análise contrastiva de trechos das duas obras em que marcadores discursivos estão presentes.

Nossa proposta de pesquisa foi, então, analisar, contrastivamente, alguns trechos das duas versões da obra de Kardec para compreender os percursos interpretativos sinalizados pelo marcador discursivo *por isso que* na tradução proposta por Guillon Ribeiro.

Carecíamos ainda de um método para interpretar objetivamente os aspectos linguísticos e discursivos do texto em francês e do texto em português. Precisaríamos de uma abordagem teórico-metodológica que nos permitisse examinar com precisão as semelhanças e as diferenças entre as relações apontadas pelos MDs que selecionamos nos dois textos. E foi na obra de Roulet *et al.* (2001) que encontramos a ferramenta que poderia nos ajudar a concretizar nosso projeto.

O Modelo de Análise Modular do Discurso, MAM, é um instrumento que procura integrar, em um quadro unificado, os componentes linguístico, textual e situacional da interação verbal, daí nossa opção por ele. Além disso, nesse modelo, os conectores têm um

²⁷ Em se tratando de textos sagrados, poderíamos, junto com Carlucci (2012, p. 90), dizer que o papel do tradutor é tentar “levar o leitor ao autor e o autor ao leitor, (...) estabelecer uma ponte entre as culturas na busca por um acordo em que haja o entendimento de ensinamentos que visam transcender culturas e apontam para um caminho além da própria linguagem”. Em outras palavras, os tradutores se veem incutidos da responsabilidade de construir com o leitor conceitos que determinarão seu entendimento pessoal e sua vivência do sagrado.

“papel decisivo ou mesmo determinante na articulação de porções textuais ou na marcação de uma relação [porque] contêm em si instruções necessárias para a interpretação [dessa] relação” (CUNHA, 2014, p. 147).

Para o MAM, os conectores são analisados no estudo da Forma de Organização Relacional do discurso. A descrição da FOR, como veremos mais adiante, “permite a confecção da estrutura hierárquico-relacional, útil para a elucidação de sua interpretação e obtenção de seu perfil relacional, onde se evidenciam as relações textuais genéricas dominantes no interior de sua organização” (CUNHA; MARINHO, 2015, p. 80).

2. DA RELEVÂNCIA DOS MARCADORES DISCURSIVOS À METODOLOGIA E AO REFERENCIAL TEÓRICO: A FORMA DE ORGANIZAÇÃO RELACIONAL DO MODELO DE ANÁLISE MODULAR

Existem algumas unidades linguísticas a cuja interpretação só temos acesso se levarmos em consideração informações que não pertencem à frase em que elas intervêm. Trata-se de marcas que têm uma função discursiva, quer dizer, cuja presença em um discurso, tal qual seu funcionamento, são argumentos favoráveis à existência de uma unidade superior à frase: o discurso.

Além disso, a existência dessas marcas nos remete a uma outra questão: assim como há expressões linguísticas que têm um **conteúdo conceitual** (nomes, verbos, etc.), também há expressões que têm um **conteúdo procedural**. Em outras palavras, estas últimas não codificam conceitos, mas sim procedimentos na medida em que oferecem instruções sobre a forma de tratar as informações conceituais associadas à significação de outras expressões linguísticas.

Na década de 1970, com o estudo dessas marcas, às quais damos os nomes de **marcadores discursivos**, confirmou-se a hipótese de que era possível ultrapassar as fronteiras da oração como limite último nos estudos da linguagem, passando, assim, a um estudo mais amplo: o do texto (PORTOLÉS, 2007, p. 8).

Com o desenvolvimento dos estudos sobre os conectores, MDs, eles passam a ser considerados marcas linguísticas pertencentes a diferentes categorias gramaticais (conjunções de coordenação, conjunções de subordinação, advérbios, locuções adverbiais) que podem, segundo Mæschler (1998):

- i) articular unidades linguísticas máximas ou unidades discursivas quaisquer;
- ii) oferecer instruções sobre a maneira de ligar essas unidades;
- iii) impor que se tirem da conexão discursiva conclusões que não seriam tiradas na sua ausência.

Os MDs são, então, vistos não só como elementos em torno dos quais o discurso se articula, mas também como guias para a interpretação, como elementos que podem facilitar a compreensão dos enunciados em que aparecem na medida em que impõem restrições

semânticas às entidades por eles articuladas (MARINHO, 2002).

Segundo Blakemore (1987), que trabalha na perspectiva da Teoria da Relevância / Pertinência, os conectores são restrições semânticas à pertinência. Ou seja, trata-se de marcas procedurais que têm um papel fundamental no tratamento das informações ao nível do sistema central do pensamento. Isso acontece porque os conectores desempenham papel no que diz respeito à facilitação do tratamento da informação na medida em que minimizam os esforços cognitivos, e também porque atuam no que concerne à interpretação, determinando os efeitos contextuais do enunciado.

De acordo com Møeschler (1998), as noções de esforços cognitivos e de efeitos contextuais permitiram que se definissem os conectores de um outro ponto de vista: eles passam a ser vistos como guias para a interpretação na medida em que oferecem instruções sobre o modo de construir o contexto e sobre o modo de depreender as implicações contextuais do enunciado.

Já a pertinência, para esse autor, é definida como uma questão de equilíbrio entre esforços cognitivos e efeitos contextuais. Para a Teoria da Pertinência, os conectores presentes nos enunciados 1) minimizariam o esforço de tratamento, pois indicariam que informações conectar e como as tratar; 2) e otimizariam os efeitos contextuais, uma vez que sinalizariam que as implicações inferíveis dos enunciados provém do fato de sua conexão, assim como ofereceria instruções precisas sobre a forma de depreendê-las.

Podemos dizer, então, que a função dos MDs seja guiar o interpretante para a seleção da relação apropriada a determinado contexto tendo em vista que os conectores restringem a escolha do interpretante quanto às relações textuais possíveis em contextos em que diferentes tipos de relações seriam compatíveis.

Para Portolés (2002), em um trabalho sobre os marcadores do discurso em uma perspectiva pragmática, “a compreensão de todo discurso contém uma parte que é uma descodificação do dito em uma língua determinada e outra parte que consiste em um enriquecimento pragmático obtido por meio do contexto²⁸”. E essas inferências, segundo esse linguista, sempre se produzem, mas, muitas vezes, são os MDs que permitem que o interlocutor obtenha mais facilmente aquelas que se desejam.

Em outras palavras, considerando as contribuições desse autor, podemos dizer que os MDs são “um dos meios que um idioma possui para que nossos interlocutores cheguem às

²⁸ “(...) la comprensión de todo discurso entraña una parte que es descodificación de lo dicho en una lengua determinada y otra parte que consiste en un enriquecimiento pragmático obtenido por medio de inferencias a partir del contexto.”

conclusões que desejamos e não a outras [já que] possuem um significado que serve para processar de maneira oportuna estas inferências²⁹” (PORTOLÉS, 2002).

Também Luscher (1994, p. 191), em um estudo sobre as marcas de conexão enquanto guias para a interpretação, afirma que

de fato, o papel do conector, por meio das instruções que lhe são relacionadas, é levar o interpretante a operar uma ligação entre as duas proposições e, assim, constituir um contexto em que o enunciado completo será pertinente. A instrução se apresenta sob uma forma de injunção para efetuar uma operação de tratamento ou, em outras palavras, uma *inferência*. É por isso que nós falamos de *instrução inferencial*. Os conectores não impõem ao interpretante um comportamento particular, assim como não introduzem um tipo de operação excepcional, mas apenas organizam, de forma particular, um processo de realização de operações habituais³⁰.

Em resumo, podemos afirmar que os MDs têm uma função substancialmente interpretativa: a de guiar, de acordo com suas propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas, o interlocutor no percurso interpretativo, ou seja, de orientar o leitor quanto às inferências que se realizam na comunicação (PORTOLÉS, 2007, p. 26).

Isso faz com que os MDs tenham uma função muito mais cognitiva que puramente discursiva. Por serem guias para a interpretação, eles minimizam os esforços de tratamento e dirigem o processo de descoberta dos efeitos contextuais, assegurando, de maneira eficaz, a pertinência do discurso. Segundo Møeschler (2006), nessa perspectiva cognitivo-discursiva, os conectores agem como elementos heurísticos, isto é, como guias, pistas, que nos permitem ter acesso à representação da estrutura discursiva. Para esse linguista,

a maior característica dos conectores seria sua significação procedural, definida como a informação sobre a forma de tratar a informação conceitual associada à significação de outros tipos de expressões linguísticas (notadamente as categorias lexicais). A informação procedural ligada aos conectores, definidos como restrições sobre a pertinência, facilitaria a interpretação dos enunciados, em dois níveis: o da formação do contexto e o dos efeitos contextuais³¹.

²⁹ “(...) los marcadores son uno de los medios que posee el idioma para que nuestros interlocutores lleguen a las conclusiones que nosotros deseamos y no a otras (...) los marcadores poseen un significado que sirve para procesar de la manera oportuna estas inferencias.”

³⁰ “En effet, le rôle du connecteur, par l’intermédiaire des instructions qui lui sont rattachées, est d’amener l’interprète à opérer un lien entre les deux propositions et à constituer ainsi un contexte dans lequel l’énoncé complet sera pertinent. L’instruction se présente sous la forme d’une injonction à effectuer une opération de traitement ou, en d’autres termes, une *inférence*. C’est pourquoi, nous parlons d’*instruction inférentielle*. Les connecteurs n’imposent donc pas à l’interprète un comportement particulier, ni n’introduisent un type d’opération exceptionnelle, mais ne font qu’organiser de manière particulière un processus de déroulement d’opérations habituelles.”

³¹ “(...) la caractéristique majeure des connecteurs serait leur signification procédurale, définie comme de l’information sur la manière de traiter l’information conceptuelle associée à la signification des autres types d’expressions linguistiques (notamment les catégories lexicales). L’information procédurale attachée aux connecteurs, définis comme des contraintes sur la pertinence, faciliterait l’interprétation des énoncés, à un double

Tudo isso faz com que a escolha de um MD deva ser de tal forma que ele desempenhe um papel na minimização dos esforços cognitivos do leitor, e não o inverso. E o mesmo vale para a tradução desses marcadores, com todas as limitações concernentes à tradução.

Segundo Portolés (2002), o grande nivelador no significado do léxico das línguas é a realidade. Para esse autor, todos os seres humanos vêm ao mundo da mesma forma, a água do mar tem um sabor semelhante em todos os lugares da Terra, e se entram nas casas por algum lugar. Dessa forma, palavras como *nacer*, *salgado* e *porta* refletem a realidade, tanto é que, se alguém nos disser que *a sopa está salgada*, nós podemos conferir. No entanto, não podemos fazer a mesma coisa com expressões como *mas*, *porque* ou *por isso que*, visto que elas não têm significado conceitual, mas sim procedural.

De acordo com esse linguista, é exatamente em não existir uma realidade comum no que diz respeito aos MDs que reside a dificuldade de se encontrarem equivalências entre o léxico procedural de duas línguas. Então, se não existem conectores perfeitamente equivalentes entre as mais distintas línguas, como traduzi-los?

Para responder a essa pergunta, precisamos ter em mente a diferença entre sentido e significado. Os marcadores discursivos, na abordagem portolesiana, possuem, assim como toda e qualquer palavra de uma determinada língua, um significado independentemente de qualquer contexto e, a cada uso concreto, adquirem um sentido. No sentido, o enriquecimento pragmático obtido a partir do contexto se associa ao significado. Para Portolés, enquanto falantes, percebemos apenas os sentidos, e é graças a isso que, embora não existam MDs com significados equivalentes, possamos traduzi-los de uma língua a outra, o que o leva a afirmar que

quem traduz um marcador discursivo deve pensar em que instruções de processamento proporciona e em que enriquecimento se conseguiu graças a ele. Deve, em seguida, comprovar quais são os meios necessários, na outra língua, para conseguir comunicar a mesma informação. Talvez nessa língua seja necessário um marcador, mas também é muito possível que não se precise guiar as inferências expressamente ou que este encaminhamento seja conseguido por outros meios, por exemplo, graças a uma construção sintática determinada. Nos casos em que se deve utilizar um marcador, há de se buscar aquele que conduza às inferências mais próximas às obtidas no texto original (Unger: 2000). Dado que a equivalência perfeita é insólita, não se devem esperar correspondências diretas de uma língua a outra independentemente dos contextos. Se, em um determinado contexto, um marcador está bem traduzido por outro, algumas linhas abaixo ele pode precisar ser traduzido por outro ou simplesmente deixar de ser traduzido³² (PORTOLÉS, 2002,

niveau: celui de la formation du contexte et celui des effets contextuels.”

³² “Quien traduce un marcador discursivo debe pensar qué instrucciones de procesamiento proporciona y qué enriquecimiento se ha conseguido gracias a él. Debe después comprobar cuáles son los medios necesarios en la otra lengua para llegar a comunicar lo mismo. Tal vez en esta lengua sea necesario un marcador, pero también es

Em outras palavras, assim como para quem lança mão de um MD, é preciso levar em consideração que ele desempenhe um papel importante na minimização dos esforços cognitivos, para quem o traduz, isso também é fundamental. É necessário, então, levar em consideração se o MD vai ser traduzido ou não, e, em caso afirmativo, que conector escolher.

Em nossa dissertação, optamos por trabalhar com o conector *por isso que*, empregado para traduzir, em algumas passagens do texto, *c'est pourquoi, car, c'est ainsi que, puisque e parce que*. A nosso ver, Guillon Ribeiro escolheu esse conector por julgar que ele poderia garantir o sucesso da atualização de algum estado de informação, isto é, que a operação realizada à direita do conector, pudesse ser possibilitada pela operação realizada à sua esquerda (MARINHO; CUNHA, 2012, p. 154).

Para estudarmos os efeitos de sentido sinalizados por *por isso que* na tradução de *L'Évangile selon le Spiritisme*, optamos pelo Modelo de Análise Modular do Discurso, MAM, visto que nesse modelo o estudo dos conectores está integrado ao estudo da complexidade da organização do discurso. Para o MAM, os conectores são considerados como marcadores que especificam uma relação interativa (entre dois atos, assunto que abordaremos no próximo tópico) acessível por meio de mecanismos inferenciais. Isto é, os MDs são tomados como indicadores de uma relação interativa na medida em que viabilizam o desencadeamento do percurso inferencial na qual se baseia a relação.

Levando em consideração a tese de que os conectores são “elementos em torno dos quais o discurso se articula, como guias para a interpretação ou como elementos que podem facilitar a compreensão dos enunciados em que aparecem” (MARINHO; CUNHA, 2012, p.197), acreditamos que *por isso que* faz referência a um estado de informação prévio como também usa esse estado em um procedimento inferencial, para, assim, validar a leitura e, conseqüentemente, a interpretação. Ou seja, em um enunciado do tipo *A por isso que B*, *B* introduziria um fato que vem atestar a veracidade do que é apresentado antes em *A*.

Uma vez que levantamos a hipótese segundo a qual *por isso que* funciona como um MD que pode ligar segmentos textuais entre os quais se estabelece uma relação argumentativa contribuindo para a elucidação da articulação desses constituintes, na medida em que

muy posible que no se precise guiar las inferencias expresamente o que este encauzamiento se consiga por otros medios, por ejemplo, gracias a una construcción sintáctica determinada. En el caso de que sí se deba utilizar un marcador, se ha de buscar aquel que conduzca a las inferencias más próximas a las obtenidas en el texto original (Unger: 2000). Dado que la equivalencia perfecta es insólita, non se deben esperar correspondencias directas de una lengua a otra independientemente de los contextos. Si un marcador está bien traducido en un determinado contexto por otro, una líneas más abajo bien pudiera deber traducirse por un marcador diferente o simplemente dejar de traducirse”.

evidencia não só as relações dominantes do texto, mas também a forma como ele é organizado, passamos à descrição do Modelo de Análise Modular.

2.1 Uma abordagem modular do discurso

Nossa base teórico-metodológica se concentra no Modelo de Análise Modular do Discurso, MAM, proposto por Eddy Roulet e seu grupo de pesquisa da Universidade de Genebra, na Suíça. Esse modelo é uma proposta de análise discursiva que pretende ser um instrumento para o pesquisador olhar para o discurso autêntico na sua globalidade e totalidade.

Ao optarmos pelo MAM, aceitamos trabalhar com módulos que perpassam as diversas particularidades da complexidade da organização do discurso, pois o modelo se apresenta como uma ferramenta de “análise do discurso que integra (...) em uma perspectiva interacionista, as dimensões linguísticas, textuais e situacionais”³³ (ROULET *et al.*, 2001, p.11), como afirmamos anteriormente.

Também nos pautamos em estudiosos brasileiros que se inspiraram nos estudos genebrinos, como Marinho (2002; 2004), Cunha (2010; 2014), assim como em outros pesquisadores, que se dedicaram a investigar o papel dos conectores enquanto sinalizadores do processo de negociação.

O motivo de termos escolhido pesquisar o uso de marcadores discursivos – mais especificamente o uso do MD *por isso que* – se deve ao fato de querermos reafirmar a tese de que eles são “palavras do discurso ou conectores que nos dão instruções sobre o modo de articular as informações veiculadas pelos constituintes do discurso e, eventualmente, informações implícitas”³⁴ (ROULET *et al.*, 2001, p.22). Além disso, eles têm muitas implicações para a leitura e a interpretação de textos, uma vez que orientam argumentativamente o discurso.

Já a escolha do MAM se deve ao fato de acreditarmos que ele seja um aparato instrumental bastante complexo desenvolvido no âmbito da Análise do Discurso, propondo um quadro global que permite avaliar e integrar as contribuições de pesquisas passadas,

³³ “(...) une analyse du discours qui intègre, (...) dans une perspective interacionniste, les dimensions linguistiques, textuelles et situationnelles”.

³⁴ “[les] mots du discours ou connecteurs, qui nous donnent des instructions sur la manière d’articuler les informations véhiculées par les constituants du discours et, éventuellement, des informations implicites.”

presentes ou futuras sobre a organização discursiva. Trata-se, com efeito, de um modelo de organização do discurso que funciona como um conjunto articulado de hipóteses sobre diferentes constituintes (linguístico, textual e situacional) do discurso e suas inter-relações.

O Modelo de Análise Modular do Discurso, segundo Marinho (2004, p. 79-80), identifica

inicialmente os sistemas de informações elementares (subsistemas) ou módulos que entram na composição dos discursos. Postula-se que cada módulo fornece uma descrição do dispositivo de que trata a qual é nocionalmente independente dos outros módulos. Posteriormente, procura-se mostrar como as informações resultantes desses módulos se combinam, se inter-relacionam na produção e na interpretação do discurso.

Esse modelo busca incorporar estudos de pesquisadores de diferentes áreas, como a linguística, a sociologia, a filosofia e a psicologia para compor um quadro cognitivista e interacionista de análise. Para alcançar esse objetivo, o grupo genebrino valeu-se, especialmente, da contribuição de autores como Bally (como ponto inicial da discussão enunciativa), Bakhtin (quando coloca o discurso como interação verbal e desenvolve os conceitos de dialogismo e polifonia), Austin, Searle e Grice (com seus estudos a respeito do ilocutório e do implícito), Pike (em relação à estrutura hierárquica), Goffman (para discutir as questões de interação face a face), Labov e demais importantes pesquisadores da sociolinguística (para o estudo de conversações autênticas), Ducrot e Anscombre (quanto às reflexões sobre o ato de linguagem no discurso) e Bronckart (para noções de texto e funções da ação languageira) (ROULET *et al.*, 2001; MARINHO, 2004).

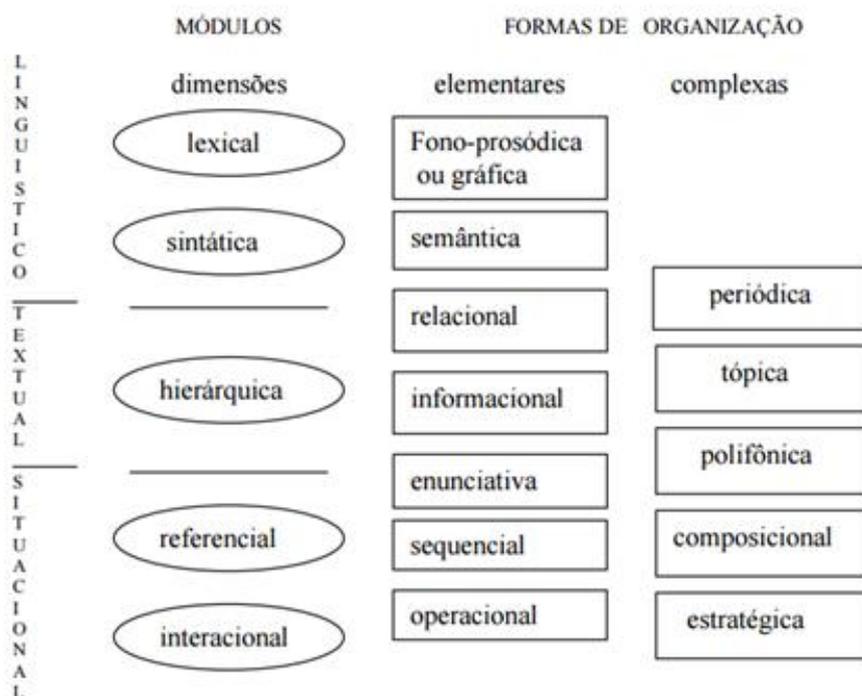
Com esse cabedal teórico, o grupo se firma sobre uma noção da língua como possuidora de uma função de ordem fundamentalmente comunicativa e sobre a noção de comunicação como uma interação ou uma negociação entre os participantes (ROULET *et al.*, 2001, p. 27-29).

Ao pensar a noção de texto, Roulet *et al.* (2001) chegam à conclusão de que à época ainda era preciso o desenvolvimento de um modelo analítico adequado que desse conta de toda a complexidade textual e discursiva. Dessa forma, o MAM se propõe a “fornecer um quadro de reflexão e de instrumentos heurísticos próprios para favorecer a descrição da organização de discursos autênticos e não um procedimento mecânico de análise que poderá conduzir, se rigorosamente aplicado, a uma boa descrição do discurso estudado” (MARINHO, 2004, p. 79).

Considerando o discurso como interação verbal, esse modelo possibilita a análise de

diversos recursos e aspectos próprios dessa interação na medida em que, diante de um determinado objeto que seja complexo, o decompõe em estruturas simples para depois recombiná-lo, como é o caso do discurso, que pode ser dividido entre módulos autônomos como o sintático, o referencial e o hierárquico, cuja combinação poderá ser feita em prol de uma análise mais completa.

Nessa perspectiva, o MAM propõe que a análise da organização discursiva se produz a partir da consideração de três dimensões discursivas (**linguística, textual e situacional**), compostas por um número restrito de módulos identificados de forma independente, que, ao se combinarem, constituem sete formas de organização elementares (**fono-prosódica ou gráfica, semântica, relacional, informacional, enunciativa, informacional, enunciativa, sequencial e operacional**). Essas, por sua vez, quando associadas de maneira mais profunda, permitem chegar às formas de organização complexas do discurso (**periódica, tópica, polifônica, composicional e estratégica**), conforme podemos ver no quadro³⁵ a seguir:



Modelo de Análise Modular do Discurso

A partir desse quadro, temos uma visão geral de quais são os caminhos possíveis a se tomar, dependendo de qual é o objeto de estudo, isto é, que módulos e formas de organização

³⁵ Quadro apresentado primeiramente em francês por Roulet, Fillietaz e Grobet (2001, p.51), e traduzido para o português por Marinho (2004, p.80).

deverão ser considerados para melhor atender o objetivo analítico do pesquisador.

É importante lembrar que esse quadro não necessariamente propõe que se siga uma forma linear, mas sim que as dimensões ovais e as formas retangulares permitem diversas possibilidades de acoplagem (*couplage*) entre si em prol de uma orientação de análise para o discurso trabalhado (ROULET *et al.*, 2001, p. 50).

Ainda de acordo com os estudiosos genebrinos, o MAM se diferencia de outras abordagens discursivas justamente por colocar em papel de destaque os módulos que definem *as estruturas hierárquicas recursivas*, ou seja, os módulos **sintático**, **hierárquico** e **referencial**. Por isso Roulet *et al.* (2001, p. 52) defendem a hipótese de que “a estrutura hierárquica é constitutiva de toda atividade humana complexa, seja da construção seja da interpretação de uma proposição máxima, de uma troca ou de uma ação”³⁶.

Em linhas gerais, a abordagem do MAM “implica uma dupla exigência: a) decompor a organização complexa do discurso em um número limitado de sistemas (ou módulos), reduzidos a informações simples e b) descrever de maneira tão precisa quanto possível a forma como essas informações simples podem ser combinadas para dar conta das diferentes formas de organização dos discursos analisados” (MARINHO, 2004, p. 81).

Dessa forma, consideramos o MAM um modelo geral e completo que nos ajudou a dar conta do objetivo de nosso trabalho de maneira a focalizar estruturas específicas sem deixar de olhar para a totalidade discursiva. O modelo nos permitiu traçar, portanto, um caminho que nos possibilitou conduzir nossa dissertação.

Para a pesquisa a que nos propomos, isto é, o estudo do funcionamento do MD *por isso que*, detivemo-nos na Forma de Organização Relacional, FOR. Os conectores, nessa forma de organização, têm papel central porque são essenciais para se descreverem as relações textuais e se delinearem as manobras discursivas articuladas no texto. Em outras palavras, essa é a forma de organização relacional requerida quando se pretende estudar o uso e o papel dos marcadores discursivos na sinalização e/ou na determinação das relações textuais e discursivas (CUNHA; MARINHO, 2012, p. 143).

Segundo Roulet *et al.* (2001, p. 165), a forma de organização relacional é

uma forma de organização elementar, que visa, por um lado, a identificar as **relações ilocutórias** (pedido de informação, requerimento, etc.) e **interativas** (argumento, reformulação, etc.) **genéricas** entre os constituintes da estrutura hierárquica e das informações na memória discursiva e, por outro lado, a descrever o **percurso inferencial** que permite determinar a **relação específica** entre um constituinte e uma

³⁶ “(...) la structure hiérarchique est constitutive de toute activité humaine complexe, qu’il s’agisse de la construction ou de l’interprétation d’une proposition maximale, d’un échange ou d’une action”.

informação na memória discursiva³⁷.

As **relações ilocucionárias** (ou dialogais) são aquelas que dizem respeito aos constituintes de uma troca – a maior unidade dialogal. As **relações interativas** (ou monologais), por sua vez, são aquelas que concernem aos constituintes da intervenção – a maior unidade monologal (CUNHA; MARINHO, 2012, p. 139).

A forma de organização relacional resulta da combinação das informações do **módulo hierárquico** (módulo que define as categorias e as regras que permitem gerar as estruturas hierárquicas de todo tipo de texto, dialogal, monologal, oral ou escrito), com informações do **módulo lexical** (aquele que tem como objetivo definir a pronúncia, a ortografia, as propriedades gramaticais e o sentido das palavras das diferentes variedades linguísticas), do **sintático** (o que trata das regras que definem as categorias e a construção das estruturas das sentenças) e do **referencial** (o que estuda as relações que o discurso mantém com o mundo no qual é produzido, bem como as relações que mantém com os mundos que representa), “a fim de identificar as relações de discurso ilocucionárias e interativas entre os constituintes da estrutura hierárquica e informações da memória discursiva” (CUNHA, 2014, p. 31).

Para Cunha e Marinho (2015, p. 80-81),

a descrição da organização relacional de um texto permite a confecção da estrutura hierárquico-relacional, útil para a elucidação de sua interpretação e obtenção de seu perfil relacional, onde se evidenciam as relações textuais genéricas dominantes no interior de sua organização. (...) Na organização relacional, os conectores exercem papel de destaque. O modelo considera que os conectores empregados em um texto são elementos importantes, por explicitarem a relação interativa entre um constituinte do texto e uma informação previamente estocada na memória discursiva. Assim, as instruções fornecidas pelo conector auxiliam o analista a interpretar a relação do discurso (...). Os conectores também são importantes por oferecerem indicações quanto à hierarquia dos constituintes por eles articulados.

Em se tratando da hierarquia dos constituintes articulados pelos conectores e de acordo com os postulados do MAM, os MDs que explicitam relações argumentativas do tipo causal, explicativo ou justificativo introduzem constituintes subordinados³⁸. Já os que introduzem relações argumentativas conclusivas ou consecutivas introduzem constituintes principais. Os

³⁷ “(...) une forme d’organisation élémentaire, qui vise, d’une part à identifier les **relations illocutoires** (demande d’information, requête, etc.) et **interactives** (argument, reformulation, etc.) **génériques** entre les constituantes de la structure hiérarchique et des informations en mémoire discursive et, d’autre part, à décrire le **parcours inférentiel** permettant de déterminer la **relation spécifique** entre un constituant et une information en mémoire discursive.”

³⁸ Segundo Marinho e Cunha (2014, p. 23), os constituintes subordinados podem ser suprimidos do texto sem comprometer sua estrutura global, ao passo que os constituintes principais são os responsáveis pelo sentido e pela força ilocucionária de uma intervenção.

MDs contra-argumentativos, por sua vez, se dividem em dois grupos, os do tipo *mas* (que introduzem constituintes principais) e os do tipo *embora* (que introduzem constituintes subordinados). Por fim, há os MDs reformulativos, que sempre introduzem constituintes principais; e os MDs de topicalização, que introduzem somente constituintes subordinados³⁹.

Para compreender o funcionamento de *por isso que*, levamos em consideração os estudos de Forget (1985), sobre a expressão *c'est pourquoi*; Portolés (2002 e 2007), sobre os marcadores discursivos e sua tradução; Rossari (2000), para compreender a maneira como os conectores impõem representações ao discurso, modulando-o; Reboul e Mœschler (1998), no que diz respeito aos conectores pragmáticos e as inferências que se fazem a partir deles; assim como outros tantos estudiosos.

Além disso, acreditamos que o modelo de análise proposto pela equipe de Genebra, juntamente com pesquisadores supracitados, contribua para nossos estudos sobre a importância dos conectores na construção de um texto na medida em que busca compreender o papel dos MDs nos mais variados textos e discursos.

2.2 Procedimentos de análise

Trabalhamos em nossa pesquisa com a suposição de que diferentes marcadores discursivos nos conduzem a diferentes interpretações, como foi o que aconteceu, por exemplo, em uma tradução de *parce que*, em francês, para *por isso que*, em português, na obra que estamos analisando.

Ao final de nossa leitura contrastiva francês / português de *L'Évangile selon le Spiritisme / O Evangelho segundo o Espiritismo*, parecia-nos que *por isso que* apontava para uma justificação que apoiava a afirmação expressa anteriormente, isto é, introduzia um fato que atestava a veracidade do que fora atestado antes, hipótese que tentamos demonstrar em

³⁹ A noção de argumento (*arg.*) recobre as relações de causa, explicação, justificação, consequência e argumento potencial, e são, geralmente marcadas por conectores como *porque*, *visto que*, *assim*, *portanto*, etc.; a noção de contra-argumento (*c.-arg.*) compreende as relações de oposição e, normalmente, são marcadas por *mas*, *apesar de*, *embora*, etc.; a noção de reformulação (*ref.*) alberga marcadores discursivos como *ou seja*, *ou melhor*, *em suma*, *finalmente*, etc., cujo semantismo indica uma relação de equivalência entre duas formulações ou uma relação de recapitulação da formulação anterior; noção de topicalização (*top.*) diz respeito a selecionar um constituinte destacando-o à esquerda como tópico, e geralmente é marcada por *quanto a*, *no que diz respeito a*, etc.; e, por fim, a noção de comentário (*com.*), sem nenhuma marca específica, mas que sempre introduz um constituinte subordinado que expressa um comentário em relação ao constituinte principal que o precede (ROULET *et al.*, 2001, p.167-172).

nossa dissertação.

De acordo com o MAM, como já exposto, o papel e o uso dos MDs na sinalização ou na determinação das relações discursivas são estudados na forma de organização relacional, FOR. Dentro dessa forma de organização, é preciso traçar um percurso que abarque informações do **módulo hierárquico** combinadas a contribuições dos **módulos lexical, sintático** – caso as relações sejam claramente sinalizadas por marcas linguísticas – ou **referencial** – caso essas relações não estejam marcadas (MARINHO, 2002; CUNHA, 2014). Em nossa dissertação, por termos lidado especificamente com o conector *por isso que* e com as relações por ele assinaladas, servimo-nos das informações oferecidas pelo módulo **hierárquico** assim como pelos módulos **lexical, sintático**.

Podemos, assim, afirmar que, seguindo essas orientações, nosso procedimento de análise se deu em duas etapas: primeiro, identificamos as “relações ilocucionárias e interativas genéricas entre os constituintes da estrutura hierárquica e informações da memória discursiva” (CUNHA, 2014, p. 44); em seguida, passamos à análise da “relação específica entre um constituinte em particular e uma informação da memória discursiva” (*idem*), concentrando-nos sobre enunciados particulares com o intuito de entender a diferenciação entre as relações analisadas na primeira fase.

Tomando esse percurso como base, apresentamos, em um primeiro momento, uma proposta de desenvolvimento do módulo hierárquico, marcando as relações textuais genéricas existentes nos trechos analisados; em seguida, com a descrição e exame das relações específicas ligadas ao emprego de *por isso que* nos trechos em questão, buscamos dar conta das duas etapas necessárias para a investigação da forma de organização relacional.

Em nosso próximo capítulo, propomos uma reflexão sobre as relações interativas do tipo argumentativo – sobretudo as de causa, efeito e explicação / justificção –, para, assim, chegar a algumas considerações sobre o funcionamento da expressão *por isso que* nos enunciados em que ela é empregada.

3. RELAÇÕES INTERATIVAS GENÉRICAS ARGUMENTATIVAS

Há sempre uma intenção de sentido na origem de qualquer articulação de duas unidades de informação no discurso. Algumas vezes, essa intenção transparece como um valor lógico inerente aos conteúdos combinados (ex. o contraste em Os cães ladram, a caravana passa). Na maioria das situações, porém, precisamos de conjunções que explicitem essa situação (AZEREDO, 2010, p. 293).

Segundo Bérard e Lavenne (1991), dois gramáticos franceses⁴⁰, quando se estabelece uma ligação entre dois segmentos, sempre há alguma relação lógica entre as duas partes. Por exemplo, em frases do tipo *A, mas B*, há a noção de oposição, isto é, uma conclusão contrária ao que se esperava a partir de *A*. Em *à medida que A, B*, há a ideia de proporção e de concomitância. Entre tantas relações que podem estar presentes na conexão de um termo a outro, estudamos, em nossa dissertação, a relação interativa genérica argumentativa, a qual abarca a relação de causa e consequência entre dois eventos, ou ainda a relação de justificação.

Iniciamos considerando a relação de causa e consequência entre dois eventos. A noção de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um fato, ou seja, ao motivo que determina um acontecimento. Já a consequência expressa o efeito, a reação a esse acontecimento.

A *Grammaire utile du français* afirma que certos eventos ou situações (passados, presentes ou futuros) podem estar na origem de outros eventos e situações, suscitando-os (BÉRARD; LAVENNE, 1991, p. 186)⁴¹. A *Nouvelle grammaire du français: cours de*

⁴⁰ Ao longo de nosso texto, optamos por citar estudiosos da língua portuguesa e da língua francesa, haja vista o bilinguismo de nosso corpus.

⁴¹ Embora a obra a que recorremos não trabalhe na perspectiva do discurso, optamos por citá-la porque é, para nós, notável seu esforço na tentativa de descrever a língua, ainda que de um ponto de vista diferente, o da Gramática Tradicional. Ainda que essa perspectiva não encubra a complexidade de uma língua, algumas gramáticas, como as produzidas para o ensino de FLE, *Français Langue Étrangère*, por exemplo, têm a preocupação de provocar em seus leitores-alunos reflexões sobre o idioma e sobre seus diferentes usos. Sabemos

civilisation française de la Sorbonne, também nesta linha de raciocínio, declara que “expressar a causa é dar uma explicação, indicar a razão de uma ação ou de um fato⁴²”; ao passo que a consequência seria o “resultado de uma causa expressa na primeira parte da frase⁴³” (DELATOUR *et al.*, p. 239).

Azeredo (2010, p. 323), na *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, considera que a causalidade constitui uma *macrorrelação* – termo usado por este autor – que pode se especificar por meio de valores de causa e consequência que não consistiriam valores opostos, mas sim complementares. Em outras palavras, em uma perspectiva lógica, a articulação de dois fatos pelo vínculo da causalidade só se concretiza se a execução de um deles decorrer ou depender diretamente da execução do outro. Dessa forma, o autor afirma que

do ponto de vista do discurso, causa ou efeito não é, portanto, um valor inerente a um fato na sua relação com o outro, mas uma possibilidade de sentido segundo a necessidade de compreensão – e de verbalização – do evento que se está testemunhando. O emprego do conectivo⁴⁴ tem a função de explicitar esse valor, balizando a compreensão da respectiva oração (AZEREDO, 2010, p. 323).

Para Azeredo (2010), conectores como *portanto* e *logo*, por exemplo, introduziriam argumentos que expressam a continuidade lógica do raciocínio iniciado pela afirmação anterior, ao passo que MDs como *pois* e *porque* introduziriam o próprio fato. A título de exemplo⁴⁵, em (1), *logo* ou *portanto* introduzem a conclusão que se tira do fato de as águas terem baixado:

As águas baixaram um pouco; **logo** (ou **portanto**), já podemos atravessar.

Dito de outro modo, *atravessar* foi a atitude tomada como reação à constatação de que *as águas haviam baixado um pouco*. Já em (2), *pois* ou *porque* iniciam um argumento para uma explicação⁴⁶ expressa na oração anterior. Isto é, a atitude de *atravessar* será tomada sob

que muitos gramáticos reproduzem usos da língua que já não são mais comuns e que condenam novas formas de expressão, sem levar em conta que a língua é um fenômeno que muda constantemente. Também sabemos que o modelo de descrição da Gramática Tradicional é insuficiente para dar conta da complexidade de uma língua, muito menos para descrever a diversidade das línguas do mundo. No entanto, acreditamos que trazer algumas das considerações dessas obras e de outras afins para nossa pesquisa só faria enriquecê-la na medida em que consideramos algumas de suas reflexões como um bom ponto de partida para nossas descrições.

⁴² “Exprimer la cause, c’est donner une explication, indiquer la raison d’une action ou d’un fait.”

⁴³ “La conséquence indique le résultat d’une cause exprimée dans la première partie de la phrase.”

⁴⁴ Sobre os conectivos, Azeredo também afirma que eles se impõem “à atenção do ouvinte ou leitor, funcionando como argumento para os efeitos de sentido que o enunciador pretende produzir” (AZEREDO, 2010, p. 305), pois explicitam noções ou relações de sentido.

⁴⁵ Exemplos de Azeredo (2010, p. 308).

⁴⁶ A diferença entre causa e explicação é bastante sutil, mas, em linhas gerais, podemos dizer que a **causa** é

justificativa / explicação de que *as águas baixaram um pouco*, não apresentando riscos para as pessoas:

Já podemos atravessar, **pois** (ou **porque**) as águas baixaram um pouco.

Charaudeau (1992, p. 526), cujo trabalho não é considerado pela equipe genebrina ao tratar da FOR, mas cujas reflexões nos parecem bastante significativas enquanto ponto de partida para nossas reflexões, também dedica algumas páginas da *Grammaire du sens et de l'expression* a esse assunto. Segundo este teórico,

a operação de “causalidade” estabelece uma relação lógica entre duas asserções (A_1 e A_2), de tal modo que afirmar uma, (A_1), engendra a existência de outra, (A_2). Correlativamente, esta última, (A_2), depende, para existir, da primeira, (A_1), constituindo seu ponto de chegada, o que é verdade qualquer que seja a ordem dessas asserções (e das palavras que as ligam) na construção do enunciado⁴⁷.

Apoiado nesse raciocínio, Charaudeau afirma que podemos representar a relação geral de causalidade pela fórmula $A_1 \rightarrow A_2$. De acordo com essa operação, poderíamos dizer, citando caso análogo, que se interessar por alguma obra literária seja uma causa possível (A_1) para assistir à sua adaptação para o cinema (A_2):

Vou assistir a este filme que está no cinema **porque** gosto muito do livro⁴⁸.

A justificação, por sua vez, segundo Rossari (2007, p. 13-55), consiste em um dos procedimentos retóricos identificados como forma de assegurar seu dizer, buscando a validação, a confirmação e a relação de fundamentação / sustentação do que foi afirmado anteriormente, fazendo um apelo a esse fato, isto é, a justificação introduz um fato que busca atestar a veracidade daquilo que foi atestado previamente.

representada por um fato na oração principal, ao passo que a **explicação** explicita / esclarece um comando. Por exemplo, no exemplo (2), *Já podemos atravessar, pois (ou porque) as águas baixaram um pouco*, existe o comando “já podemos atravessar” que é elucidado por “pois (porque) as águas já baixaram”. No que concerne causa e explicação, Miguel (1989, p. 235), no livro *Estudos de Língua Portuguesa*, diz que a confusão entre ambas pode ser comum, devendo-se levar fatores semânticos e lógicos em consideração para interpretar as relações. Segundo este autor, em “Não veio à aula, porque choveu”, a segunda oração (“porque choveu”) ocorreu primeiro. Isto é, a chuva antecede a primeira oração, por isso só pode ser causa. Já em “Reza, porque Deus te ouvirá”, a segunda oração não antecede a primeira, sendo assim, só pode ser explicação, nunca causa.

⁴⁷ “L’opération de « Causalité » établit une relation logique entre deux assertions (A_1 et A_2), de telle sorte que poser l’une (A_1) entraîne l’existence de l’autre (A_2). Corrélativement, cette dernière (A_2) dépend pour son existence de la première (A_1) en en constituant son point d’aboutissement, et ce, quel que soit l’ordre de ces assertions (et les mots qui les reliait) dans la construction de l’énoncé.”

⁴⁸ Exemplo nosso.

Em nossa dissertação, estudamos as relações argumentativas de causa, efeito e justificação visando dar conta do papel do MD *por isso que* nos trechos traduzidos.

Primeiramente, apresentamos algumas considerações sobre esse marcador e uma breve análise dos estudos que já lhe foram consagrados até hoje. Em outro capítulo, passamos a uma análise contrastiva de nove passagens de *L'Évangile selon le Spiritisme* e de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, tentando confrontar o funcionamento dos conectores empregados nas relações do tipo argumentativo do texto em francês e o funcionamento da tradução que se lhes fez em português, *por isso que*.

Tentamos, assim, compreender que tipo de relação o conector traduzido sinaliza, como guia para o processamento do texto pelo leitor, e que interpretação permite que seja construída com a sua presença.

3.1 *Por isso que*: propriedades gramaticais e discursivas

Ao ler a tradução feita por Guillon Ribeiro de *L'Évangile selon le Spiritisme*, um marcador que muito nos chamou a atenção no texto em português foi *por isso que* – e o que julgamos serem suas variações: *(é) por isso que*, *(foi) por isso (que)* – porque, para cada uma de suas nove ocorrências ao longo de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, há diferentes correspondentes em francês, por exemplo, *c'est pourquoi*, *car*, *parce que*, *puisque* e *c'est ainsi que*.

No que diz respeito à língua portuguesa, muito já foi escrito sobre o conector *por isso*. Em nossas gramáticas, Almeida (1983) o classifica como conjunção coordenativa conclusiva e o apresenta como sinônimo de *portanto*. Cegalla (1984), Cunha e Cintra (1985), Bechara (1978), Chaves de Melo (1980) e Miguel (1989) também o arrolam entre as conjunções conclusivas. Mas, de todas as gramáticas que consultamos, apenas Almeida (2009 [1943]) trata de *por isso que*.

Segundo essa gramática, a expressão *por isso que* é classificada como locução conjuntiva causal, ou seja, como um elemento que direciona para a razão de ser de alguma afirmação.

De acordo com Almeida (2009 [1943], p. 356), em latim, havia uma expressão muito semelhante a *por isso que*, tratava-se do conector *propter hanc causam quod* (literalmente *por*

essa razão que). Para o autor, se substituirmos *essa razão* por *isso*, teremos seguramente *por isso que*. Almeida ainda destaca que essa expressão também é próxima de *eo quod*, cuja tradução literal seria *por isso que*.

Ao apresentar a reconstrução linguística e etimológica dessa expressão, Almeida afirma que “devemos convir na legitimidade dessa locução conjuntiva, sem nos esquecer de que significa *porquanto, porque*” (*idem*).

Neves (2011, p. 803), em uma abordagem linguística, também trata dessa expressão. Ao explicitar o uso dos itens lexicais e gramaticais da língua portuguesa, também arrola *por isso que* entre os juntores causais – expressão usada pela autora –, acrescentando a informação de que ele sempre inicia orações causais postostas.

Quanto à variedade europeia da língua portuguesa, Lobo (2001, p. 239), linguista e professora da Universidade Nova de Lisboa, em um artigo que examina as orações causais do Português, também assegura que *por isso que* é um conector causal, acrescentando que ele não lhe parece ser usado em português europeu contemporâneo.

Resumindo, de acordo com esses autores, *por isso* indicaria uma conclusão e *por isso que*, uma causa. Deparamo-nos, no entanto, em nosso corpus, com algumas passagens em que este último conector não nos parecia apenas causal. Em alguns casos, ele direcionava para uma justificação, isto é, ele não apresentava uma causa, mas sim introduzia argumentos em favor dessa causa, a fim de convencer o leitor de sua validade.

Essa leitura de *por isso que* nos conduziu à hipótese de que *por isso* e *por isso que* apresentam características comuns no que diz respeito a guiar o interpretante para a seleção da relação textual apropriada a determinado contexto.

Não discordamos das análises feitas por Almeida (2009 [1943]) e por Neves (2011), mas percebemos que essa expressão sinaliza outras relações, uma vez que, nas leituras que fizemos, *por isso que* parece ter outras propriedades de modo que possa expressar ainda noção de justificação.

A partir das leituras e análises que fizemos, propomos a hipótese de que *por isso que* possa introduzir uma informação pressuposta ou já conhecida, apresentando-a como justificação / validação da informação anterior. Ou seja, propomos, em nossa dissertação, investigar se *por isso que* pode justificar / ratificar / validar uma causa.

Por exemplo, em *Maria esqueceu o telefone em casa, por isso que ela ainda não respondeu a mensagem no Whatsapp*⁴⁹, a circunstância / o fato de ainda não ter respondido a

⁴⁹ Exemplo nosso.

mensagem são conhecidos tanto do locutor quanto daqueles que levaram esse fato a seu conhecimento, o que mostra o traço de *informação pressuposta* ou *já conhecida* sinalizado pelo conector *por isso que*. Não há dúvidas de que o fato de Maria ainda não ter respondido a mensagem é uma reação⁵⁰, um efeito de ter esquecido seu telefone em casa, mas o trecho introduzido por *por isso que* é principalmente uma justificação / validação desse fato, e não a causa em si.

Um outro exemplo que apresentamos é de uma frase, cuja autoria desconhecemos, que vimos em uma rede social: *quem guarda mágoas só perde espaço interno, por isso que o peito fica tão apertado*. De acordo a leitura que fazemos dessa frase, a consequência direta de *guardar mágoas* é *perder espaço interno*, o que é justificado pelo fato de *o peito ficar apertado*. Em outras palavras, o trecho introduzido por *por isso que* introduz uma justificação em relação ao enunciado que precede esse conector.

A nosso ver, existem semelhanças entre as expressões *por isso* e *por isso que* na medida em que permitem que o interpretante faça determinadas inferências lógicas ou de decorrência factual a partir da primeira proposição. Uma hipótese é a de essa semelhança existe porque, ao marcador *por isso*, foi acrescentada a partícula *que*. Segundo Bechara (2009, p. 597), “é frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões adverbiais”.

Para chegar a esse raciocínio, um exemplo no qual nos embasamos é o do conector *daí*, estudado por Santos (2002). Em uma abordagem modular, tal qual a nossa, a autora estudou o conector *daí* considerando-o como um MD capaz de sinalizar a ideia de decorrência factual ou de conclusão / inferência lógica. Essas características estariam presentes, segundo a autora, em expressões como *por esse motivo* e *por isso*.

Santos (2002, p. 31) traz alguns exemplos em que, manipulando-se os conectores – substituindo-os por aqueles que ela considera seus sinônimos – obtêm-se as mesmas inferências:

(1a) Tinha um ligeiro sotaque; **daí** deduzi que era estrangeiro.

(1b) Tinha um ligeiro sotaque; **por causa disso** deduzi que era estrangeiro.

(1c) Tinha um ligeiro sotaque; **por isso** deduzi que era estrangeiro.

De acordo com nossos conhecimentos de mundo, se alguém tem um ligeiro sotaque,

⁵⁰Agradecemos a contribuição da Professora Beatriz Fernandes (Faculdade de Letras da Universidade de Itaúna – MG) pelo auxílio e pelos esclarecimentos sobre este tema.

podemos acreditar que essa pessoa é estrangeira, isto é, há uma relação de conclusão entre os dois segmentos que é balizada pelo MD *daí* em (1a). Em (1b) e (1c), os conectores *por causa disso* e *por isso* nos oferecem instruções semelhantes às de *daí*, o que nos permite fazer as mesmas inferências que extraímos de (1a).

Na segunda lista de exemplos, Santos (*idem*) também substitui *daí* por *por causa disso* e por *por isso*:

(2a) O temporal impediu-nos de sair, **daí** desistimos.

(2b) O temporal impediu-nos de sair, **por causa disso** desistimos.

(2c) O temporal impediu-nos de sair, **por isso** desistimos.

Segundo o senso coletivo, se há um temporal que nos impede de sair, geralmente desistimos de fazê-lo; estes são os estados de coisa presentes nos dois enunciados que compõem (2a). Além disso, a relação entre eles é sinalizada por *daí*, o que minimiza os esforços cognitivos do interpretante uma vez que restringe a interpretação do enunciado a uma relação de causa e efeito. Em outras palavras, o segundo enunciado **introduz** uma consequência lógica com relação ao primeiro.

Em (2b) e (2c), ao se manipularem os conectores, os mesmos efeitos de sentido podem ser alcançados. Retomando Portolés (2002), podemos dizer que, embora cada MD tenha seu próprio significado, o enriquecimento pragmático obtido a partir do contexto e os sentidos dos exemplos (2a), (2b) e (2c) são os mesmos.

Em resumo, os pares de exemplos (1b – 1c) e (2b – 2c) traduziriam, respectivamente, as mesmas ideias expressas por (1a) e (2a), ou seja, os MDs *por causa disso* e *por isso* teriam balizado as mesmas inferências que o MD *daí*.

Acreditamos que os exemplos dados por Santos (2002) possam também ser manipulados trocando-se o MD *daí* por *por isso que*, no que se refere a apresentar uma reação à primeira proposição que compõe o enunciado:

(3a) Tinha um ligeiro sotaque; **daí** deduzi que era estrangeiro.

(3b) Tinha um ligeiro sotaque; **por isso que** deduzi que era estrangeiro.

(4a) O temporal impediu-nos de sair, **daí** desistimos.

(4b) O temporal impediu-nos de sair, **por isso que** desistimos.

Tanto em (3b) quanto em (4b), os efeitos de sentido que se tem a partir das informações oferecidas por *por isso que* nos apresentam, concomitantemente, uma reação a algum fato apresentado, respectivamente, em (3a) e (4a). *Por isso que*, contudo, a nosso ver, parece dar ainda outra nuance ao contexto, pois ao lançar mão dessa expressão, não se apresenta a reação como decorrência lógica do enunciado anterior – o que acontece com *logo, daí, portanto* –, mas uma justificação dos fatos.

O laço de causalidade entre as duas proposições conectadas por *por isso que* é evidente, e o primeiro enunciado é apresentado como a causa do segundo. Mas o que se segue ao conector *por isso que* não é uma decorrência lógica, mas sim uma *inferência lógica* – expressão usada por Forget (1985) para dizer que se trata de um dos efeitos de alguma ação, ao qual se tem acesso indiretamente – e que a relação mais forte que se tem entre os dois enunciados é a de retomar o discurso tentando justificar, junto ao leitor, as razões anteriormente apresentadas.

Apesar de *por isso* e *por isso que* apresentarem traços semânticos muito parecidos, em alguns casos, eles podem manifestar comportamentos diferentes, como a possibilidade ou não de uso em determinados contextos⁵¹.

O que constatamos, em nosso corpus, é que, diferente das observações de Almeida (2009 [1943]), Neves (2011) e Lobo (2001), *por isso que* não nos remete a uma causa, mas a uma justificação.

Como se trata do conector que mais despertou nossa atenção na análise das obras, e porque nele conseguimos perceber funcionamentos ainda não estudados por outros linguistas, optamos por fazer uma análise de cada uma de suas nove⁵² ocorrências ao longo de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Nosso próximo capítulo, o de estudos sobre os trechos selecionados, explica nossos procedimentos de análise ao mesmo tempo em que expõe o estudo das propriedades de *por isso que*.

⁵¹ Por exemplo, encontramos, para além de nosso corpus, muitos exemplos em que *por isso* poderia ser substituído por *por isso que*, sem deixar de conduzir o leitor aos mesmos efeitos de sentido sinalizados por aquele conector. No entanto, afirmamos que pode haver diferenças porque encontramos em um panfleto litúrgico católico, uma passagem da Segunda Leitura (Hb 4, 14-16; 5, 7-9) de uma celebração conhecida como *Adoração da Cruz*, na Sexta-feira da Paixão, que dizia: “Irmãos, temos um sumo sacerdote eminente, que entrou no céu, Jesus, o filho de Deus. **Por isso**, permaneçamos firmes na fé que professamos” (O DOMINGO, p. 2, 2017). Nesse exemplo, não nos parece possível alternar *por isso* por *por isso que*.

⁵² Na verdade, há onze ocorrências deste marcador discursivo, no entanto, duas delas são em citações da Bíblia, o que, no momento, não é nosso objeto de estudo.

4. ANÁLISE DO FUNCIONAMENTO DE *POR ISSO QUE* EM O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Para a análise de nossos dados, identificamos inicialmente os sistemas de informações elementares ou módulos que entram na composição dos discursos, pois, como apontado anteriormente, cada módulo fornece uma descrição do dispositivo de que trata. Em seguida, procuramos mostrar como as informações resultantes desses módulos se combinam / se inter-relacionam na produção e na interpretação do discurso.

Segundo Marinho (2002, p. 41), esse esforço de observação e desconstrução da organização de textos permite a descoberta e a compreensão dos princípios que regem a organização textual e as ferramentas empregadas para obtê-la nos planos linguístico, textual e situacional.

Por estarmos pesquisando marcadores discursivos, o MAM orienta que nos enveredemos pela Forma de Organização Relacional, FOR. De acordo com Marinho (*idem*, p. 74), essa forma de organização consiste em um importante aspecto da elucidação da interpretação de um texto, visto que nela se destacam os tipos de relações existentes entre os constituintes da estrutura hierárquica e as informações de origem textual ou situacional, assim como o papel dos conectores no discurso.

Constrói-se a descrição da organização relacional a partir da acoplagem (*couplage*) de todas as informações obtidas com a análise da dimensão hierárquica, que concernem à definição dos constituintes textuais; e as informações lexicais e sintáticas, que dizem respeito às instruções dadas por essas marcas.

A descrição da organização relacional que daremos aos contextos em que o MD *por isso que* foi empregado são feitas utilizando-se um número restrito de relações genéricas que são consideradas suficientes para que se descrevam todas as formas de discurso. Assim sendo, utilizamos a noção de argumento (*arg.*) para recobrir todas as relações interativas sinalizadas por esse conector: causa, explicação / justificação e consequência.

No que diz respeito às relações genéricas, Marinho (2002, p. 75) afirma que

a descrição das relações genéricas fornece uma esquematização através da qual se situam as relações ilocucionárias e interativas entre os constituintes discursivos e as informações estocadas na memória discursiva. Dessa esquematização podem-se extrair informações que poderão ser combinadas com as extraídas das representações de outras formas de organização. Mas, para considerar as diferenças entre essas relações, visando ao tratamento de um enunciado em particular, procede-

-se, num momento posterior à análise das relações genéricas, à descrição das relações discursivas específicas com a aplicação de um princípio geral de cálculo inferencial, em função das propriedades linguísticas e contextuais desse enunciado.

Dessa forma, a partir das informações genéricas obtidas na primeira fase de análise proposta pelo MAM, buscamos determinar a relação específica existente entre um constituinte e uma informação da memória discursiva. Passamos, assim, à descrição dos percursos inferenciais – informações linguísticas enriquecidas e informações lexicais oferecidas pelo conector *por isso que* – que nos conduzem à interpretação de cada sequência estudada em nosso corpus.

Analisando as nove passagens de *O Evangelho segundo o Espiritismo* que compõem o nosso corpus do ponto de vista hierárquico, propomos para elas – para os trechos em que foi empregado o MD *por isso que* – estruturas que correspondem a uma possível interpretação de cada um desses nove excertos e através das quais essa interpretação é explicitada, haja vista o fato de elas possibilitarem a visualização das hierarquias entre os constituintes discursivos.

Como estamos examinando apenas segmentos marcados por *por isso que* do ponto de vista da organização relacional, conjugamos os esquemas hierarquizados com as informações de ordem lexical e sintática desse conector e, dessa forma, conseguimos chegar às estruturas hierárquico-relacionais “nas quais se explicitam as hierarquias e as relações para representar sua organização relacional” (MARINHO, 2002, p. 79).

Nas estruturas hierárquico-relacionais que propomos para os trechos de nosso corpus, com o propósito de alcançar uma descrição mais refinada de sua organização relacional, indicamos, através das formas abreviadas *arg.*, para argumento; *c.-arg.*, contra-argumento; *ref.*, reformulação; *top.*, topicalização; e *com.*, comentário, as relações interativas que, de acordo com nossas interpretações, ligam os constituintes das estruturas hierárquicas. Por meio dessas estruturas propostas, podemos situar as relações interativas genéricas em diferentes níveis.

Apresentamos nossas análises em nove subitens. Optamos por apresentar cada análise seguindo a ordem de aparecimento do MD em questão ao longo de *O Evangelho segundo o Espiritismo* – não condensando, assim, todas as ocorrências de um ou de outro conector do francês que tenha sido traduzido por *por isso que* – para que pudéssemos investigar e examinar cada um dos nove excertos com maior circunspeção. Além disso, apresentamos nossas análises dos trechos de *L'Évangile selon le Spiritisme* em língua francesa para evitarmos impasses ou dilemas de tradução, comparando-as, em seguida, com a tradução proposta por Guillon Ribeiro.

Tentamos propor, ao final de cada uma dessas seções, uma discussão das propriedades gramaticais (lexicais, morfossintáticas e semânticas) de *por isso que* com o intuito de poder definir as instruções dadas por ele sobre os procedimentos que devem ser seguidos para a interpretação de cada um dos enunciados em que aparece, já que, de acordo com nossa hipótese, *por isso que* parece-nos apontar para uma justificação.

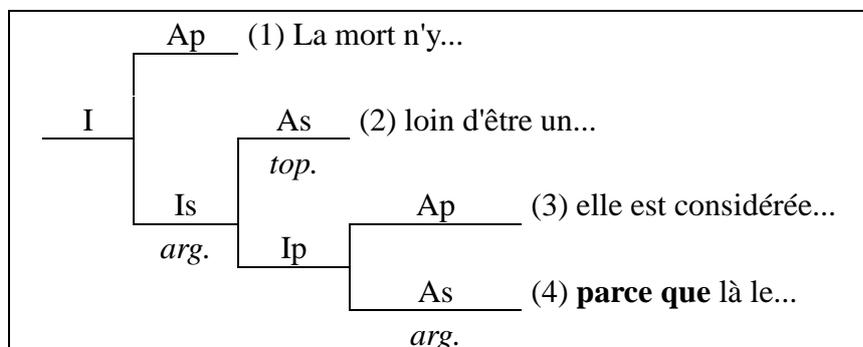
4.1 *Parce que* x *Por isso que*

Nosso primeiro exemplo é de um trecho do original em francês – marcado por *parce que*, convencionalmente traduzido em português por *porque* – já comentado anteriormente, em que se afirma que, nos mundos superiores, o medo da morte não existiria porque ela seria vista como uma transformação feliz, ou seja, apresenta-se um motivo para não se temer a morte.

Para os fins de nossa pesquisa, transcrevemos o trecho abaixo já separado em atos, ou seja, em unidades textuais mínimas⁵³, que se encontram numerados. Destacamos também o marcador discursivo relacionado ao que nos propusemos estudar⁵⁴:

(1) La mort n’y a rien des horreurs de la décomposition ; / (2) loin d’être un sujet d’effroi, / (3) elle est considérée comme une transformation heureuse, / (4) **parce que** là [aux mondes avancés] le doute sur l’avenir n’existe pas (KARDEC, 1864, p. 43).

Procedemos à primeira fase de análise da FOR, propondo uma estrutura hierárquico-relacional, EHR, em que explicitamos as relações genéricas existentes entre cada constituinte e uma informação na memória discursiva. Essa estrutura nos possibilita visualizar as hierarquias entre os diferentes constituintes discursivos:



⁵³ Aconselhamos a leitura de Roulet *et al.* (2001) para um aprofundamento sobre o conceito de “ato”.

⁵⁴ Procedemos da mesma forma com todos os excertos de nosso corpus.

De acordo com nossa interpretação da estrutura acima, temos uma grande intervenção (I) formada por um ato (Ap) – que contém a principal informação do texto –, ao qual se subordina uma intervenção (Is), numa relação argumentativa (*arg.*). Esta, por sua vez, é formada por um ato (As) subordinado a uma intervenção principal (Ip). Consideramos que entre o ato (2) e a Ip (3-4) se estabelece uma relação de topicalização (*top.*).

Nessa intervenção subordinada, Is (2-4), interpretamos que o ato (3) é principal em relação ao ato (4), pois *a morte ser considerada uma transformação feliz* é uma consequência de, *nos mundos avançados, não haver dúvida sobre o futuro*. E o conector *parce que* marca essa relação argumentativa.

Considerando as informações hierárquico-relacionais explicitadas na EHR acima, bem como as instruções dadas por *parce que*, passamos à descrição dos percursos inferenciais ligados à presença desse conector (ROULET *et al.*, 2001, p. 191). Procedemos à segunda etapa da análise relacional com base em um quadro de cálculos inferenciais dessas relações assentados em premissas linguísticas, lexicais e referenciais das quais podemos tirar conclusões e chegar a uma interpretação (*idem*, p. 193-194). Em outras palavras, passamos ao cálculo inferencial das relações interativas específicas descrevendo a relação entre um constituinte e uma informação em memória discursiva⁵⁵, relação que, neste caso, está ligada ao emprego de *parce que*.

Ainda sobre essa etapa de análise da forma de organização relacional, isto é, **a descrição do percurso inferencial**, reafirmamos que ela é importante porque permite “distinguir as sequências em que a relação de argumento é marcada por conectores daquelas que não o são ou as sequências em que a relação de argumento é marcada por *porque* daquelas que são marcadas por *pois, portanto, aliás* etc.” (CUNHA, 2014, p. 46).

O cálculo inferencial da relação que apresentamos acima é, então, estabelecido principalmente sobre a acoplagem (*couplage*) das informações linguísticas e das lexicais:

Prémisse 1	Information linguistique enrichie	L’auteur affirme au lecteur que, dans les mondes avancés, on voit la mort comme une transformation heureuse.
Prémisse 2	Information linguistique enrichie	L’auteur affirme au lecteur que, dans les mondes avancés, le doute sur l’avenir n’existe pas.

⁵⁵ Compreende-se memória discursiva como o conjunto de diversos pré-requisitos culturais que servem de axiomas para que os interlocutores obtenham êxito no processamento de uma atividade dedutiva.

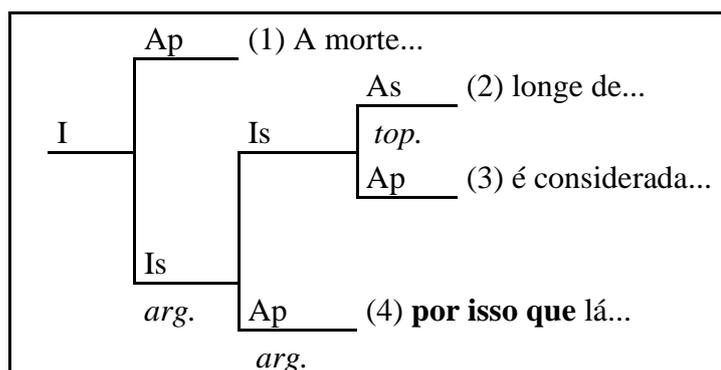
Prémisse 3	Information lexicale (instruction de <i>parce que</i>)	Si une information est introduite par <i>parce que</i> , c'est comme argument à l'appui d'une information en mémoire discursive (ROULET <i>et al.</i> , 2001, p. 197) et sert à constituer, à partir de deux idées <i>p</i> et <i>q</i> qu'il relie, une idée nouvelle, à savoir l'idée d'une relation de causalité entre <i>p</i> et <i>q</i> (GROUPE λ-1, 1975, p. 175).
Conclusion	Interprétation	L'auteur affirme au lecteur que, dans les mondes avancés, on fait face à la mort comme une transformation heureuse (<i>effet</i>) du fait de ne pas avoir de doutes sur l'avenir (<i>cause</i>).

Segundo a interpretação que propomos, concluímos que o texto francês nos apresenta a seguinte informação: *não ter dúvidas sobre o futuro* precede o fato de *a morte ser vista como uma transformação feliz*, o que, segundo Miguel (1989) – em sua diferenciação entre causa e explicação –, nos permite fazer uma leitura do segmento introduzido por *parce que* como causal. Isto é, o fato de não existir, nos mundos avançados, dúvidas sobre o porvir é a **causa** de a morte ser vista como transformação feliz (**efeito / consequência**).

Apresentamos, em seguida, a tradução de Guillon Ribeiro, em língua portuguesa:

(1) A morte de modo algum acarreta os horrores da decomposição; / (2) longe de causar pavor, / (3) é considerada uma transformação feliz, (4) **por isso que** lá não existe a dúvida sobre o porvir (KARDEC, 2011 [1864], p.81).

A estrutura hierárquico-relacional que propomos para o trecho em português e as restrições que o conector *por isso que* exerce sobre as sequências linguísticas que ele articula nos conduz, contudo, a outra leitura:



De acordo com esta EHR, também temos uma grande intervenção formada por um Ap, que, assim como na versão original francesa, funciona como uma proposição de fato que será justificada pelos constituintes que a ela se seguem.

A intervenção que se liga a esse Ap tem caráter subordinado. Dentro dessa intervenção, tem-se uma intervenção, Is (2-3), que se subordina ao ato (4), em uma relação de argumento (*arg.*). De acordo com nossa leitura, nessa última interação, diferentemente do que acontece no texto em francês, o ato (4) tem caráter de principal.

Este último ato, a nosso ver, direciona a leitura não mais para uma *causa*, mas para uma justificação – *a morte, longe de causar pavor, é considerada uma transformação feliz*, e a prova disso é o fato, conhecido tanto pelo autor quanto pelo leitor, de que *lá não há dúvidas sobre o futuro*. Além disso, o enunciado introduzido por *por isso que* não explicita uma causa – como fez *parce que* no exemplo em francês. De acordo com nossa hipótese, *não existir, nos mundos avançados, dúvida sobre o porvir* é um fato conhecido tanto do autor como de seu(s) leitor(es), pois esse argumento funciona como uma justificação / uma reiteração uma explicitação do que foi afirmado anteriormente.

A determinação da relação específica, resultado do cálculo inferencial que nos mostra as especificidades dessa relação, faz-se, dessa forma, importante:

Premissa 1	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que, longe de causar pavor, a morte é considerada uma transformação feliz nos mundos mais avançados.
Premissa 2	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que, nos mundos avançados, não há dúvida sobre o futuro.
Premissa 3	Informação lexical (instrução de <i>por isso que</i>)	Se uma informação é introduzida por <i>por isso que</i> , ela conduz o leitor a uma justificação / validação do que foi expresso anteriormente.
Conclusão	Interpretação	O autor afirma ao leitor que, nos mundos mais avançados, <i>não ter dúvidas sobre o futuro</i> é uma justificação para <i>a morte ser considerada uma transformação feliz</i> (causa).

As duas conclusões – a da versão original e a da versão brasileira – apresentam as interpretações resultantes dos percursos inferenciais, a partir dos quais se pôde definir as

relações específicas entre os atos.

Enquanto o texto em francês nos faz inferir que não ter dúvidas sobre o futuro (A_1 , causa) é o que faz com que, nos mundos avançados, a morte seja vista como uma transformação feliz (A_2 , efeito), o que podemos representar da forma A_2 *parce que/porque* A_1 ; o texto em português pode permitir uma leitura um pouco diferente, pois caminha na direção de uma justificação, o que pode ser representado por A_1 *por isso que* A_2 .

No entanto, ainda que A_1 , *a morte ser considerada uma transformação feliz*, e A_2 , *não existir, nos mundos avançados, dúvidas sobre o futuro*, sejam ideias complementares, uma precede a outra: o fato de encarar a morte como algo feliz é o que engendra atitudes de serenidade diante dela, e não o contrário. De acordo com a doutrina / religião espírita, os espíritos que habitariam os mundos mais evoluídos, diferentemente dos habitantes dos mundos inferiores, têm, via de regra, a consciência de que a morte é uma renovação e, por isso, compreendem sua importância. A nosso ver, este deve ter sido o raciocínio de Allan Kardec ao escolher marcar esse enunciado com *parce que*.

4.2 *C'est pourquoi x Por isso que*

No trecho a seguir – marcado por *c'est pourquoi*, comumente traduzido por *(é) por isso que* – o enunciador informa ao leitor que, de acordo com o Espiritismo, devem-se aceitar as aflições com resignação, sem murmurar e sem acusar Deus de injustiça, caso contrário, aquele que não tenha sido resignadamente submisso a Deus terá de recomeçar, ou seja, de reencarnar para corrigir suas falhas morais e atingir um patamar espiritual mais elevado.

(1) Parmi ces fautes, / (2) il faut placer au premier rang le défaut de soumission à la volonté de Dieu ; / (3) donc, si dans les afflictions on murmure, / (4) si on ne les accepte pas avec résignation / (5) et comme une chose que l'on a dû mériter, / (6) si l'on accuse Dieu d'injustice, / (7) on contracte une nouvelle dette qui fait perdre le bénéfice que l'on pouvait retirer de la souffrance ; / (8) **c'est pourquoi** il faudra recommencer, / (9) absolument comme si, à un créancier qui vous tourmente, (10) vous payez des acomptes, / (10) tandis qu'à chaque fois vous lui empruntez de nouveau (KARDEC, 1864, p. 67).

A passagem supracitada pode ser analisada da seguinte forma para buscar indicações concernentes à hierarquia dos seus constituintes e às relações aí existentes:

A outra grande intervenção desse trecho, de caráter subordinado, compreende os atos de (8) a (11). O ato (8), introduzido pelo MD *c'est pourquoi*, encerra a uma tese muito recorrente dentro da exegese espírita: *c'est pourquoi il faudra recommencer*, isto é, introduz uma justificação, o que lhe confere o caráter de subordinado dentro da intervenção (8-11). Em seguida, (9) se subordina a (10), compondo uma intervenção principal que se liga ao ato (11), subordinado⁵⁷.

Com a análise da organização relacional genérica e das especificidades de cada relação interativa em mãos, procedemos à determinação da relação específica ligada a *c'est pourquoi*, resultado do cálculo inferencial:

Prémisse 1	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur que l'on doit être soumis à la volonté de Dieu.
Prémisse 2	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur que l'on devra recommencer au cas où l'on murmure dans les afflictions, si on ne les accepte pas ou si on accuse Dieu d'être injuste.
Prémisse 3	Information lexicale (instruction de <i>c'est pourquoi</i>)	Si une information est introduite par <i>c'est pourquoi</i> , on tente de justifier auprès de son interlocuteur les raisons qui sont à l'origine de l'action écrite dans la proposition précédente (FORGET, 1985, p. 59).
Conclusion	Interprétation	L'auteur affirme au lecteur que, si on ne se soumet pas à la volonté de Dieu et si on n'accepte pas les afflictions sans murmurer, on devra recommencer (réincarner).

A nosso ver, o autor, ao empregar um enunciado do tipo *A, c'est pourquoi B*, quis justificar / validar uma ação já concluída em A, para isso, ele apresenta A como a causa de B. Em outras palavras, o fato de ter de *recomeçar (reencarnar)* ratifica as razões apresentadas anteriormente, tais quais *não se submeter à vontade de Deus* ou *murmurar nas aflições*.

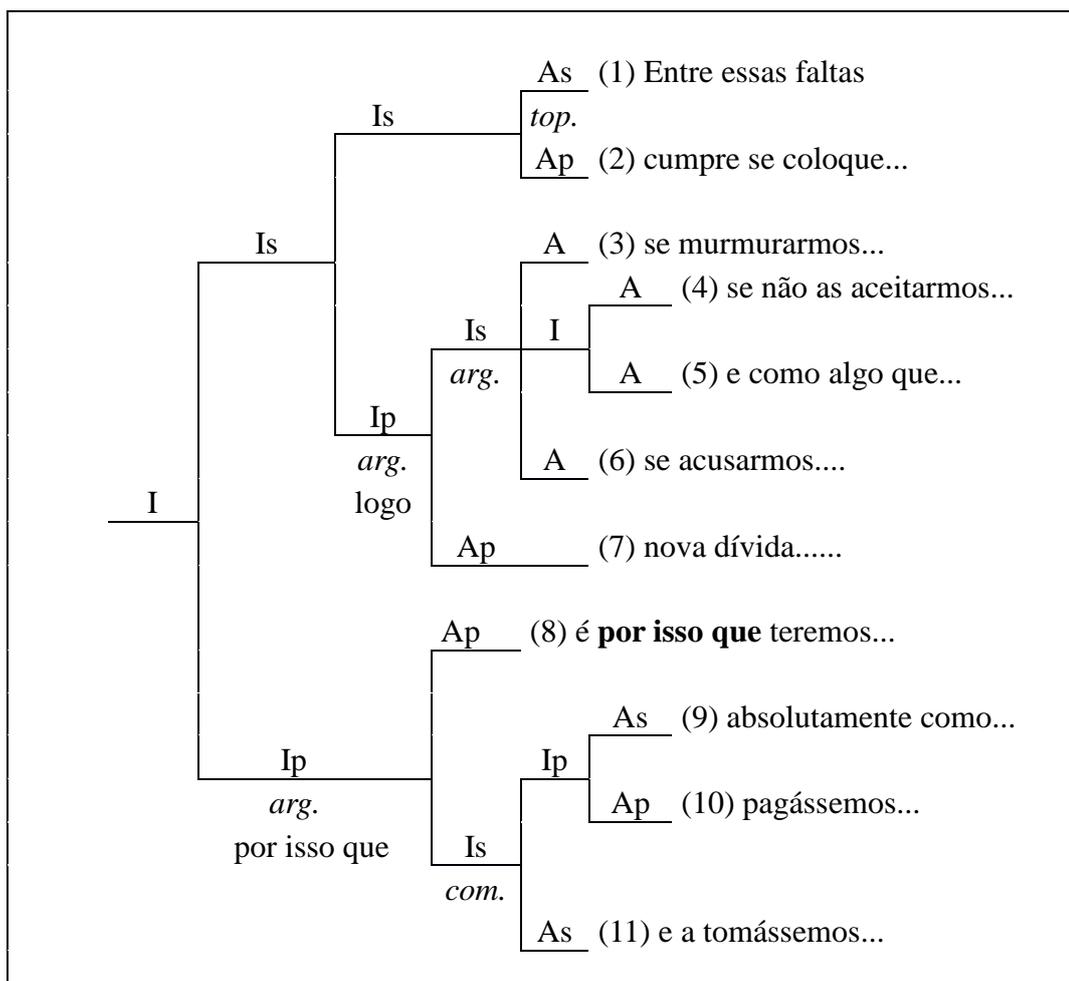
No texto traduzido, o ato (8) é marcado pela expressão *por isso que*, que, como tentamos mostrar em nossa análise, pode dar ao leitor as mesmas “pistas” para a interpretação

⁵⁷ Embora este ato seja marcado pelo conector *tandis que*, não o estudaremos neste momento porque consideramos que a tradução que lhe foi dada, *e*, encerra o mesmo valor procedimental, não validando, portanto, diferentes inferências.

de um texto quanto *c'est pourquoi*, expressão usada no texto em francês.

(1) Entre essas faltas, / (2) cumpre se coloque na primeira fiada a carência de submissão à vontade de Deus. / (3) Logo, se murmurarmos nas aflições, / (4) se não as aceitarmos com resignação / (5) e como algo que devemos ter merecido, / (6) se acusarmos a Deus de ser injusto, / (7) nova dívida contraímos, que nos faz perder o fruto que devíamos colher do sofrimento. / (8) É **por isso que** teremos de recomeçar, / (9) absolutamente como se, a um credor que nos atormente, / (10) pagássemos uma cota / (11) e a tomássemos de novo por empréstimo (KARDEC, 2011 [1864], p. 115-116).

Propomos para o trecho traduzido em português a mesma estrutura hierárquico-relacional do texto em francês, isto é, em nossa interpretação, ele se constrói com os mesmos entrelaçamentos e as mesmas relações interativas entre os diferentes constituintes e informações da memória discursiva:



Com a acoplagem (*couplage*) das informações obtidas com a descrição das dimensões (hierárquica, sintática e lexical) e daquelas oferecidas por *por isso que*, podemos tratar da complexidade discursiva e verificar que, para nós, tanto no texto em francês quanto no texto em português chega-se a resultados idênticos quando se determinam suas relações específicas ligadas aos conectores através do cálculo inferencial:

Premissa 1	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que, se murmurarmos nas aflições, se não as aceitarmos com resignação e como algo que devemos ter merecido, se acusarmos a Deus de ser injusto, nova dívida contraímos, o que nos faz perder o fruto que devíamos colher do sofrimento.
Premissa 2	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que teremos de recomeçar.
Premissa 3	Informação lexical (instrução de <i>por isso que</i>)	Se uma informação é introduzida por <i>por isso que</i> , ela sinaliza uma justificação dos atos anteriores.
Conclusão	Interpretação	O autor afirma ao leitor que, se murmurarmos nas aflições, se não as aceitarmos com resignação e como algo que devemos ter merecido, se acusarmos a Deus de ser injusto, nova dívida contraímos, o que nos faz perder o fruto que devíamos colher do sofrimento e que em função disso teremos de recomeçar.

Confrontando o texto em francês e sua tradução em português, verificamos que, nos excertos acima, os marcadores *c'est pourquoi* e *por isso que* ofereceram aos leitores as mesmas instruções para a interpretação do discurso. Em ambas as passagens, os dois MDs carregam instruções / restrições que permitem que o leitor faça uma leitura tanto do trecho marcado por *c'est pourquoi* quanto do excerto marcado por *por isso que* como uma justificação das razões apresentadas previamente.

4.3 Car x Por isso que

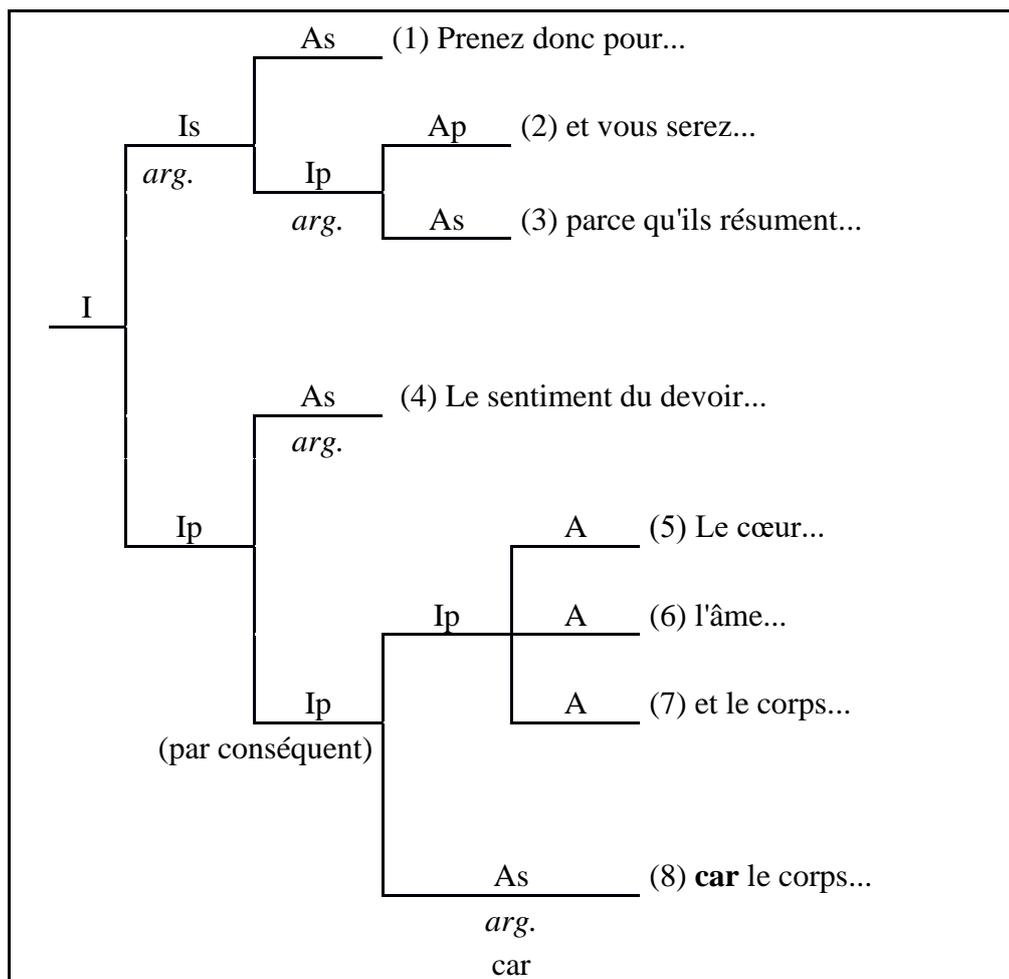
A terceira ocorrência de *por isso que* é a tradução que se deu a *car*, do texto em francês. No excerto em questão, o enunciador informa ao leitor que, adotando o *devotamento* e a *abnegação* como princípios, ter-se-á a *paz de espírito* e a *resignação* necessárias para cumprir sua encarnação na Terra sem dores e / ou sofrimentos morais.

Essas mesmas *paz de espírito* e *resignação* farão *o coração bater melhor* e *a alma se acalmar*, pois quanto menos golpeado for o espírito – pelas dores e sofrimentos morais –, menos o corpo sofrerá.

Em outras palavras, o trecho final do texto abaixo traz uma justificação do que foi apresentado anteriormente na medida em que apresenta uma causa e sua justificação: *quanto mais golpeado for o espírito, mais o corpo sofrerá*, ou o inverso: *quanto menos golpeado for o espírito, menos sofrerá o corpo*.

(1) Prenez donc pour devise ces deux mots : *dévouement* et *abnégation*, / (2) et vous serez forts, / (3) parce qu'ils résument tous les devoirs que vous imposent la charité et l'humilité. / (4) Le sentiment du devoir accompli vous donnera le repos de l'esprit et la résignation. / (5) Le cœur bat mieux, / (6) l'âme se calme / (7) et le corps n'a plus de défaillance, / (8) **car** le corps souffre d'autant plus que l'esprit est plus profondément atteint (KARDEC, 1864, p. 88).

De acordo com nossa leitura, as relações textuais genéricas existentes neste enunciado nos permite apresentar a seguinte estrutura hierárquico-relacional, em outras palavras, nossa hipótese interpretativa:



Os atos (1), (2) e (3) formam uma intervenção de caráter subordinado quanto a (4-9) na medida em que encerram uma relação de argumento que opera em função da conclusão que está por vir. Nessa Is, (1-3), de caráter subordinado, (1) apresenta uma causa, o que lhe confere a condição de subordinado; ao passo que (2) e (3) retratam a conclusão do pensamento, por isso as consideramos como intervenção principal. Ainda nessa intervenção, (2) é um ato principal porque o conector *et* tem, nesse contexto, um valor consecutivo, sendo (3), então, um ato subordinado.

A intervenção principal (4-8), por sua vez, exprime a consequência lógica do pensamento anteriormente exposto: *o coração bater melhor, a alma se acalmar e o corpo não mais desfalecer* são o efeito do *sentimento de dever cumprido*. A nosso ver, a intervenção mais interna, (5-8), apresenta o resultado lógico de (4), haja vista a possibilidade de inserção do marcador *par conséquent* nesse trecho.

Essa intervenção formada pelos últimos quatro atos é composta por uma primeira intervenção, de caráter principal, formada por três atos coordenados entre si, (5), (6) e (7). O último ato se subordinada à intervenção formada por (5-7) na medida em que expõe uma

justificação desses atos.

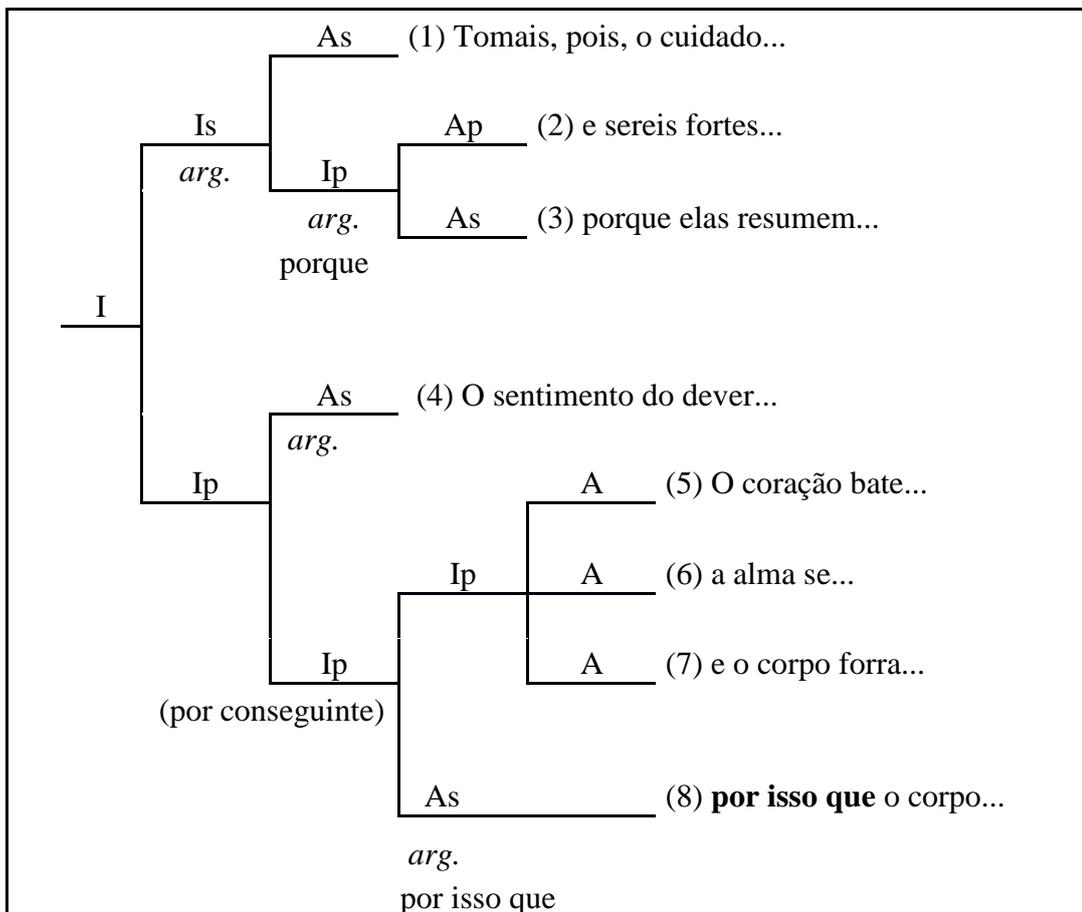
Depois da análise das relações genéricas, passamos à etapa de combinação de informações hierárquicas e lexicais:

Prémisse 1	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur que l'on doit prendre le dévouement et l'abnégation pour devise, car ils résument tous les devoirs imposés par la charité et l'humilité.
Prémisse 2	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur que le sentiment du devoir accompli lui donnera le repos de l'esprit et la résignation, par conséquent, son cœur battra mieux, son âme se calmera et son corps n'aura plus de défaillance.
Prémisse 3	Information lexicale (instruction de <i>car</i>)	Si une information est introduite par <i>car</i> , elle nous mène vers une justification de l'acte d'énonciation attestant sa vérité (GROUPE λ-L, 1975, p. 248-280).
Conclusion	Interprétation	L'auteur affirme au lecteur que le cœur battra mieux, l'âme se calmera et le corps n'aura plus de défaillance comme une justification de prendre le <i>dévouement</i> et l' <i>abnégation</i> comme devises.

Na versão brasileira, *car* foi traduzido por *por isso que*. De acordo com as instruções carregadas por *car*, a relação que se estabelece entre dois segmentos ligados por esse conector é de uma justificação de um fato anteriormente mencionado (DELATOUR *et al.*, 2004, p. 233); *por isso que*, a nosso ver, também pode direcionar o processamento do texto na mesma direção, permitindo que o leitor extraia as mesmas inferências sinalizadas por *car*, em francês, o que mostramos em nossas análises.

(1) Tomai, pois, por divisas estas duas palavras: *devotamento* e *abnegação*, / (2) e sereis fortes, (3) porque elas resumem todos os deveres que a caridade e a humildade vos impõem. / (4) O sentimento do dever cumprido vos dará repouso ao espírito e resignação./ (5) O coração bate então melhor, / (6) a alma se asserena / (7) e o corpo se forra aos desfalecimentos, / (8) **por isso que** o corpo tanto menos forte se sente, quanto mais profundamente golpeado é o espírito (KARDEC, 2011 [1864], p. 144).

Assim como em francês, as informações que se seguem ao ato (8), marcado por *por isso que*, parecem-nos guiar para uma justificação, pois *o coração bater melhor, a alma se asserenar e o corpo não sofrer de desfalecimentos* ratificam o argumento de que devemos tomar o *devotamento* e a *abnegação* como lemas.



A estrutura arbórea da tradução explicita as mesmas hierarquias e as mesmas relações entre os atos tal como as do texto original. Dessa forma, a acoplagem das informações genéricas obtidas acima e as instruções dadas por *por isso que* nos levam ao mesmo quadro de cálculo inferencial:

Premissa 1	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que se deve tomar o devotamento e a abnegação como lemas, pois eles resumem todos os deveres impostos pela caridade e pela humildade.
Premissa 2	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que o sentimento do dever cumprido lhe dará paz de espírito e resignação, fazendo o coração bater melhor, a alma se acalmar e o corpo não mais desfalecer.
Premissa 3	Informação lexical (instrução do <i>por isso que</i>)	Se uma informação é introduzida por <i>por isso que</i> , ela aponta para uma justificação daquilo que a precede.
Conclusão	Interpretação	O autor afirma ao leitor que o coração baterá melhor, que a alma se acalmará e que o corpo não mais sofrerá como uma justificação de tomar o <i>devotamento e a abnegação</i> como lemas.

A análise desse trecho em português nos fez perceber que, com um enunciado marcado por *por isso que*, busca-se convencer o interlocutor justificando uma ação expressa anteriormente, isto é, a afirmação presente na segunda proposição do enunciado introduz fatos ou razões que apoiam a afirmação da primeira proposição.

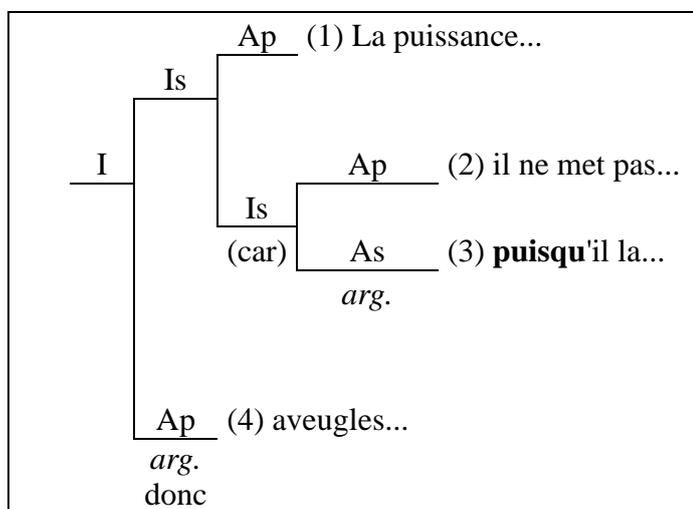
Ao confrontarmos *car*, em francês, com *por isso que*, em português, percebemos que as duas expressões podem conduzir o leitor à mesma interpretação do trecho em que são empregadas na medida em que buscam atestar a veracidade do que é atestado antes.

4.4 Puisque x Por isso que

Nesta passagem de *L'Évangile selon le Spiritisme* – marcada por *puisque*, tradicionalmente traduzido por *já que*, em português – o enunciador declara que o poder de Deus se manifestaria em todas as coisas, nas pequenas como nas grandes, pois ele não colocaria a luz sob o alqueire, visto que a leva a todos os lugares, e que, por isso, se poderia concluir que seriam cegos aqueles que não veem essa luz.

(1) La puissance de Dieu éclate dans les plus petites choses comme dans les plus grandes ; / (2) il ne met pas la lumière sous le boisseau, (3) **puisque**'il la répand à flots de toutes parts ; / (4) aveugles donc ceux qui ne la voient pas (KARDEC, 1864, p. 92).

De acordo com nossa leitura desse trecho, chegamos à seguinte estrutura hierárquico-relacional:



Os atos (1), (2) e (3) apresentam argumentos em favor da conclusão (4), por isso este ato tem o estatuto de principal nesse enunciado. Os atos (1), (2) e (3) formam uma intervenção subordinada cujos desdobramentos apresentam um ato principal, (1), que é justificado pela intervenção formada por (2) e (3).

No que diz respeito à interpretação dessa sequência, acreditamos, inclusive, que o conector *car* poderia ter sido nela inserido sem modificar sua interpretação, uma operação que é sugerida pelo MAM para melhor se compreender a relação entre um enunciado e outro

(ROULET *et al.*, 2001, p. 76). O emprego de *car*, além de sinalizar uma explicação (POISSON-QUINTON *et al.*, 2012, p. 300), forneceria a informação hierárquica de que se trata de um constituinte subordinado.

A intervenção (2-3) é composta por um ato principal, (2), que opera como uma reação ao que é apresentado em (3), constituinte que encerra uma causa. Em outras palavras, a versão francesa diz que *Deus não colocaria a luz debaixo do alqueire (efeito) porque a projeta em todas as direções (causa)*.

Nossa atenção neste excerto está voltada para a intervenção subordinada, pois é nela que se encontra o MD *puisque*, que é traduzido por *por isso que*, objeto de estudo de nossa dissertação. Nossa análise pode, pois, ser mais facilmente visualizada no quadro a seguir, a partir das informações linguísticas e lexicais oferecidas pela EHR mais as instruções sinalizadas pelo conector *puisque*:

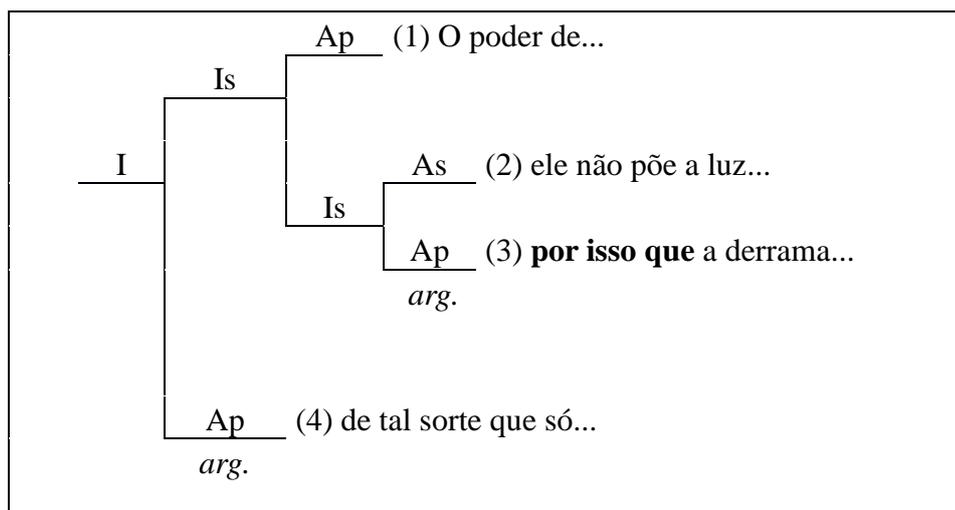
Prémisse 1	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur que le pouvoir de Dieu éclate dans toutes les choses.
Prémisse 2	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur que Dieu ne met pas la lumière sous le boisseau.
Prémisse 3	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur que Dieu répand la lumière de toutes parts.
Prémisse 4	Information lexicale (instruction de <i>puisque</i>)	Si une information est introduite par <i>puisque</i> , elle non seulement signale une cause mais indique une cause connue (ou censée connue) du locuteur et de l'interlocuteur ⁵⁸ , elle ne pourrait donc pas être contestée une fois qu'elle est prise comme un fait.
Conclusion	Interprétation	L'auteur affirme au lecteur que Dieu répand la lumière à flots de toutes parts (cause qui devrait être admise par le lecteur), ce qui justifie le fait de ne pas la mettre sous le boisseau.

Na versão em português, temos uma tradução, em termos globais, bastante parecida com a versão francesa, salvo pelo fato de *puisque* ter sido traduzido por *por isso que*. De acordo com nossa interpretação, novos efeitos de sentido podem ser suscitados:

⁵⁸ O que pode ser consultado nos trabalhos de Poisson-Quinton *et al.* (2012, p. 290-291); Pastura (2003, p. 193); Abbadie *et al.* (1976, p. 100).

(1) O poder de Deus se manifesta nas mais pequeninas coisas, como nas maiores. / (2) Ele não põe a luz debaixo do alqueire, / (3) **por isso que** a derrama em ondas por toda a parte, / (4) de tal sorte que⁵⁹ só cegos não a veem (KARDEC, 2011 [1864], p. 151).

A versão brasileira traz um marcador discursivo que nos permite interpretar o ato (3) como uma justificação, e não como causa, como acontece em francês. Para tornar nossa análise mais explícita, chamaremos os atos (1) e (2) de A e o ato (3) de B, chegando, assim, à estrutura *A por isso que B*. A relação de causalidade entre A e B ainda existe, mas, diferente do texto em francês, agora A é uma das causas de B. O segmento B, por sua vez, no texto traduzido, apresenta um argumento que justifica a afirmação feita em A, e não mais uma decorrência lógica.



Assim como no exemplo em francês, apenas a intervenção subordinada (1-3) nos interessa neste momento, haja vista o fato de o ato (4) manter o estatuto de principal tanto em uma quanto na outra versão.

O ato (2), de caráter principal em francês, é visto, em nossa leitura, como subordinado em português, pois (3) apresenta uma justificação do que foi expresso anteriormente. Podemos chegar à descrição das relações discursivas específicas desse trecho com um princípio geral de cálculo inferencial em função das propriedades linguísticas e contextuais desse enunciado:

⁵⁹ O marcador discursivo *donc* foi traduzido por *de tal sorte que*, ambos direcionando o leitor para uma consequência. Acreditamos que esta tradução não apresente problemas para a interpretação do texto. De toda forma, concentramo-nos, em nossa dissertação, apenas no que diz respeito ao conector *por isso que*.

Premissa 1	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que o poder de Deus se manifesta em todas as coisas.
Premissa 2	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que Deus não coloca a luz sob o alqueire.
Premissa 3	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que Deus derrama a luz por toda a parte.
Premissa 4	Informação lexical (instrução de <i>por isso que</i>)	Se uma informação é introduzida por <i>por isso que</i> , ela indica uma justificação do ato anterior.
Conclusão	Interpretação	O autor afirma ao leitor que Deus não coloca a luz sob o alqueire e que, dessa forma, Deus derrama a luz em ondas por toda a parte.

Após confrontarmos as duas análises, percebemos que *puisque* e *por isso que*, nos excertos acima, podem guiar o leitor para conclusões diferentes. Ao passo que aquele sinaliza uma causa já conhecida pelo leitor; este explicita uma relação de justificação, buscando assim, convencer o leitor da legitimidade do trecho que antecede a expressão *por isso que*.

4.5 *C'est pourquoi* x *Por isso que*

A quinta ocorrência de *por isso que* é a tradução que se propôs para o conector *c'est pourquoi*. E acreditamos estar diante de uma tradução que orienta o leitor na mesma direção do conector do texto em francês.

Segundo Charaudeau (1992, p. 541), em uma abordagem descritiva da língua, *c'est pourquoi* relaciona a consequência a um fato. Sob outro ponto de vista, vários gramáticos da língua francesa, como Boularès e Fréro (2015, p. 140), também o classificam entre os conectores consecutivos e afirmam que ele indica o resultado lógico ao mesmo tempo que insiste sobre a causa que foi expressa. Para Poisson-Quinton *et al.* (2012, p. 310) e Delatour *et al.* (2004, p. 244), trata-se de um marcador discursivo que introduz uma consequência, mas que também apresenta uma explicação.

De acordo com Danielle Forget (1985), do ponto de vista da linguística, em um estudo sobre *c'est pourquoi*, trata-se de um conector que faz com que a afirmação feita na primeira proposição seja considerada como uma razão para aceitar o que é expresso na segunda. Segundo essa linguista, a segunda proposição constitui uma conclusão na direção da qual caminha a primeira, podendo esta última fazer as vezes de premissa. De fato, “a proposição que se segue a *c'est pourquoi* e que contém a expressão de consequência é compartilhada, ao mesmo tempo, pelo locutor e pelo interlocutor (FORGET, 1985, p. 58)⁶⁰.

Nossa hipótese é a de que, nos enunciados que apresentamos neste item, o conector *por isso que* ofereça ao leitor as mesmas instruções procedurais de *c'est pourquoi*, permitindo que, assim, se façam as mesmas inferências. Em linhas gerais, sustentamos a ideia de que esses dois marcadores discursivos abrangem o mesmo escopo de relações interativas, guiando o leitor para uma leitura da qual se possa inferir uma relação de consequência, mas, sobretudo, uma relação de justificação.

No trecho que transcrevemos e segmentamos a seguir, diz-se que muitos dos que fazem doações só o fazem na esperança de que aqueles que foram ajudados bradem por toda parte o benefício recebido. Ainda sobre essas doações, Allan Kardec afirma que muitos as fazem em público, mas não às ocultas.

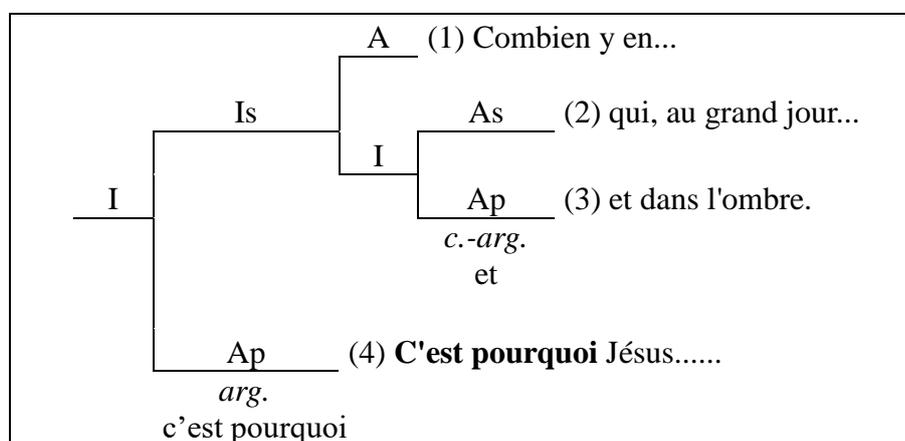
L'Évangile selon Le Spiritisme retoma, então, uma das falas de Jesus, apresentando-a como resposta / reação face a esse tipo de conduta: *os que fazem o bem ostentadamente já*

⁶⁰ “En effet, la proposition suivant *c.p.quoi* et contenant l'expression de la conséquence, renferme quelquefois des informations dont la connaissance est partagée à la fois par le locuteur et l'interlocuteur”.

receberam sua recompensa.

(1) Combien y en a-t-il qui n'oblige⁶¹ qu'avec l'espoir que l'obligé ira crier le bienfait sur les toits ; / (2) qui, au grand jour, donneront une grosse somme, / (2) et dans l'ombre ne donneraient pas une pièce de monnaie ! / (4) **C'est pourquoi** Jésus a dit : « Ceux qui font le bien avec ostentation ont déjà reçu leur récompense » (KARDEC, 1864, p. 149).

As informações obtidas com a análise hierárquico-relacional nos permitem determinar as relações existentes entre os diferentes constituintes do texto e as informações estacadas na memória discursiva, viabilizando, assim, a visualização da hierarquia entre eles:



Essa sequência constitui uma intervenção formada por uma intervenção (1-3), considerada por nós, subordinada; e um ato principal, (4). O ato (1) encontra-se coordenado à intervenção que é formada por (2) e (3). No que diz respeito a esses dois últimos atos, (2) é subordinado a (3), já que este último apresenta, neste contexto, traços de oposição enquanto quebra de expectativa.

Sobre a ligação existente entre (2) e (3), podemos afirmar que o conector *et* se reveste de instruções contra-argumentativas⁶² (*c.-arg.*). Na tradução em português, por exemplo, Guillon Ribeiro o traduziu por *entretanto*, deixando bem clara a ideia de oposição⁶³. De acordo com os postulados da escola genebrina, argumentos marcados por conectores como

⁶¹ O verbo *obliger*, em francês, dependendo do contexto, pode significar “faire plaisir, attacher quelqu’un par un service, rendre service à quelqu’un, l’aider par complaisance” (LE PETIT ROBERT, 2011, p. 968).

⁶² Segundo Charaudeau (1992, p. 504, 522), o conector *et* também pode marcar uma oposição de ideias.

⁶³ As relações contra-argumentativas, porém, não são o objeto de estudo de nossa dissertação. Preferimos nos ater ao MD *por isso que*.

mas têm estatuto de principais, o que ratifica o fato de (3) ser principal em relação a (2).

O ato (4), por sua vez, por apresentar um resultado de tudo o que é expresso anteriormente, adquire o estatuto de ato principal da intervenção – assim como toda e qualquer sequência consecutiva, de acordo com o MAM.

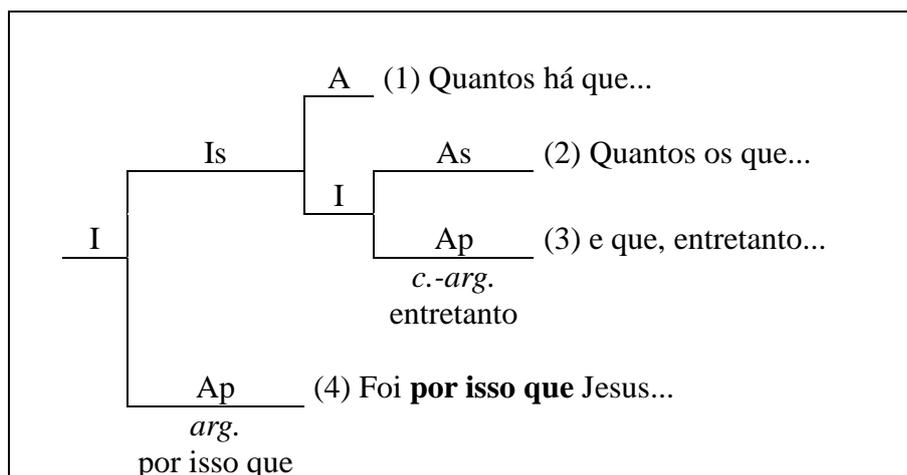
Essa análise pode ser demonstrada pela combinação das informações linguísticas e lexicais sinalizadas pelo conector *c'est pourquoi*, o que nos conduz à interpretação dessa sequência:

Prémisse 1	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur qu'il y a des personnes qui aident les autres avec l'espoir que celui qui a reçu l'aide ira crier le bienfait partout.
Prémisse 2	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur qu'il y a des personnes qui, au grand jour, donnent des grosses sommes, mais qui, dans l'ombre, ne donneraient pas une pièce de monnaie.
Prémisse 3	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur que Jésus a déclaré que ceux qui font le bien avec ostentation ont déjà reçu leur récompense.
Prémisse 4	Information lexicale (instruction de <i>c'est pourquoi</i>)	Si une information est introduite par <i>c'est pourquoi</i> , elle guide le lecteur vers une justification (FORGET, 1985).
Conclusion	Interprétation	L'auteur affirme au lecteur que Jesus aurait dit que <i>ceux qui font le bien avec ostentation ont déjà reçu leur récompense</i> pour justifier le fait d'y avoir des <i>personnes qui n'obligent qu'avec l'espoir d'être reconnu du grand public</i> .

Apresentamos, em seguida, a tradução de Guillon Ribeiro para esse trecho em francês:

(1) Quantos há que só dão na esperança de que o que recebe irá bradar por toda a parte o benefício recebido! / (2) Quantos os que, de público, dão grandes somas / (3) e que, entretanto, às ocultas, não dariam uma só moeda! / (4) Foi **por isso que** Jesus declarou: “Os que fazem o bem ostentadamente já receberam sua recompensa” (KARDEC, 2011 [1864], p. 265).

A tradução desse trecho em português pode ser representada, a nosso ver, com a mesma estrutura hierárquico-relacional com que representamos o trecho original e, por conseguinte, obtemos o mesmo cálculo inferencial a partir das informações linguísticas e das instruções lexicais oferecidas por *por isso que*:



A acoplagem das informações oriundas da estrutura hierárquica e das instruções proporcionadas por *por isso que* nos conduzem a um cálculo inferencial idêntico ao do texto em francês:

Premissa 1	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que há pessoas que só fazem doações na esperança de que quem as receber o bradem por toda parte.
Premissa 2	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que há pessoas que, em público, doam grandes somas de dinheiro, mas que, às ocultas, não doam uma só moeda.

Premissa 3	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que Jesus declarou que aqueles que fazem o bem ostentadamente já receberam sua recompensa.
Premissa 4	Informação lexical (instrução de <i>por isso que</i>)	Se uma informação é introduzida por <i>por isso que</i> , ela orienta o leitor na direção de uma justificação do que foi expresso anteriormente.
Conclusão	Interpretação	O autor afirma ao leitor que Jesus teria declarado que <i>os que fazem o bem ostentadamente já receberam sua recompensa</i> para justificar o fato de <i>haver pessoas que fazem doações em público esperando algum reconhecimento</i> .

De acordo com os estudos conduzidos por Forget (1985, p. 63),

a interpretação dos enunciados construídos com *c'est pourquoi* deve fazer intervir o papel argumentativo do conector. Diremos que ele contribui para apresentar um argumento em favor de uma certa conclusão, de forma implícita ou explícita. Não se pode compreender um enunciado com *c'est pourquoi* sem levar em consideração a relação de causalidade entre as proposições P e Q, que lhe conferem um valor explicativo. Esse valor explicativo dos enunciados com *c'est pourquoi* é indissociável de seu valor argumentativo⁶⁴.

Acreditamos que, no contexto supracitado, *por isso que* tenha traços procedimentais idênticos ao de *c'est pourquoi*, levando o leitor a estabelecer não apenas a relação de causa e efeito entre os dois segmentos por ele conectados, mas também apresentando o segundo segmento como uma justificação. É por isso que tanto o texto em francês quanto sua versão em português nos fazem apreender a reação de Jesus como resposta ao comportamento daqueles que faziam (e ainda fazem!) doações em público na espera de reconhecimento.

⁶⁴ “L’interprétation des énoncés construits avec *c.p.quoi* doit faire intervenir le rôle argumentatif du connecteur. Nous dirons qu’il contribue à présenter un argument en faveur d’une certaine conclusion et ce, de façon implicite ou explicite. On ne peut comprendre un énoncé avec *c.p.quoi* sans tenir en compte du rapport de causalité entre les propositions P et Q, qui lui confère sa valeur explicative. Cette valeur explicative des énoncés avec *c.p.quoi* est indissociable de sa valeur argumentative.”

4.6 *Car x Por isso que*

Nesta ocorrência de *car / por isso que*, verificamos que esses conectores podem permitir que o leitor extraia as mesmas inferências quanto às relações interativas por eles marcadas, uma vez que permitem a criação de efeitos de sentido idênticos.

O autor, no trecho que recortamos, informa a seus leitores que nada expressa tão bem o pensamento de Jesus resumindo os deveres do homem quanto a máxima *fora da caridade não há salvação*.

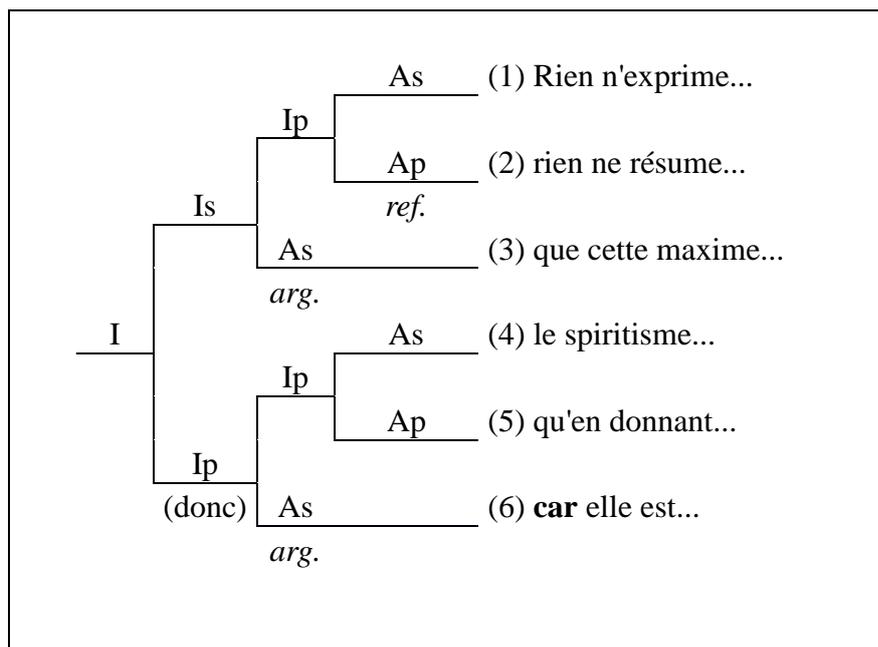
Informa também ao leitor que o Espiritismo não poderia ter encontrado melhor forma de provar sua origem cristã, senão dando essa máxima como regra, pois ela seria o reflexo do mais puro cristianismo.

Graças às informações procedimentais que nos são oferecidas pelo MD *car*, podemos inferir que a relação entre os dois segmentos é de exposição de um argumento e sua justificação. Isto é, *ser o reflexo do mais puro cristianismo* legitima a máxima espírita de que *fora da caridade não haveria salvação*, como podemos ver no trecho a seguir:

(1) Rien n'exprime mieux la pensée de Jésus, / (2) rien ne résume mieux les devoirs de l'homme / (3) que cette maxime d'ordre divin [hors la charité, point de salut]; / (4) le spiritisme ne pouvait mieux prouver son origine / (5) qu'en la donnant pour règle, / (6) **car** elle est le reflet du plus pur christianisme (KARDEC, 1864, p. 180)⁶⁵.

As relações interativas desse segmento podem ser visualizadas tal qual indica a estrutura hierárquico-relacional:

⁶⁵ Acréscimo nosso.



A esquematização do texto nos informa que esse trecho se compõe de duas partes: uma correspondente a uma intervenção subordinada, que vai de (1) a (3); e outra, principal, de (4) a (6).

De um lado, a primeira intervenção, de caráter subordinado, é composta por uma intervenção Ip (1-2), em que o ato (1) se subordina (2), reformulativo (*ref.*). O ato (3), subordinado a essa Ip, apresenta uma comparação em relação a (1-2), ligando-se a ela por uma relação de argumento, o que nos leva a considerá-lo um ato subordinado.

De outro lado, à segunda intervenção, de estatuto subordinado, poderíamos acrescentar o conector *donc* sem prejudicar a interpretação do texto⁶⁶, o que, na verdade, ratifica o fato de estarmos diante de uma sequência com estatuto de principal, já que introduz um argumento que funciona como uma conclusão do que foi expresso anteriormente. Essa sequência, por sua vez, se subdivide em uma nova intervenção (4-5) e um ato (6).

O ato (4) apresenta a tese de que *o Espiritismo não poderia ter encontrado melhor modo de provar sua origem* como consequência / resultado lógico do que é informado no ato seguinte, o que confere a (4) o estatuto de subordinado. O ato (5), por outro lado, de caráter principal, apresenta a informação mais relevante desse trecho.

O ato (6), subordinado, respalda o que é afirmado em (4) e (5): afirmar que *fora da*

⁶⁶ Segundo Marinho (2002, p. 74, 104 e 156-157), os marcadores discursivos (ou a possibilidade de inserção de um), além de explicitarem as relações discursivas entre os atos e as informações da memória discursiva, permitem determinar o estatuto funcional e hierárquico da unidade discursiva.

caridade não há salvação seria, de acordo com o enunciador, *o mais puro reflexo do cristianismo*. Ora, se o Espiritismo apresenta essa máxima *fora da caridade não há salvação* como regra, ele justifica / prova / sustenta sua origem cristã⁶⁷.

Nossas conclusões foram extraídas de um cálculo inferencial, que apresentamos a seguir:

Prémisse 1	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur que, en présentant la maxime <i>hors la charité, point de salut</i> , le Spiritisme prouve son origine chrétienne, exprime avec précision la pensée de Jésus et résume bien les devoirs de l'homme.
Prémisse 2	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur que la maxime <i>hors la charité, point de salut</i> est le reflet du plus pur christianisme.
Prémisse 3	Information lexicale (instruction de <i>car</i>)	Si une information est introduite par <i>car</i> , elle présente Q comme une raison de croire à la vérité de P (GROUPE λ-L, 1975), en plus de diriger le lecteur vers une proposition justifiant ce qui vient d'être énoncé ⁶⁸ .
Conclusion	Interprétation	L'auteur affirme que le Spiritisme justifie / atteste son origine chrétienne en adoptant comme règle la maxime <i>hors la charité, point de salut</i> , dont les origines remonteraient au christianisme.

De acordo com nossa interpretação, o autor apresenta um fato – a máxima *fora da caridade não existe salvação* – que justifica a origem cristã do Espiritismo. Segundo Delatour *et al.* (2004, p. 233), Poisson-Quinton *et al.* (2012, p. 299) e Boularès e Fréro (2015, p. 136), estudiosos da língua francesa, o conector *car* tem a particularidade de introduzir uma explicação / uma justificação, asseverando o que foi afirmado anteriormente.

A tradução de Guillon Ribeiro, salvo por uma ambiguidade da qual trataremos mais adiante, nos permite extrair as mesmas inferências do texto original em francês:

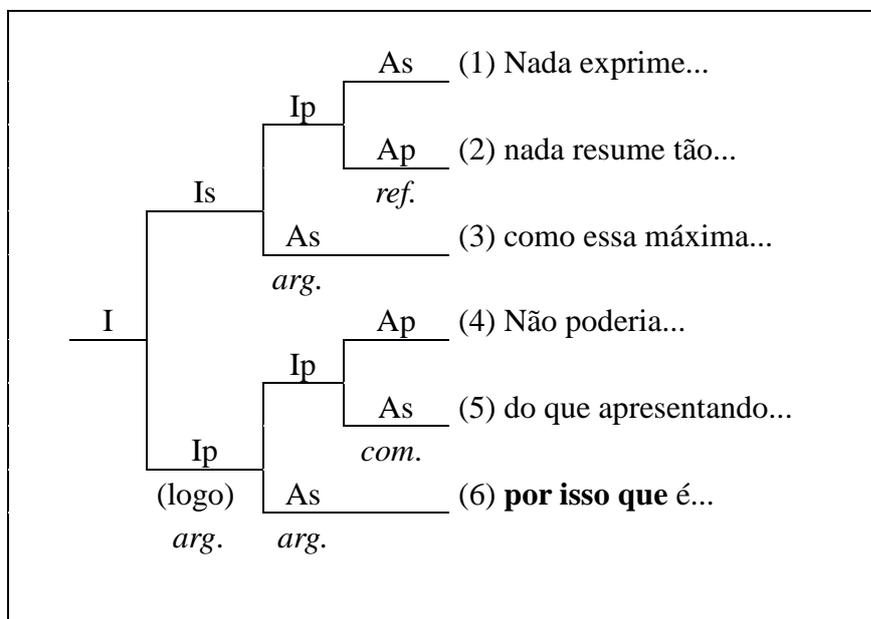
⁶⁷ Esse trecho traz à tona uma questão polifônica, acessível apenas àqueles que conhecem a história do Espiritismo. Desde sua origem até hoje, o Espiritismo não é visto como religião / doutrina cristã por muitos de seus críticos, daí a necessidade, desde seus primórdios, de a doutrina insistir nesse assunto: sua origem cristã.

⁶⁸ Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales – CNTRL. Disponível em : <<http://www.cnrtl.fr/definition/car>>, acesso em 09 de abr. de 2017.

(1) Nada exprime com mais exatidão o pensamento de Jesus, / (2) nada resume tão bem os deveres do homem, / (3) como essa máxima de ordem divina [fora da caridade não há salvação]. / (4) Não poderia o Espiritismo provar melhor a sua origem, / (5) do que apresentando-a como regra, / (6) **por isso que** é um reflexo do mais puro Cristianismo. (KARDEC, 2011 [1864], p. 281)⁶⁹.

Assim como a nossa interpretação do texto em francês, acreditamos que o texto em português, marcado por *por isso que*, nos apresenta um fato e sua justificação. A ambiguidade que percebemos se dá no ato (6), em português, é difícil recuperar a que se refere ser um reflexo do mais puro cristianismo: a máxima *fora da caridade não há salvação* ou o *Espiritismo*? Vale ressaltar que, na versão francesa, não resta dúvidas de que se trata da premissa *fora da caridade não há salvação*⁷⁰.

De toda forma, vale ressaltar que, para quaisquer das hipóteses suscitadas por essa ambiguidade, *ser o reflexo do mais puro cristianismo* é, assim como em francês, uma premissa que pode ser usada para atestar a veracidade de uma afirmação.



Como representado na estrutura hierárquico-relacional acima, temos o mesmo esquema do trecho em francês, em que (6) continua apresentando uma justificação do que foi expresso

⁶⁹ Acréscimo nosso.

⁷⁰ “(...) car **elle** [la devise hors la charité point de salut] est le reflet du plus pur christianisme” (KARDEC, 1864, p. 180).

anteriormente.

A partir das relações genéricas apresentadas na EHR e das instruções sinalizadas por *por isso que*, passamos à descrição das relações discursivas específicas com a aplicação do princípio geral de cálculo inferencial, em função das propriedades contextuais e linguísticas desse enunciado. No entanto, como percebemos, na versão brasileira, um pequeno problema de ambiguidade, o qual apontamos abaixo, apresentamos dois quadros com o cálculo inferencial:

a) hipótese A: a máxima fora da caridade não há salvação é o reflexo do mais puro cristianismo:

Premissa 1	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que, ao apresentar a máxima <i>fora da caridade não há salvação</i> , o Espiritismo prova sua origem cristã.
Premissa 2	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que a máxima <i>fora da caridade não há salvação</i> é o mais puro reflexo do cristianismo.
Premissa 3	Informação lexical (instrução de <i>por isso que</i>)	Se uma informação é introduzida por <i>por isso que</i> , ela justifica o que foi atestado anteriormente.
Conclusão	Interpretação	O autor afirma ao leitor que o Espiritismo justifica sua origem cristã adotando como regra a máxima <i>fora da caridade não existe salvação</i> , a qual representa <i>o reflexo do mais puro cristianismo</i> .

b) hipótese B: o Espiritismo é um reflexo do mais puro cristianismo:

Premissa 1	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que, ao apresentar a máxima <i>fora da caridade não há salvação</i> , o Espiritismo prova sua origem cristã.
Premissa 2	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que o Espiritismo é o mais puro reflexo do cristianismo.

Premissa 3	Informação lexic- cal (instrução de <i>por isso que</i>)	Se uma informação é introduzida por <i>por isso que</i> , ela justifica o que foi atestado anteriormente.
Conclusão	Interpretação	O autor afirma que o Espiritismo justifica sua origem cristã se proclamando <i>o reflexo do mais puro cristianismo</i> .

Em francês, não há dúvidas de que a interpretação sugerida na hipótese A seja a correta, pois há a presença do sujeito *elle* no ato (6), fazendo referência à máxima *fora da caridade não há salvação*.

De toda forma, se nos concentrarmos apenas nas informações procedurais de *por isso que*, veremos que, nas duas hipóteses – ainda que B não seja válida –, essa expressão nos conduz a uma legitimação / justificação do que é alegado anteriormente. Isto é, *por isso que*, nesse(s) trecho(s), explicita uma ratificação daquilo que o precede.

4.7 *C'est ainsi que* x *Por isso que*

De todas as ocorrências de *por isso que*, esta é uma que mais nos chamou a atenção. Em francês, o marcador *ainsi* – comumente traduzido por *assim* – pode aparecer focalizado pelo fenômeno da clivagem (*mise en relief*), *c'est ainsi que* – expressão geralmente traduzida, em português, por *é assim que* –, tal qual a clivagem do conector em português: (*é*) *por isso que*. A nosso ver, esses dois conectores encerram, nos enunciados abaixo, as mesmas instruções, apresentando uma justificação dos fatos anteriores.

Em francês, o marcador discursivo *ainsi* indica que algum processo se concluiu de uma forma idêntica a um fato já enunciado ou conforme o que já aconteceu, ou seja, introduz o resultado de um determinado comportamento (BOULARÈS; FRÉROT, 2012, p.140).

O dicionário *Le Petit Robert* (2011, p. 33) apresenta a seguinte definição para *ainsi*:

ainsi [êsi] adv. **1. (Manière)** De cette façon (comme il a été dit ou comme on va dire) *Vous auriez tort d'agir ainsi. C'est ainsi qu'il faut agir. Qu'ainsi soit-il*, formule terminant une prière. *S'il en est ainsi*, si les choses sont comme cela. *Pour ainsi dire*, formule servant à préparer, à atténuer l'expression qu'on va employer. **2. (Conclusion)** Comme vous venez de le voir, de le dire. *Ainsi rien n'a changé depuis mon départ.* **3. (Comparaison)** De même. *Ainsi qu'il a été dit plus haut.* → **comme**. – *Les garçons, ainsi que les filles*, tout comme. – **et**.⁷¹

A segunda entrada de *ainsi* nesse dicionário atesta sua capacidade de oferecer instruções *conclusivas* sobre um enunciado. Na mesma linha de pensamento, Maingueneau (1993 [1987]), p. 177), afirma que, além da função adverbial, *ainsi* também é suscetível de uma interpretação consecutiva. Em outras palavras,

como conectivo consecutivo, [*ainsi*] indica menos uma dedução do que uma relação de meio e fim, de causa e efeito, de razão e consequência. Substituível por *dessa forma, de modo que*, etc., liga um estado de coisas e um acontecimento ou uma situação possibilitados pelo antecedente. (...) Em “P *ainsi* Q”, a relação entre P e Q aparece de imediato, sem mobilizar nenhum implícito intermediário, como se a conclusão, de certa forma, já estivesse contida no antecedente; *ainsi* orienta-se mais para o que o precede do que para o que segue.

Em uma perspectiva linguística, o *Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales*

⁷¹ Esta é uma de nossas poucas citações que não está em língua portuguesa porque se trata de um caso excepcional: fez-se necessária a definição de uma palavra em francês. E acreditamos que tê-la traduzido poderia incorrer no risco de não preservar toda sua essência.

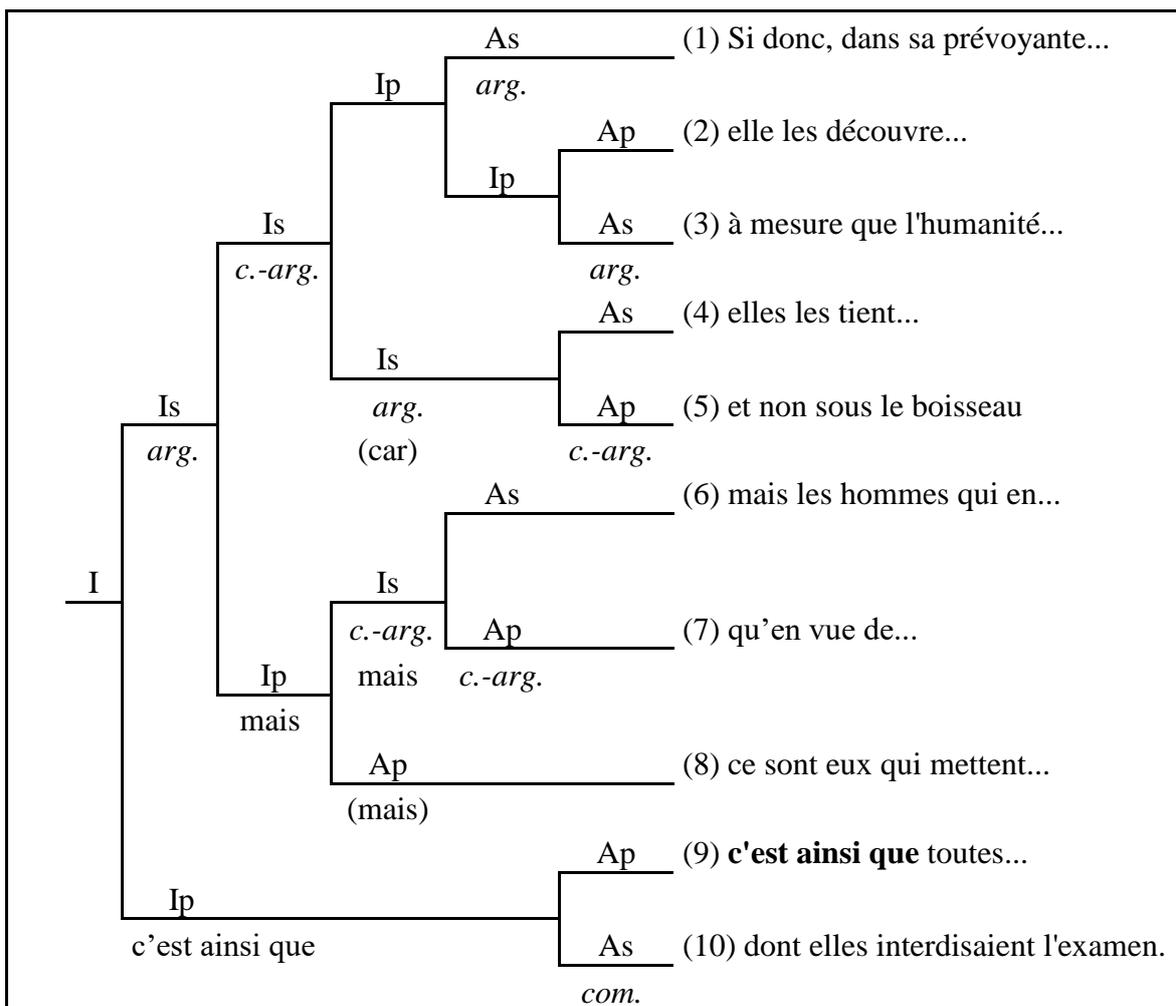
afirma que o emprego de *ainsi* apoia uma afirmação anterior e que essa expressão encontra-se normalmente depois do verbo, entretanto, quando se quer lhe dar ênfase (*mise en relief*) ou para se assegurar da ligação com o enunciado precedente, pode-se recorrer a duas estruturas sintáticas: 1) ou o marcador é colocado no início da frase e ocorre a inversão do sujeito; 2) ou se emprega a estrutura clivada *c'est ainsi que*, de uso muito mais comum que a primeira⁷².

No trecho que analisamos, o enunciador declara que, à medida que os homens se tornam capazes de compreender as verdades, Deus sempre as revela a eles, e que, em contrapartida, são os homens que escondem as verdades, gerando, então, uma gama de religiões cheias de mistérios.

(1) Si donc, dans sa prévoyante sagesse, la Providence ne révèle les vérités que graduellement, / (2) elle les découvre toujours / (3) à mesure que l'humanité est mûre pour les recevoir ; / (4) elle les tient en réserve / (5) et non sous le boisseau ; / (6) mais les hommes qui en sont en possession ne les cachent la plupart du temps au vulgaire / (7) qu'en vue de le dominer ; / (8) ce sont eux qui mettent véritablement la lumière sous le boisseau. / (9) **C'est ainsi que** toutes les religions ont eu leurs mystères / (10) dont elles interdisaient l'examen (...)
(KARDEC, 1864, p. 253).

As informações desse excerto nos permitem determinar a relação genérica existente entre cada um de seus constituintes e as informações presentes na memória discursiva, e nos possibilita visualizar as hierarquias entre os diferentes constituintes do discurso. Apresentamos, assim, a seguinte estrutura hierárquico-relacional, resultado de nossa interpretação desse trecho:

⁷² Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. Fonte: <<http://www.cnrtl.fr/lexicographie/ainsi>>, acesso em 09 de abr. de 2017.



De (1) a (8), há a apresentação dos argumentos que conduzem à conclusão expressa por (9) e (10). Daí se conclui que aqueles formam uma grande intervenção subordinada à Ip formada pelos dois últimos atos.

O ato (1), em uma relação argumentativa de condição, se subordina à intervenção que o sucede. (2), ato principal, a seu turno, apresenta um contra-argumento (*c.-arg.*) – embora ele não esteja sinalizado por nenhum conector. O ato (3) se liga a (2) por uma relação de argumento (*arg.*) e tem o estatuto de ato subordinado. Os atos (1), (2) e (3) integram uma intervenção principal em relação a (4) e (5).

Esses dois últimos atos apresentam uma justificativa ao que foi anteriormente expresso, por isso lhes são, funcional e hierarquicamente, subordinados. Para que essa relação fique ainda mais nítida, acreditamos que o conector *car* poderia ter sido acrescentado a esse trecho. Dentro dessa intervenção, ainda podemos dizer que (4) é subordinado a (5), que traz a informação essencial dessa intervenção.

Toda a estrutura anterior, que se estende de (1) a (5) compõe uma intervenção subordinada à Ip composta pelos atos (6-8), ligados por uma relação de contra-argumento marcada pelo uso de *mais*. No interior dessa estrutura, a intervenção (6-8) tem o estatuto de subordinada em relação ao ato (8) em uma relação contra-argumentativa.

Todos esses atos e intervenções tecem uma grande intervenção que se subordina à intervenção principal formada por (9) e (10). Isto é, em (9) se inicia uma intervenção que se liga à grande intervenção subordinada anterior em uma relação de argumento, pois apresenta a conclusão de tudo o que foi exposto.

É nesse trecho que se constata o efeito de alguns homens assumirem o monopólio das verdades divinas. Ainda sobre esta intervenção, vale ressaltar que o ato (10) se subordina a (9), onde a conclusão é, de fato, consumada.

Reunindo todas as informações linguísticas genéricas a que tivemos acesso na EHR acima mais as instruções sinalizadas pelo marcador discursivo *c'est ainsi que*, chegamos ao cálculo inferencial desse texto:

Prémisse 1	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur que, dans la prévoyante sagesse, la Providence ne révèle les vérités aux hommes que graduellement, c'est-à-dire à mesure que l'humanité est mûre pour les comprendre.
Prémisse 2	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur qu'il y des hommes qui sont en possession des vérités, et qu'ils les cachent la plupart du temps afin de dominer la population.
Prémisse 3	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur que toutes les religions, jusqu'au moment où le texte a été écrit, avaient leurs mystères dont elles interdisaient l'examen.
Prémisse 4	Information lexicale (instruction de <i>c'est ainsi que</i>)	Si une information est introduite par <i>c'est ainsi que</i> , elle mène vers une conséquence indiquant que le procès s'accomplit d'une manière identique à un fait déjà énoncé ou conforme à ce qui a déjà eu lieu (CNTRL ⁷³).

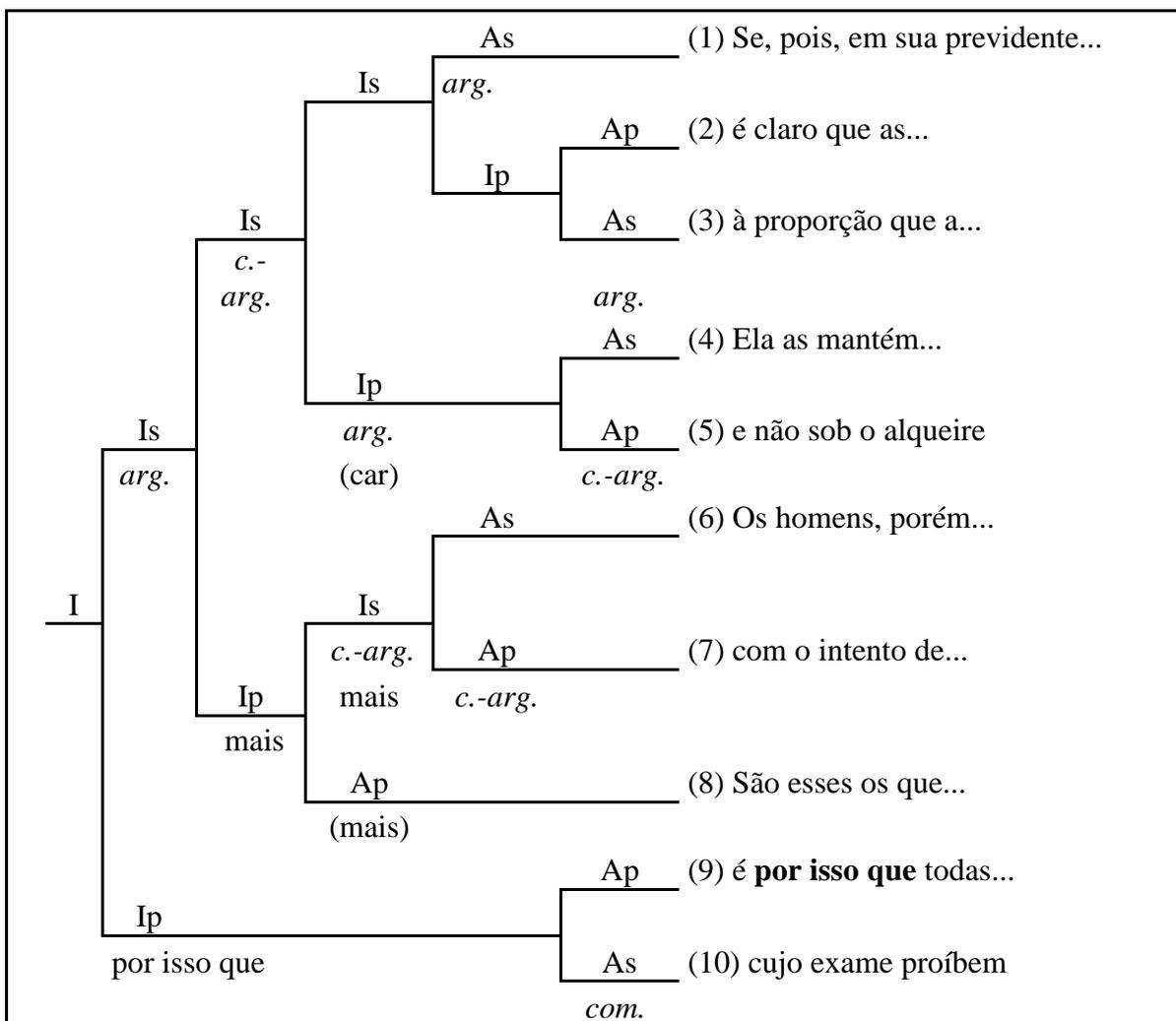
⁷³ Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. Fonte : <<http://www.cnrtl.fr/definition/ainsi>>. Acesso em 21 de jul. de 2017.

Conclusion	Interprétation	L'auteur affirme au lecteur qu'il y a des hommes qui cachent la vérité du vulgaire afin de le dominer, et cela non seulement justifie le fait d'y avoir des religions remplies de mystères dont l'examen est interdit, mais aussi que l'existence de ces églises est un effet du comportement de ce groupe d'hommes.
------------	----------------	--

Na versão em português, com as instruções oferecidas pelo marcador *por isso que*, o leitor pode extrair as mesmas inferências e efeitos de sentido. Ou seja, *por isso que* contribui para o estabelecimento da mesma relação que justifica o fato de haver um pequeno grupo de pessoas que se veem em posse das *verdades* e que, dogmatizando-as, não as divide com o grande público, e o fato de haver religiões com tantos mistérios que não podem sequer ser questionados:

(1) Se, pois, em sua previdente sabedoria, a Providência só gradualmente revela as verdades, / (2) é claro que as desvenda / (3) à proporção que a Humanidade se vai mostrando amadurecida para as receber. / (4) Ela as mantém de reserva / (5) e não sob o alqueire. / (6) Os homens, porém, que entram a possuí-las, / (7) quase sempre as ocultam do vulgo com o intento de o dominarem. / (8) São esses os que, verdadeiramente, colocam a luz debaixo do alqueire. / (9) É **por isso que** todas as religiões têm tido seus mistérios, / (10) cujo exame proibem (KARDEC, 2011 [1864], p. 395).

Conjugando os esquemas hierarquizados com as informações de ordem lexical e sintática de *por isso que*, chegamos a uma estrutura hierárquico-relacional que explicita as mesmas hierarquias e relações entre os diferentes constituintes do texto em francês:



Em função das propriedades linguísticas e contextuais dos enunciados desse trecho – às quais tivemos acesso graças à análise das relações genéricas – e das instruções apontadas pelo conector *por isso que*, passamos à descrição da relação textual específica com a aplicação do princípio geral de cálculo inferencial:

Premissa 1	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que, em sua providente sabedoria, a Providência divina revela as verdades aos homens apenas gradualmente, isto é, à medida que a humanidade se mostra amadurecida para as receber.
Premissa 2	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que há homens que se apropriam das verdades, escondendo-as, a maior parte do tempo, com a intenção de dominar a população.

Premissa 3	Informação linguística enriquecida	O autor informa ao leitor que todas as religiões, até o momento em que o texto foi escrito, tinham seus mistérios, e que elas proibiam ⁷⁴ que seus dogmas fossem examinados.
Premissa 4	Informação lexical (instrução de <i>por isso que</i>)	Se uma informação é introduzida por <i>por isso que</i> , ela apresenta uma justificação / validação da afirmação anterior.
Conclusão	Interpretação	O autor afirma ao leitor que há homens que escondem as verdades da população para dominá-la, o que não só justifica o fato de haver <i>religiões cheias de mistérios, cujo exame proíbem</i> , mas também que a existência de tais religiões seja um efeito do comportamento desse grupo de homens.

Ao contrastar o texto em francês com a sua tradução, notamos a proximidade existente entre *c'est ainsi que* e *por isso que* não só no que concerne aos traços procedimentais dos dois marcadores, mas também a outra característica bastante curiosa: o fato de os dois poderem estar dentro de estruturas clivadas (*mise en relief*), algo que pretendemos pesquisar futuramente.

Tanto *c'est ainsi que* quanto *por isso que*, nos contextos supracitados, introduzem afirmações que buscam mostrar como e por que o que as precede é considerado correto, ou seja, procura-se convencer o leitor apresentando-lhe uma justificação.

⁷⁴ No que diz respeito a essa premissa, embora este não seja o foco de nossa dissertação, gostaríamos de destacar que a versão francesa traz o verbo *interdire* (proibir) no *imparfait* (pretérito imperfeito do indicativo). Poderíamos interpretar o uso desse tempo verbal como um divisor de águas, em que o Espiritismo seria aquele que intrepidamente questionaria esses mistérios / dogmas ou, mais que isso, os esclareceria. A versão brasileira, no entanto, usa o verbo *proibir* no presente do indicativo, abrindo, por isso, mão de toda essa carga polifônica. Com isso, queremos dizer que, além dos conectores, outras escolhas, tanto na construção de um texto quanto em uma tradução, podem guiar, em diferentes direções, a interpretação do leitor e gerar novos efeitos de sentido.

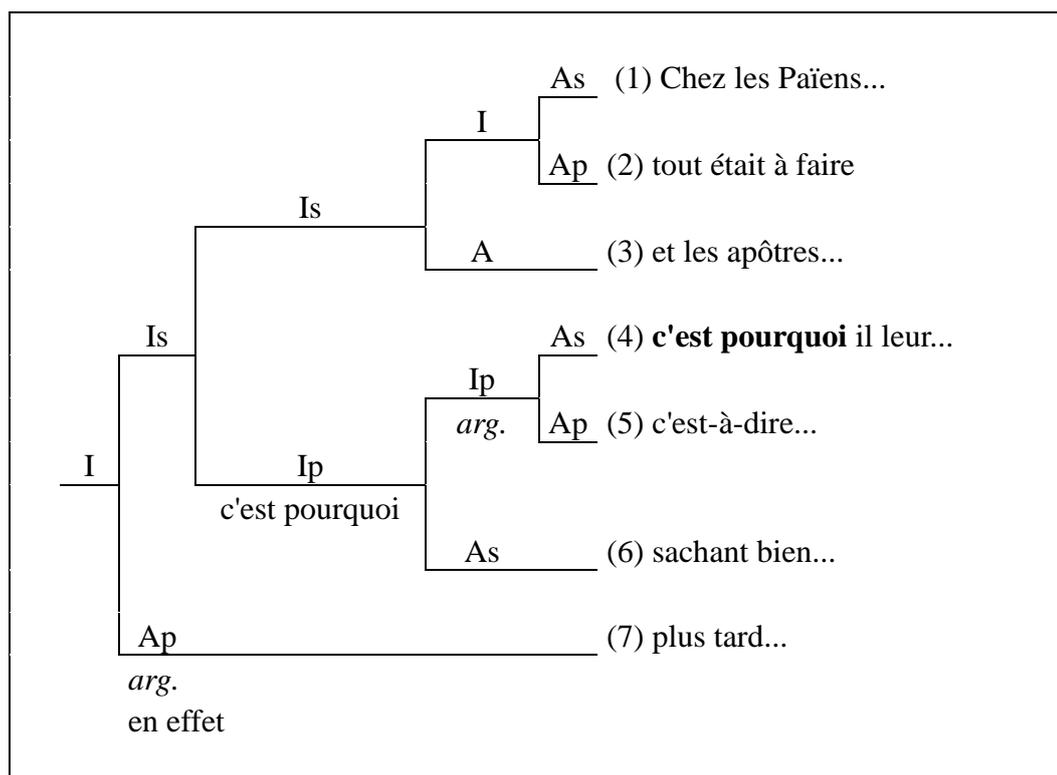
4.8 *C'est pourquoi* x *Por isso que*

Uma das entradas de *Le Petit Robert* (2011, p. 1118) afirma que *c'est pourquoi* significa *c'est pour cela que*, literalmente, *por isso que*. Loiseau (1976, p. 87), na *Grammaire Française*, do mesmo modo, o coloca na lista dos conectores que orientam na direção de uma conclusão ou de uma consequência, tendo por sinônimos *donc* e *par conséquent*.

A nosso ver, essas duas expressões conectivas, *c'est pourquoi* e *por isso que*, têm muitos traços em comum, sobretudo no que diz respeito ao seu sentido procedimental, isto é, às instruções que elas oferecem ao leitor para guiá-lo na leitura de texto, pois ambas apontam para uma relação de justificação / retificação. Dessa forma, tentamos demonstrar que, tanto a partir do texto em francês quanto do texto em português, o leitor pode depreender os mesmos efeitos de sentido.

(1) Chez les Païens, la base même manquant, / (2) tout était à faire, / (3) et les apôtres n'étaient point encore assez éclairés pour une aussi lourde tâche ; / (4) **c'est pourquoi** il leur dit: Allez aux brebis égarées d'Israël ; / (5) c'est-à-dire, allez semer dans un terrain déjà défriché, / (6) sachant bien que la conversion des Gentils viendrait en son temps ; / (7) plus tard, en effet, c'est au centre même du paganisme que les apôtres allèrent planter la croix (KARDEC, 1864, p. 255).

A análise dos diferentes constituintes textuais do trecho acima e as relações que entre eles se estabelecem nos permite apresentar a seguinte estrutura hierárquico-relacional:



O ato (1) se subordina a (2), porque apresenta uma causa que o justifica. Esses dois atos constituem uma intervenção coordenada a (3). A relação de coordenação entre (1 – 2) e (3) se dá na medida em que esse trecho mostra tanto as dificuldades que seriam encontradas entre os pagãos quanto os obstáculos com os quais os apóstolos se deparariam.

De (1) a (3), forma-se, então, uma intervenção subordinada ao que é apresentado de (4) a (6). Os atos (4) e (5) formam uma nova intervenção, mas de caráter principal, em que (4) apresenta uma consequência lógica de, entre os pagãos, estar tudo por fazer e os apóstolos ainda não se acharem esclarecidos o suficiente para levar o cristianismo aos confins da Terra.

O ato (4) se subordina a (5), que tem uma função reformulativa nesse trecho, adquirindo, assim, o estatuto de ato principal. O ato (6) apresenta uma explicação que justifica a intervenção anterior, por isso é considerado subordinado. Em (6), embora não exista a presença de nenhum conector que sinalize uma explicação, há a presença do *participe présent*, uma estrutura morfossintática da língua francesa que pode carregar em si uma causa (DELATOUR *et al.*, 2004, p. 153).

De (1) a (6), temos uma intervenção subordinada que se relaciona com (7), sequência marcada pelo conector *en effet*⁷⁵, pois traz uma afirmação que reforça / confirma o que foi

⁷⁵ Neste momento, não trabalharemos com o marcador *en effet* nem com a tradução que lhe foi dada, *com efeito*, porque consideramos, a partir dos estudos de Marinho e Cunha (2012) e pelas informações disponibilizadas pelo CNTRL – fonte: <<http://www.cnrtl.fr/definition/effet>>, acesso em 12 de abr. de 2017 –, que ambos ofereçam

expresso anteriormente.

Nesta análise, nós nos deteremos sobre a relação marcada pelo MD *c'est pourquoi* e aos atos de (1) a (4). De posse, então, das propriedades desse marcador, é possível realizar o cálculo que permite depreender as relações específicas marcadas por ele:

Prémisse 1	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur que, chez les Païens (Gentils), la base même manquait (croyance à l'unicité de Dieu – monothéisme – et aux enseignements de Moïse), que tout était à faire et que les apôtres n'étaient pas assez éclairés pour les convertir.
Prémisse 2	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur que Jésus aurait demandé à ses disciples de semer dans un terrain déjà défriché (où l'on connaissait les bases mosaïques) : les brebis égarés d'Israël.
Prémisse 3	Information lexicale de <i>c'est pourquoi</i>)	Si une information est introduite par <i>c'est pourquoi</i> , elle mène vers une justification de ce qui vient d'être affirmé ⁷⁶ .
Conclusion	Interprétation	L'auteur affirme au lecteur que le fait de Jésus avoir envoyé ses disciples tout d'abord aux brebis égarés d'Israël et pas aux Païens est une réaction / un effet de : 1) chez ceux-ci tout était à faire ; 2) les apôtres n'étaient pas assez éclairés pour les convertir.

Em português, temos a mesma estrutura hierárquico-relacional e os mesmos resultados no cálculo inferencial, o que nos faz acreditar que os conectores *c'est pourquoi* e *por isso que* carreguem instruções procedimentais similares.

pistas que levam à confirmação do que foi expresso / dito anteriormente.

⁷⁶ CNTRL. Fonte: <<http://www.cnrtl.fr/definition/pourquoi>>, acesso em 12 de abr. de 2017.

Premissa 1	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que, entre os pagãos (gentios), até a base faltava (crença na unidade de Deus – monoteísmo – e nos ensinamentos de Moisés), que tudo estava por fazer e que os apóstolos ainda não estavam esclarecidos o suficiente para convertê-los.
Premissa 2	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que Jesus teria dito aos discípulos para semearem em um terreno já cultivado (que já conhecesse as bases mosaicas): <i>as ovelhas desgarradas de Israel</i> .
Premissa 3	Informação lexical (instrução de <i>por isso que</i>)	Se uma informação é introduzida por <i>por isso que</i> , ela apresenta uma justificação do ato anterior.
Conclusão	Interpretação	O autor afirma ao leitor que Jesus ter enviado seus apóstolos primeiramente às ovelhas desgarradas de Israel e não aos pagãos justifica o fato de os apóstolos ainda não estarem suficientemente esclarecidos para converter os gentios, porque, entre estes últimos, ainda estava tudo por fazer.

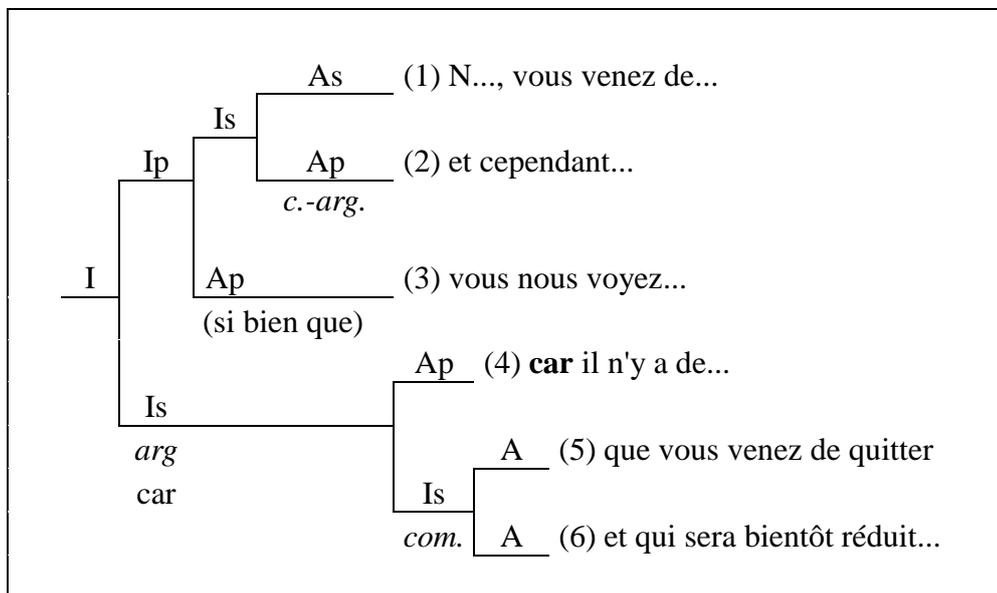
Percebemos que *por isso que* exerce uma função ratificativa entre os trechos que liga, apresentando o segmento que se segue a essa expressão como uma justificação do(s) fato(s) que o precede(m). Isto é, ao lançar mão de *por isso que*, acreditamos que o autor tenta convencer seu interlocutor ao demonstrar a boa fundamentação de um fato com base em argumentos que legitimam o que foi atestado.

4.9 Car x Por isso que

O trecho que agora analisamos faz parte das preces espíritas, contidas na última seção de *L'Évangile selon le Spiritisme*, e apresenta uma prece pelas pessoas que acabaram de falecer (nos termos espíritas, *desencarnar* ou *voltar ao mundo espiritual*).

(1) N...⁷⁷, vous venez de rentrer dans le monde des Esprits, / (2) et cependant vous êtes ici présent parmi nous ; / (3) vous nous voyez et nous entendez, / (4) **car** il n'y a de moins entre vous et nous que le corps périssable / (5) que vous venez de quitter / (6) et qui bientôt sera réduit en poussière (KARDEC, 1864, p. 307-308).

A estrutura hierárquico-relacional, com seus atos e intervenções, de acordo com nossa leitura, se representa da seguinte forma:



Essa sequência, em um todo, se divide em duas intervenções: uma principal, de (1) a (3); e uma subordinada, de (4) a (6). Dentro da intervenção principal, o primeiro ato funciona como uma tese, ao passo que o segundo lhe apresenta um contra-argumento (*c.-arg.*) do tipo mas (proposição marcada por *cependant*, conector tradicionalmente traduzido por *no entanto*).

⁷⁷ Nas preces espíritas, “N...” indica que se diga o nome da pessoa pela qual se faz uma prece.

Por isso, (1) tem o estatuto de subordinado e (2), de principal. Os atos (1) e (2), por sua vez, constituem uma intervenção subordinada ao ato (3), que traz uma consequência lógica, que poderia ter sido sinalizada por *si bien que*. Em outras palavras, se uma pessoa está presente, logo, ela pode ver e ouvir.

Em seguida, deparamo-nos com uma intervenção subordinada, que apresenta uma explicação para a tese *vous nous voyez et nous entendez* (você nos vê e nos ouve). No que diz respeito a essa estrutura, (4) assume o estatuto de ato principal em relação à intervenção formada por (5) e (6), pois ambos apenas introduzem informações que especificam o ato principal, realçando-lhe um detalhe. Os atos (5) e (6), além de se coordenarem entre si, se ligam ao Ap (4) por uma relação de comentário (*com.*).

A partir das informações adquiridas na análise das relações genéricas existentes no texto e das instruções fornecidas pelo MD *car*, passamos ao quadro inferencial com o intuito de apresentar a nossa interpretação desse trecho:

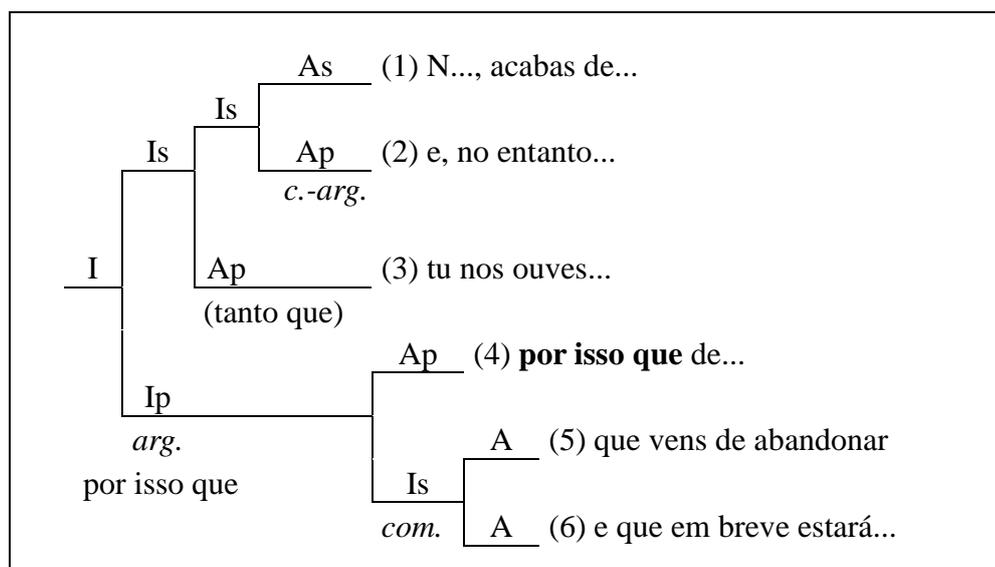
Prémisse 1	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur que quelqu'un vient de décéder, rentrant au monde des Esprits, mais que, même morte, cette personne est toujours entre nous.
Prémisse 2	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur que la personne qui vient de décéder peut nous voir et nous entendre, car il n'y a de moins entre elle et nous que son corps.
Prémisse 3	Information linguistique enrichie	L'auteur affirme au lecteur que le corps est périssable et qu'il sera bientôt réduit en poussière.
Prémisse 4	Information lexicale (instructiono de <i>car</i>)	Si une information est introduite par <i>car</i> , elle présente Q comme une raison de croire à la vérité de P (GROUPE λ -L, 1975), en plus de diriger le lecteur vers une proposition justifiant ce qui vient d'être énoncé ⁷⁸ .
Conclusion	Interprétation	L'auteur affirme au lecteur qu'une personne, même morte, peut nous voir et entendre, ce qui est justifié par le fait qu'il n'y a de moins entre elle et nous que le corps périssable.

⁷⁸ Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales – CNTRL. Disponível em : <<http://www.cnrtl.fr/definition/car>>, acesso em 09 de abr. de 2017.

Poder nos ver e ouvir consiste em uma justificação / legitimação do fato de uma pessoa *desencarnada* (de acordo com a terminologia espírita) continuar presente no meio de nós. Na versão brasileira, *car* foi traduzido por *por isso que*, que, consoante nossa leitura, oferece ao leitor as mesmas “pistas”, permitindo que ele interprete a proposição marcada por esse conector como uma justificativa do que foi atestado anteriormente.

(1) N..., acabas de entrar no mundo dos Espíritos / (2) e, no entanto, presente aqui te achas entre nós; / (3) tu nos vês e ouves, (4) **por isso que** de menos do que havia, entre ti e nós, só há o corpo perecível⁷⁹ / (5) que vens de abandonar / (6) e que em breve estará reduzido a pó (KARDEC, 2011 [1864], p. 483).

De acordo com nossa interpretação, o emprego desse conector não gerou diferenças na estrutura hierárquico-relacional do trecho, muito menos na interpretação do texto. Apresentamos, então, uma estrutura hierárquico-relacional similar à do texto em francês:



As informações que podemos extrair da EHR acima e as instruções que nos são dadas pelo marcador *por isso que* nos conduzem a uma análise mais aprofundada da relação marcada por esse conector:

⁷⁹ Consideramos a tradução que se faz ao ato (4) de muito difícil compreensão. Nós o traduziríamos por: “pois há de menos entre vós (ti) e nós somente o corpo perecível” ou, ainda mais simples, “pois só não há entre vós e nós o corpo perecível” ou “pois o que vós tendes a menos que nós é apenas o corpo perecível”.

Premissa 1	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que alguém acaba de falecer, voltando, então, para o mundo dos Espíritos, mas que, mesmo morta, essa pessoa continua entre nós.
Premissa 2	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que a pessoa que acaba de falecer pode nos ver e ouvir, uma vez que entre ela e nós só não mais existe seu corpo.
Premissa 3	Informação linguística enriquecida	O autor afirma ao leitor que o corpo é perecível e que será, em breve, reduzido a pó.
Premissa 3	Informação lexical (instrução de <i>por isso que</i>)	Se uma informação é introduzida por <i>por isso que</i> , ela introduz uma justificação do(s) fato(s) anteriores.
Conclusão	Interpretação	O autor afirma ao leitor que o fato de <i>entre uma pessoa morta e nós só não mais haver o corpo perecível</i> justifica o fato de ela <i>poder nos ver e ouvir</i> .

A versão em português nos permite fazer a mesma leitura do texto francês. Em outras palavras, o fato de uma *pessoa, mesmo morta, poder nos ouvir e nos ver* é apresentado como algo verídico, que é justificado pela afirmação de que, *entre essa pessoa e nós, só não mais haver seu corpo físico*.

Tanto *car* quanto *por isso que*, neste último exemplo de nosso corpus, introduzem uma justificação das proposições que os precedem. Ambos os conectores tentam convencer o interlocutor da veracidade do que afirmam, atestando / validando o que se alega.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo de nossa dissertação, ao analisar o funcionamento do marcador discursivo *por isso que*, era buscar quais suas características e saber de que forma ele conecta dois enunciados, contribuindo, assim, para os estudos de uma expressão que ainda não foi estudada no nível do texto e do discurso até então.

Depois de apresentadas as análises dos nove empregos dessa expressão conectiva em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, acreditamos que *por isso que* permita ligar duas proposições sinalizando uma relação de *justificação*, do latim, união de *justus* e *facio*, em português, *fazer justiça a / tornar justa* alguma afirmação (GAFFIOT, 1934, p. 875).

Em outras palavras, o valor justificativo dessa expressão é indissociável de seu valor argumentativo na medida em que não apenas a conexão que existe entre os dois enunciados ligados por *por isso que* é feita sobre uma relação de causalidade entre as duas proposições, em que o primeiro enunciado é apresentado como a causa do segundo; mas sobretudo porque, de acordo com nossa interpretação, em estruturas do tipo *A por isso que B*, a informação apresentada em *A* é justificada / ratificada / validada / atestada por um argumento *B* que busca convencer o interlocutor da veracidade de *A*.

Confrontando *L'Évangile selon le Spiritisme*, em francês, e a tradução proposta por Guillon Ribeiro, a expressão *por isso que* acabou possibilitando interpretações diferentes apenas nos enunciados marcados por *parce que* (4.1) e *puisque* (4.4). Nos demais casos, a tradução de *c'est pourquoi* (4.2, 4.5 e 4.8), *car* (4.3, 4.6 e 4.9) e *c'est ainsi que* (4.7), para *por isso que* parece-nos ter oferecido ao leitor as mesmas “pistas” para a interpretação do texto que o texto em francês, na medida em que essa expressão marca enunciados em que se apresenta uma justificação do que foi atestado anteriormente.

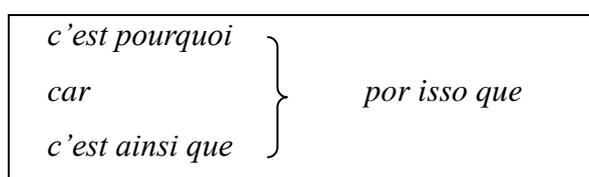
Salvo os excertos analisados em 4.1 e 4.4, acreditamos que o que teria possibilitado o uso de *por isso que* em português seja o fato de Guillon Ribeiro, assim como Allan Kardec, tentar validar / justificar junto ao seu interlocutor as razões que estão na origem da ação descrita no enunciado que precede essa expressão.

Em resumo, os exemplos que apresentamos em nossa dissertação nos levam a afirmar que, com *por isso que*, o locutor parece buscar essencialmente convencer o seu interlocutor da validade da informação apresentada no primeiro enunciado. Ao lançar mão desse conector, ele atesta a veracidade do primeiro enunciado. Dessa forma, podemos dizer que, do ponto de

vista argumentativo, *por isso que* marca um segmento que deve ser interpretado como um argumento que justifica uma afirmação manifestada anteriormente.

Ou seja, o locutor, empregando a sequência *A por isso que B*, tenta justificar a ação ou o fato expresso em *A*; para isso, ele não apenas apresenta um fato tido verídico, como tenta ratificá-lo ao apresentar *B* como elemento que confirma / atesta / valida essa veracidade.

Podemos dizer, com base nos trechos que investigamos, que diferentes marcadores discursivos do francês puderam ser traduzidos por *por isso que* sinalizando a mesma ideia de justificação daqueles:



Nesta nossa primeira pesquisa, constatamos que as expressões *c'est pourquoi*, *car* e *c'est ainsi que* podem sinalizar as mesmas informações que *por isso que*. Vimos também que os conectores *parce que* e *puisque*, ao menos nos exemplos que encontramos, não encerram a mesma ideia de retificação / legitimação / justificação sinalizada pelo MD *por isso que*.

Nossa pesquisa foi a primeira investigação sobre o papel do MD *por isso que* no âmbito da Análise do Texto e do Discurso, e ainda estamos longe de esgotar este assunto: ainda temos muito caminho a percorrer, como, por exemplo, compreender as diferenças entre *por isso* e *por isso que*, descobrir que atos ilocucionários podem seguir essa expressão, assim como averiguar qual a função de *isso* no interior *por isso que*. Buscaremos respostas para essas indagações em projetos futuros.

REFERÊNCIAS

- ABBADIE, C. ; CHOVELON, B. ; MORSEL, M.-H. *L'expression française*. Grenoble : Presses de l'Université de Grenoble, 1976.
- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009 [1943].
- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 32. ed. São Paulo: Saraiva, 1983.
- ALMEIDA, D. M. V.; MARINHO, J. H. C. Dos marcadores discursivos e conectores: conceituação e teorias subjacentes. *Gláuks*, v. 12, n. 1. 2012. p. 169-203.
- ARRIBAS, C. G. *A Doutrina Espírita na formação da diversidade religiosa brasileira*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011. Acessado em: 03 de março de 2015.
- AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Publifolha, 2014.
- BECHARA, E. *Lições de português pela análise sintática*. 11. ed. rev. Rio de Janeiro: Grifo, 1978.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. ver., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BÉRARD, E.; LAVENNE, C. *Grammaire utile du français : modes d'emploi*. Paris : Didier, 1991.
- BLAKEMORE, D. *Constraints on relevance*. Oxford: Blackwell, 1987.
- BOLOGNE, J.-C. *História do pudor*. Tradução de Telma Costa. Rio de Janeiro: Elfos, 1990.
- BOULARÈS, M.; FRÉROT, J.-L. *Grammaire progressive du français : avancé*. s/l. : CLE Internationale, 2015.
- CAMARGO, M. M. *Hermenêutica e argumentação: uma contribuição ao estudo do Direito*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Renovar, 2003.
- CARLUCCI, B. Horizontes que se fundem: abordagens e teorias da pesquisa sobre traduções de textos budistas. *Belas Infieis* (Brasília), v.1, n. 1, p. 83-93, 2012.
- CARMO, C. M. Implicações socioculturais e ideológicas da tradução de textos sensíveis: reflexões a partir do Pai Nosso e suas múltiplas possibilidades de leitura. *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, SC, v. 11, n. 1, p. 127-148, jan./abr. 2011.

- CAVALCANTI, M. L. V. C. *O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de Pessoa no Espiritismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.
- CENTRE NATIONAL DE RESSOURCES TEXTUELLES ET LEXICALES. Disponível em <<http://www.cnrtl.fr/>>.
- CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris : Hachette, 1992.
- CHAVES DE MELO, G. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: [s.e.], 1978.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, G. X. *A função de conectores argumentativos no texto da proposta curricular de Minas Gerais*. Alfa, v. 54, p. 203-222, 2010.
- CUNHA, G. X. *As condições de emergência da função reformulativa do conector quando em reportagens*. Revista Estudos Linguísticos. v. 22. n. 2. Belo Horizonte, 2014. p. 143-170.
- CUNHA, G. X. *Para entender o funcionamento do discurso: uma abordagem modular da complexidade discursiva*. Curitiba: Appris, 2014.
- CUNHA, G. X.; MARINHO, J. H. C. *Os conectores como sinalizadores do processo de negociação: uma abordagem cognitivo-interacionista*. Revista (Com)textos linguísticos. v.9. n. 12. 2015. p. 75-94.
- DELATOUR, Y. *et al. Nouvelle Grammaire du Français: Cours de Civilisation Française de la Sorbonne*. Paris : Hachette, 2004.
- DELISLE, J. *Analyse du discours comme méthode de traduction : théorie et pratique*. Ottawa : Éditions de l'Université d'Ottawa. 1984.
- DICTIONNAIRE LAROUSSE. Disponível em <<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/>>.
- DUCROT, O. *et al. Les mots du discours*. Paris : Les Éditions de Minuit, 1980.
- FORGET, D. « C'est pourquoi votre fille est muette », ou l'analyse sémantique d'un connecteur argumentatif. In : *Revue québécoise de linguistique : syntaxe et sémantique des connecteurs*, vol. 15, n. 1. Montreal: Université du Québec à Montréal, 1985.
- FRASER, B. Towards a theory of discourse markers. In: FISCHER, K. (ed.). *Approaches to discourse particles*. Amsterdam: Elsevier, 2005
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Paris : Hachette, 1934.

- GOHN, C. A. Pesquisas em torno de textos sensíveis: os livros sagrados. In: PAGANO, A. S. (Org.). *Metodologias de pesquisa em tradução* (Estudos Linguísticos; 3). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. p. 147-170.
- GROUPE λ-L. Car, parce que, puisque. *Revue Romane 10*. Paris: Société de Linguistique Romane, 1975, p. 248-280.
- KARDEC, A. *L'Évangile selon le spiritisme* : contenant l'explication des maximes du Christ – leur concordance avec le Spiritisme et leur application aux diverses positions de la vie. Troisième édition revue, corrigée et modifiée. Tours : Union Spirite Francophone, 1864.
- KARDEC, A. *O Evangelho segundo o espiritismo*: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida [tradução de Guillon Ribeiro da 3ª edição francesa, revista, corrigida e modificada pelo autor em 1866]. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011.
- LEWGOY, B. *A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial*. Relig. soc. [online]. 2008, vol.28, n.1 [cited 2014-09-05], pp. 84-104. ISSN 0100-8587. Fonte: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872008000100005>>. Acesso em 1º de junho de 2016.
- LOBO, M. Para uma sintaxe das orações causais do português. In: C. Correia & A. Gonçalves (eds.), *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2001. p. 290-306.
- LOISEAU, R. *Grammaire Française*. Paris: Hachette, 1976.
- LOPES, M. M. M. A sensibilidade na tradução de textos sagrados. *Todas as Letras* (São Paulo), v. 11, n. 2, p. 62-73, 2009.
- LUSCHER, J.-M. Les marques de connexion: des guides pour l'interprétation. In : *Langage et pertinence*. Nancy : Presses Universitaires de Nancy, 1994. p. 175-226.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 2. ed. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes – Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- MARINHO, J. H. C. *O funcionamento discursivo do item onde: uma abordagem modular*. Belo Horizonte, 2002. 305 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – POSLIN, Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.
- MARINHO, J. H. C. *Uma abordagem modular e interacionista da organização do discurso*. Revista da Anpoll 16. São Paulo. Jan/jun. 2004. p. 75-100.
- MARINHO, J. H. C.; CUNHA, G. X. O papel das expressões “com efeito” e “seja como for” na conexão textual. In: *Mal-Estar e Sociedade*. Ano 5, n. 8. Barbacena: EdUEMG, 2012.

p.139-166.

MIGUEL, J. *Estudos de Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Habra, 1989.

MESCHLER, J. Connecteurs et inférence. In : *Sýndesmoi*. Milão : Vita et pensiero, 2006.

MESCHLER, J. Connecteurs, encodage conceptuel et encodage procédural. In : *Cahiers de linguistique française 24* : nouveaux regards sur les mots du discours marquage. Genebra : Université de Genève, 2002. p. 265-292.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NIDA, E. A. Translating a text with a long and sensitive tradition. In: SIMMS, K. *Translating sensitive texts: linguistic aspects*. Amsterdam – Atlant, GA, 1997. p. 189-196.

O DOMINGO : semanário litúrgico-catequético. Ano LXXXV – Remessa V – 14/04/2017 – nº 18. São Paulo: editora Paulus, 2017.

PASTURA, A. F. P. *Francês urgente para brasileiros* : soluções simples e rápidas para aprender de vez. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

PERRET, J. Traduction et parole. *Problèmes de la traduction littéraire*. Textes des conférences présentées au cours d'un séminaire organisé pendant l'année académique 1973-1974. Louvant. Bibliothèque de l'Université. 1975. p. 9-27.

PIRES, M. S. O. *Estratégias discursivas na adolescência*. São Paulo : Arte e Ciência / UNIP, 1997.

POISSON-QUINTON, S.; MIMRAN, R.; COADIC, M. M.-L. *Grammaire expliquée du français* : niveau intermédiaire. Luçon: CLE International, 2012.

PORTOLÉS, J. Marcadores del discurso y traducción. In: PALACIOS, J. G.; FUENTES, M. T. (Eds.). *Texto, terminología y traducción*. Salamanca: Almar, 2002. p. 145-167.

PORTOLÉS, J. *Marcadores del discurso*. Barcelona: Ariel, 2007.

REBOUL, A. ; MOESCHLER, J. *Pragmatique du discours*. De l'interprétation de l'énoncé à l'interprétation du discours. Paris : Armand Colin, 1998.

REFORMADOR: revista de espiritismo cristão. Ano 132, nº 2.221, abril de 2014. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

RIBEIRO, L. B. O habitus religioso espírita: uma interpretação sociológica. *Revista de Ciências Humanas* (Universidade de Viçosa), v. 3, n. 1, julho de 2003.

RICŒUR, P. *Sobre a tradução*. Tradução e prefácio de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011 [2004].

ROBERT, P. *Le Petit Robert* : dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Paris : Dictionnaires le Robert, 2011.

- ROSSARI, C. *Les moyens détournés d'assurer son dire*. Paris : PUPS, Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2007.
- ROSSARI, C. *Connecteurs et relations de discours: des liens entre cognition et signification*. Nancy : Presses Universitaires de Nancy, 2000.
- ROULET, E.; FILLIETAZ, L.; GROBET, A. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne : Lang, 2001.
- SANTOS, C. N. F. *O conector daí na língua escrita: uma abordagem modular*. Belo Horizonte, 2002. 94 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – POSLIN, Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.
- SCHÄFFNER, C. Political Texts as Sensitive Texts. In: SIMMS, K. *Translating sensitive texts: linguistic aspects*. Amsterdam – Atlant, GA, 1997. p. 131-138.
- SILVE, S. *Étude comparative de quelques connecteurs pragmatiques dans les textes écrits en français avec leur traduction en portugais brésilien*. 1999. 216 f. Tese (doutorado em Linguística) – Département de linguistique et traduction de la Faculté des arts et des sciences, Université de Montréal, Montréal, 1999.
- SIMMS, K. *Translating sensitive texts: linguistic aspects*. Amsterdam – Atlant, GA, 1997.
- WANTUIL, Z. *Grandes Espíritas do Brasil*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1969.